UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL

TAMARA DE LIMA

ENTRE A ESPADA, A CRUZ E A PENA: IMPRESSÕES SOBRE O *TAWANTINSUYU* NOS PRIMEIROS RELATOS DA CONQUISTA

FRANCA
2010

TAMARA DE LIMA

ENTRE A ESPADA, A CRUZ E A PENA: IMPRESSÕES SOBRE O *TAWANTINSUYU* NOS PRIMEIROS RELATOS DA CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como exigência para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História e Cultura Social.
Orientadora: Profª. Drª. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal.

FRANCA
2010

Lima, Tamara de
Entre a espada, a cruz e a pena : impressões sobre o Tawantinsuyu nos primeiros relatos da conquista / Tamara de Lima. –Franca : UNESP, 2010.

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP

1. Peru – História – Conquista. 2. Conquistadores – América espanhola.

CDD – 985.02

TAMARA DE LIMA

ENTRE A ESPADA, A CRUZ E A PENA: IMPRESSÕES SOBRE O *TAWANTINSUYU* NOS PRIMEIROS RELATOS DA CONQUISTA

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como exigência para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de concentração: História e Cultura Social.
Orientadora: Profª. Drª. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal.

BANCA EXAMINADORA

Presidente:_____
Profª. Dr.ª Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal

1º Examinador (a):_____

2º Examinador (a):_____

Franca, __ de _____de 2010.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela bolsa concedida.

À minha família, em especial minha mãe Roma de Fátima Lima e minha irmã, Shirley de Fátima Lima pelas preocupações e incentivo.

À professora Drª. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal pela orientação desde a Iniciação Científica.

Aos professores Lélio Luiz de Oliveira e Tânia da Costa Garcia pela participação no Exame de Qualificação.

À Simone Ferreira Gomes de Almeida, pela amizade de tantos anos; por compartilhar dos bons e maus momentos, das dúvidas e incertezas e também pelas leituras.

Aos amigos e companheiros de república Ana Carolina Viotti, Rafael Afonso Gonçalves e Michelle Tatiane Souza e Silva. Obrigada pela amizade, leituras, livros e pelas conversas. Também à "agregada" Caroline Silva Severino pela alegria que sempre proporciona com sua presença.

Ao amigo Márcio, companheiro de "aventuras" em terras peruanas.

Ao Gunter pela contribuição na fase final do trabalho, pelo carinho e compreensão e por tornar mais suportáveis as dificuldades.

Aos funcionários da biblioteca da UNESP-Franca, em especial, Frederico Coelho Goulart de Andrade, Laura Odette Dorta Jardim e Márcio Augusto Garcia.

LIMA, Tamara de. **Entre a espada, a cruz e a pena**: impressões sobre o Tawantinsuyu nos primeiros relatos da conquista. 2010. 104 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2010.

RESUMO

Nessa pesquisa, nos propomos a analisar os relatos escritos pelos primeiros conquistadores do antigo Peru, relatos estes, constituídos por Cartas e Relações e que compartilham da característica comum de terem sido escritos pelos próprios participantes da conquista. Não pretendemos reconstituir a história da conquista do Peru, tema já tão visitado pela historiografia. Nossa intenção consiste em verificar quais são as sensações provocadas por este Novo Mundo, as expectativas, os medos e as frustrações que acompanharam esses homens durante as viagens que culminaram na tomada de Cajamarca e na captura e morte do Inca Atahualpa. Com isso, almejamos demonstrar como os conquistadores se viram nesse mundo desconhecido, qual a imagem que cunharam de si mesmos e quais os motivos que para eles justificavam a conquista. Mais especificamente, examinaremos quais foram as ideias e imagens construídas por esses conquistadores acerca dos povos e terras que encontraram e acerca de si próprios. Para isso, levaremos em consideração em que medida as ideias com as quais esses homens tiveram contato anteriormente estabeleceram parâmetros para suas conclusões.

Palavras-chave: crônicas. conquistadores. Tawantinsuyu. conquista. incas.

LIMA, Tamara de. **Between the sword, the cross and the feather**: impressions of the Tawantinsuyu in the first reports of the conquest. 2010. 104 f. Dissertation (Mester in History and Social Culture) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2010.

ABSTRACT

In this research, we consider to analyze the reports written from the first conquerors of old Peru, constituted of Letters and Relations and that share the common characteristic of have been written for the own participants of the conquest. We do not intend to reconstitute the history of the conquest of Peru, subject already so visited by the historiography. Our intention consists in verify which is the sensations provoked for this New World, the expectations, the fears and the frustrations that had came along with these men during the trips that had culminated in the taking of Cajamarca and the capture and death of the Atahualpa Inca. With this, we intend to demonstrate how the conquerors saw themselves in this unknown world, which image they designed of themselves and which reasons could be valid to justify the conquest. More specifically, we will examine which were the ideas and images constructed from these conquerors concerning the peoples and lands they had found and also concerning themselves. For this, we will lead in consideration how the ideas with these men had had contact previously established parameters for its conclusions.

Key words: chronicles. conquerors. Tawantinsuyu. the conquest. incas.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – A Terra Firme.....44

MAPA 2 – As primeiras expedições na costa do Pacífico (1524-1528).....52

MAPA 3 – A conquista do Peru (1532-1535).....66

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....08

CAPÍTULO 1 RELATAR E VIAJAR.....19
1.1 As Crônicas de Índias e os primeiros relatos da conquista.....19
1.2 Aventurar-se rumo às Índias.....32

CAPÍTULO 2 A CONQUISTA DO *TAWANTINSUYU*.....43
2.1 As primeiras evidências de um reino fabuloso.....43
2.2 Alguns anos de errância por terras desconhecidas.....51

CAPÍTULO 3 IMAGENS DO *TAWANTINSUYU* CRIADAS PELOS CRONISTAS.....72

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....97

APRESENTAÇÃO

A história da conquista do *Tawantinsuyu*[1] – termo quéchua utilizado para referenciar o território dos incas – foi tema de inúmeros trabalhos. Apoiados por fontes quinhentistas, genericamente denominadas de "Crônicas de Índias", os historiadores ou aqueles que se ocuparam do tema, pelo menos até meados do século XX, preocupavam-se com a tentativa de reconstituição da história da conquista tal e como havia se passado "realmente". Essa historiografia, devedora do positivismo, também se ocupara da questão da autenticidade do documento, de sua legitimidade, e buscou traçar algumas classificações dessas crônicas agrupando-as segundo critérios distintos: cronológico, pelo assunto a que se dedicam e pela nacionalidade, profissão e etnia do cronista[2]. Essas classificações apresentam alguns problemas, pois existem cronistas e crônicas que não se encaixam em nenhuma delas, conforme observou Maria Concepción Bravo Guerrera[3], o que torna difícil a fixação de uma categoria indiscutível para essas fontes. Além do mais, esse cuidado em traçar classificações reflete o momento no qual os questionamentos históricos estavam inseridos. Os relatos que estudamos compartilham da característica comum de terem sido escritos por homens que vivenciaram os fatos que narram, ou seja, a conquista do *Tawantinsuyu*, mas obviamente, não optamos por seguir nenhuma classificação. Isso porque estamos cientes de que não se trata de um corpo documental homogêneo, já que, entre outras coisas, esses relatos foram escritos com diferentes intuitos, para leitores diversos e seus escritos refletem tais divergências.

Assim, com a finalidade de reconstituir a história da conquista do *Tawantinsuyu*, as fontes a que nos propomos analisar foram utilizadas pelos pesquisadores com diferentes objetivos, talvez, como observou Rafael Varón Gabai[4], uma constante nesses estudos, seja o fato de que a maioria busca uma explicação para a queda de uma poderosa civilização, como a

---

[1]As quatro partes que formavam o território dos Incas: *Antesuyu*, *Colassuyu*, *Contisuyu* e *Chinchasuyu*. In: GONZALEZ HOLGUIN, Diego. **Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada qquichua o del Inca**. Lima: UNMSM, 1989, p. 336.

[2] Um dos primeiros estudos sobre a conquista do Peru baseado nos primeiros relatos escritos sobre o assunto é de PRESCOTT, William. **Historia de La conquista del Perú**. Lima: Peisa, 19??, v. 1 e v. 2. (A primeira edição é de 1848). Acerca de estudos que buscaram traçar classificações das crônicas e cronistas do Peru, destacamos: MARKHAN, Clements. **The incas of Peru**. London: Smith Elder & CO, 1910; RIVA-AGUERO, José de la. **La Historia en el Perú**. Lima: Imprenta Nacional de Federico Barrionuevo, 1910; MEANS, Philip Ainsworth. **Ancient Civilizations of the Andes**. New York: Charles Scribner'sons, 1931; BAUDIN, Louis. **El império socialista de los Incas**. Santiago: Zig-Zag, 1945; SANTISTEBAN OCHOA, Julián. **Los cronistas del Perú:** contribución al estudio de las fuentes de historia peruana. Cuzco: Librería e Imprenta D. Miranda, 1946; PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Fuentes históricas peruanas**. Lima: UNMSM, 1963; **Las relaciones primitivas de La conquista del Perú**. Lima: UNMSM, 1967; **Los cronistas del Perú** (1528-1650) y otros ensayos. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1986.

[3] BRAVO, GUERRERA, Maria Concepción. Cincuenta años de edición y estudios de fuentes documentales y crónicas de Indias en España. **Revista de Indias**, Madrid: v. 50, n. 188, p. 9-50, 1990.

[4] VARÓN GABAI, Rafael. **La ilusión del poder**: apogeo y decadencia de los Pizarro en la conquista del Perú. Lima: IFEA, 1997, p. 17.

incaica, diante do Império espanhol. Com essa intenção, analisam aspectos religiosos, militares, políticos e culturais relacionados à invasão, conquista e colonização do *Tawantinsuyu*.

Não pretendemos, no espaço dessa dissertação, reconstituir a história da conquista do Peru, tema já tão visitado pela historiografia. Nossa preocupação voltou-se para a análise do processo vivido por espanhóis do início do século XVI, ou seja, conquistadores dos primeiros tempos e sua tentativa de compreenderem o Novo Mundo que tinham diante dos olhos e mais que isso, na compreensão de si mesmos nesse mundo desconhecido. Nossa intenção, portanto, consistiu em mapear, quais são as sensações provocadas por este Novo Mundo, as expectativas, os medos, as frustrações que acompanharam esses homens durante o percurso até Cajamarca e daí até à captura e morte de Atahualpa. Com isso, pretendemos analisar como se deu a construção desse mundo desconhecido por parte dos conquistadores no momento em que dois mundos e duas culturas extremamente diferentes se encontraram e se transformaram, momento este, propício para compreendermos quais são as ideias que perpassam o imaginário espanhol na interpretação de um mundo e povos até então desconhecidos. Além do mais, como destacou Elliott, referindo-se à necessidade de prosseguimento das pesquisas sobre os textos espanhóis relativos à América, o estudo desses relatos pode nos revelar dados interessantes sobre a sociedade europeia do período, sobre as concepções, atitudes e pré-juízos que fazem parte da bagagem mental dos europeus do início da Idade Moderna em suas viagens pelo mundo[5].

Sendo assim, examinaremos quais foram as "ideias e imagens"[6] construídas por esses conquistadores acerca dos povos e terras que encontraram e acerca de si mesmos. Mais especificamente, almejamos demonstrar como os conquistadores se viram nesse mundo desconhecido, qual a imagem que cunharam de si mesmos, do outro e do *Tawantinsuyu*. Para isso, levaremos em consideração em que medida as ideias com as quais esses homens tiveram contato anteriormente estabeleceram parâmetros para suas conclusões sendo possivelmente determinantes nessa interpretação. Para tanto, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, inserimos uma breve reflexão sobre as fontes abarcadas por nossa pesquisa,

---

[5] ELLIOTT, John Huxtable. **El Viejo Mundo y el Nuevo** (1492-1650). Madrid: Alianza Editorial, 1972, p. 19.

[6] "idéias e imagens" pode ser substituído pela noção de "representações", "[...] que permite articular três registros da realidade: por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver recohecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada [...]". CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 11. A noção de representação encontra-se também em: CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

comumente denominadas “Crônicas de Índias”. Assim, buscamos primeiramente compreender esse gênero enquanto fonte documental específica, quais os textos que se inserem nesse conjunto variado e algumas de suas características. Em meio a essa análise verificamos também a existência de algumas peculiaridades comuns no conjunto de nossas fontes - constituído por Cartas e Relações - escritas pelos espanhóis que adentraram pela primeira vez em território incaico. Nessa primeira etapa também discorremos sobre as expectativas que o Novo Mundo oferecia ao horizonte dos homens que para lá embarcavam e os motivos que os animavam a se aventurarem nessas expedições conquistadoras, sempre buscando inserir reflexões sobre nossas fontes e, nesse caso, sobre o grupo de conquistadores que estudamos. Desse modo, trabalharemos com os ideais que envolviam a “aventura das Índias”, a saber, a busca por enriquecimento rápido – que permitia o acesso à honra e à fama – e por alargar os domínios da Igreja católica e consequentemente, o da Espanha. Para tal intento, fez-se indispensável atentar para o estímulo exercido pela literatura cavaleiresca que alimentava a imaginação em torno das terras desconhecidas e, para além disso, oferecia um código de conduta do cavaleiro virtuoso e honrado a ser seguido. Esse estudo se fez necessário porque acreditamos que facilitará a compreensão dos demais capítulos, além de discorrer sobre um dos símbolos da conquista de suma importância para essa pesquisa: a pena. Igualmente, os demais pontos analisados nesta primeira etapa do trabalho serão de grande valia na medida em que permitirão um melhor entendimento sobre as idéias que perpassam o imaginário dos conquistadores, possivelmente determinantes na interpretação do desconhecido e que serão desdobradas ao longo do trabalho.

No segundo capítulo passamos a discorrer sobre o processo de conquista sob a ótica daqueles que o presenciaram. Isso porque, a conquista do antigo Peru é conhecida principalmente em sua fase final: a captura e morte do soberano Atahualpa em Cajamarca e a tomada do *Tawantinsuyu*. Mas, antes desses acontecimentos, Francisco Pizarro e seus homens viveram alguns anos de errância por terras desconhecidas. Assim, verificaremos em que medida os percalços sofridos durante esses anos justificavam o objetivo final para esses homens, já que, mesmo após tantos padecimentos passados nas duas viagens preliminares, uma terceira foi possível e não faltaram interessados em participar. Além disso, analisaremos de que forma os ideais que envolviam a “aventura das Índias” ainda tiveram um papel importante nesse momento em que a experiência havia se imposto à imaginação. Nessa análise, atentaremos para um possível interesse subjacente em tais descrições: o engrandecimento dos atos e demonstrações de bravura, o que possibilitaria a esses homens o reconhecimento por parte da Coroa de Espanha que lhes outorgaria títulos e cargos e lhes

daria o mesmo *status* de um cavaleiro virtuoso, permitir-lhes-ia enriquecer e alcançar honra e fama. Além disso, esse empenho em ressaltar os "grandes feitos", pode ter contribuído para a construção daquilo que Matthew Restall denomina de "o mito dos homens excepcionais"[7]. Devido aos objetivos propostos para esse capítulo, não foi possível nos furtar à narrativa dos acontecimentos, sendo que, foram privilegiados os episódios que vão ao encontro dos mesmos.

No terceiro capítulo, verificaremos as representações construídas pelo grupo de conquistadores que estudamos acerca dos povos e terras que encontraram e acerca de si mesmos, análise já iniciada no segundo capítulo. Mas, nessa etapa, trabalharemos com as descrições da terceira viagem empreendida por Pizarro que culminou na tomada de Cajamarca e no aprisionamento do Inca. Sendo essa a viagem "gloriosa", examinaremos como a conquista e os ideais que a envolviam são justificados por esses homens para os outros e para si mesmos contribuindo para a construção de certas representações, sempre tendo em vista os possíveis interesses subjacentes. Em outras palavras, nessa parte do trabalho buscaremos demonstrar como os conquistadores se viram nesse mundo desconhecido, qual a imagem que cunharam de si mesmos e quais os motivos que para eles justificavam a conquista sendo determinantes na visão que tiveram do outro e do *Tawantinsuyu*. A importância dessa análise reside no fato de que foi através de muitos desses relatos que a Europa conheceu essa porção do Novo Mundo. Além disso, essas descrições foram apropriadas por cronistas posteriores que, de certa forma, ajudaram a solidificar tais representações.

Depois de exposto os principais pontos da pesquisa, acreditamos que se faz necessária uma breve apresentação dos relatos da conquista abarcados por essa pesquisa. A escolha desses escritos se deu entre aqueles que foram redigidos pelos primeiros homens a adentrarem em território incaico, ou seja, que estiveram ao lado de Pizarro nas expedições conquistadoras. O primeiro documento que se conservou[8] relativo à expedição de Francisco Pizarro e Diego de Almagro é a carta de Pedrarias Dávila, governador do Panamá, que fora dirigida ao rei em abril de 1525[9]. Nela, aparece o primeiro indício da existência de terras ao sul do Panamá e de suas prováveis riquezas, mas nessa carta, o governador se ocupa principalmente da conquista da Nicarágua.

---

[7] RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
[8] Sabe-se da existência de Cartas e Relações que se perderam. Um exame minucioso dessa documentação perdida encontra-se em: PORRAS BARRENECHEA, 1967 e 1986, op., cit.
[9] Carta publicada por PORRAS BARRENECHEA, 1967, op., cit., p. 59-62 e em **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959, p. 1.

Em 1527, na segunda viagem que empreendeu Pizarro na tentativa de chegar ao *Tawantinsuyu*, ele e seus homens ficaram presos na denominada Isla del Gallo onde esperavam por socorro. Nessa ilha, os homens que se aventuraram com o capitão em busca de terras desconhecidas também escreveram cartas aos funcionários reais e aos parentes num momento em que se encontravam, ao que tudo indica, desesperados. Tais cartas, nove no total[10], foram analisadas, sobretudo, no capítulo 2, quando atentamos para os percalços sofridos nas primeiras tentativas de conquista.

Afora essas cartas, existe uma Relação que ficou conhecida como *Relación Sámano-Xerez* depois que Porras Barrenechea, seguindo ao erudito espanhol Jiménez Placer, atribuiu a autoria da Relação a Francisco de Xerez e a publicou pela primeira vez em 1937 em *Las relaciones primitivas de la conquista del Perú* com esse nome. Esses autores acreditam que Juan de Sámano, secretário do rei que nunca havia posto os pés nas Índias, a teria assinado apenas para dar-lhe um caráter oficial e quem a teria escrito era Xerez, que se tornaria, logo depois, o escrivão oficial de Pizarro, com base nas notícias dadas pelo piloto Bartolomé Ruiz, por Pedro Corzo e Juan Cabezas. A atribuição da autoria da Relação a Francisco de Xerez é refutada por alguns autores como Maria Concepción Bravo Guerrera[11] que em duas ocasiões se vale de uma forte argumentação para demonstrar que o autor desse relato não pode ser Xerez, assim também o faz, Raúl Marrero Fente[12]. Esses autores, embasados em grande medida pelo conteúdo (minuciosa descrição de uma balsa) e estilo de escrita (muito diferente do texto de Xerez) da Relação, acreditam que seu autor só pode ser um marinheiro ou o próprio piloto da expedição Bartolomé Ruiz[13]. Seja como for, esse texto, muito breve, é o único relato direto e imediato das duas viagens preliminares de Pizarro em busca do Peru entre 1525 e 1527. Nele, é descrito as jornadas de Pizarro pelas costas de Nova Granada e Quito – a costa dos Manguezais, o rio San Juan, a baía de San Mateo – e o encontro do barco de vela incaico pelo piloto Ruiz.

---

[10] Essas cartas foram publicadas por: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., é fruto do trabalho de investigação do pesquisador realizado entre 1934 e 1950 em arquivos e bibliotecas da Espanha, bem como nas cidades de Paris, Londres e Viena.

[11] BRAVO GUERRERA, Maria Concepción. ¿Fue Francisco de Xerez el autor de la Relación-Sámano? Anotaciones al viaje de descubrimiento del Perú. **Anuario de Estudios Americanos**, Sevilha, n. 33, p. 33-55, 1976 e na edição que preparou da crônica de: XEREZ, Francisco. **Verdadera Relación de la conquista del Perú.** Madrid: Historia 16, 1985, p. 169-174.

[12] MARRERO FENTE, Raúl. Teoría y práctica de los modelos historiográficos en la relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro. In: REGALADO HURTADO, Liliana; SOMEDA Hidefuji. **Construyendo historias**. Aportes para la historia hispano-americana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

[13] Lembremos que a noção de "autoria" não existe para época. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992. A questão de sabermos hoje quem foi o "autor" desse relato e dos demais que estudamos é de somenos importância para os objetivos dessa pesquisa. Ao longo da dissertação, preferimos nos referir a seu escritor como o "anônimo".

A maioria dos homens que participaram da conquista e relataram esse momento, escrevem paralelamente ao feito ou imediatamente depois, entre 1532 e 1535. Entre os homens que estiveram ao lado de Francisco Pizarro na conquista do *Tawantinsuyu* e que registraram suas impressões, encontram-se Hernando Pizarro, Cristobal de Mena, Francisco de Xerez, Pedro Sancho de Hoz, Miguel de Estete, Juan Ruiz de Arce, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro[14], os três últimos escreveram entre 1540 e 1571, relataram suas memórias menos recentes.

Em 1529, Francisco Pizarro regressou à Espanha para solicitar licença para a conquista do Peru e conseguir homens decididos a acompanhá-lo. Nessa ocasião, em Trujillo, Pizarro conheceu a seus irmãos Hernando, Juan e Gonzalo Pizarro. Todos os Pizarro, inclusive um primo dos irmãos Pizarro, chamado Pedro, de mesmo sobrenome partiram para a conquista. Hernando Pizarro[15] era o único filho legítimo do capitão Gonzalo Pizarro com sua esposa Isabel de Vargas. Na expedição conquistadora, depois de seu irmão, ocupava o primeiro posto de capitão. Em junho de 1533 regressou à Espanha para entregar ao Rei "o quinto" de resgate do Inca. Ao passar por Santo Domingo, informou à Audiência dessa cidade sobre o ocorrido nas terras então conquistadas e essa é a primeira versão oficial da queda do *Tawantinsuyu* que temos. A *Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo*[16] de 23 de novembro de 1533 é clara e objetiva e, naturalmente, trata de engrandecer a figura de seu irmão. O original da carta não se conhece, acredita-se que foi copiada pelo cronista Gonzalo Fernández de Oviedo em sua *Historia General y Natural de las Índias* e editada pela primeira vez em 1855. Depois disso, obteve sucessivas edições. No Peru foi publicada na *Colección Urteaga-Romero*, em 1921 e em 1938; por Raúl Porras Barrenechea em 1959 e pela *Biblioteca Peruana* em 1968. A editora *Espasa Calpe* na Argentina a incluiu em *Três*

---

[14] As informações biográficas dos cronistas e de seus respectivos relatos que se seguem foram consultadas nas seguintes obras: CARRILO ESPEJO, Francisco. **Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista**. Lima: Editorial Horizonte, 1987; ESTEVE BARBA, Francisco**. Historiografia indiana**. Madrid: Gredos, 1964; MENDIBURU, Manuel. **Diccionario histórico-biográfico del Perú**. Lima: Librería e Imprenta Gil, 1933, Tomos VI, VII e IX; PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., e SANTISTEBAN OCHOA, 1946, op., cit.

[15] Nasceu em Trujillo de Estremadura entre 1501 e 1502, havia recebido educação formal. Esteve em batalha com seu pai na Itália, se distinguiu em Logroño e foi capitão nas guerras de Navarra. Hernando era mais jovem que Francisco Pizarro. Ao regressar à Espanha depois da morte de Atahualpa, Carlos V lhe outorgou honras e encargos para conseguir mais ouro. Regressou ao Peru e foi protagonista no levantamento de Manco Inca e na guerra entre almagristas e pizarristas. Processou e matou Diego de Almagro. Por essa razão ficou preso na Espanha por mais de 20 anos. Depois que saiu da prisão, casou-se com sua sobrinha, Francisca Pizarro. Foi um dos homens mais ricos da Espanha e o maior *encomendero* do Peru. Morreu quase cego por volta de outubro de 1578 no mesmo local de seu nascimento deixando uma vasta descendência.

[16] PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 77-84.

Testigos de la conquista del Perú de Miguel Muñoz de San Pedro, para citar apenas algumas edições[17].

De regresso à Espanha, juntamente com 24 conquistadores, pouco depois da morte de Atahualpa estava Cristóbal de Mena[18], autor da Relação intitulada *La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla*[19], publicada em Sevilha em 1534 em forma anônima, a primeira impressa em solo espanhol sobre os sucessos da conquista do *Tawantinsuyu.* Até 1935, quando Porras Barrenechea apresentou uma monografia ao Congresso de Americanistas de Sevilha sugerindo que Mena era o autor dessa Relação, esta era conhecida como sendo do *anónimo sevillano de 1534.* O relato de Mena é espontâneo, pois não se trata de uma versão oficial dos fatos, já que ele não era encarregado dessa tarefa. É um relato de um homem ressentido, magoado pela parte que lhe coube do botim repartido em Cajamarca. Essa Relação gozou de grande aceitação não só na Espanha, mas também em outros países da Europa. No século XVI sabemos da existência de cinco edições do texto, sendo duas delas em francês e uma em italiano, incorporada à conhecida Coleção de Viagens de Gianbattista Ramusio em 1556 com o título *Relatione de un capitano spagnuolo*. No século XVII foi traduzida ao inglês e no século XX contamos com várias edições[20].

Três meses depois da publicação da Relação de Cristobal de Mena foi impressa a *Verdadera Relación de la Conquista del Perú* de Francisco de Xerez[21], o escrivão oficial da expedição conquistadora. No relato de Xerez é possível encontrar muitos detalhes acerca da expedição, na verdade, é a mais completa de todas elas. Sua narrativa da conquista também obteve muita aceitação por ser a Relação oficial dos fatos, ou seja, a palavra de Pizarro. O relato de Xerez é totalmente impessoal, ele jamais usa a primeira pessoa do singular, não se impõe no relato, não dá sua opinião, não julga, nem acusa, apenas descreve. Entre as Relações

---

[17] Referências a outras edições encontra-se em: PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 81-82.

[18] Não existem dados precisos acerca da vida de Cristobal de Mena antes de 1522, ano em que serviu como capitão a Pedrarias Dávila na conquista da Nicarágua. Acredita-se que era natural de Medina del Campo e teria embarcado para as Índias entre 1510 e 1513. Em 1531 se uniu à expedição conquistadora de Francisco Pizarro e foi um de seus capitães principais. Mas, em Cajamarca, Mena passou a "segundo plano" em relação aos outros capitães Hernando Pizarro e aos recém-chegados Hernando de Soto e Sebastián de Benalcázar, prova disso é que recebeu menos que eles no reparto do resgate de Atahualpa. Decidiu regressar à Espanha e relatar o acontecido. Não se conhece mais dados sobre sua vida depois disso.

[19] SALAS, Alberto M. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1987.

[20] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 88-89.

[21] Em 1514, quando contava com apenas 17 anos, partiu para as Índias na armada de Pedrarias Dávila. De 1528 a 1530 residiu em Nata, em Castilla del Oro, trabalhando como escrivão a serviço do governador Pedro de Los Rios. Em 1530, quando Pizarro regressou da Espanha, Xerez se uniu à expedição definitiva da conquista. Recebeu uma boa quantia na divisão do resgate do Inca e impossibilitado de continuar a campanha porque quebrou uma perna no dia da prisão de Atahualpa, obteve permissão de Pizarro para voltar à Espanha. Casou-se, teve quatro filhos, dedicava-se ao comércio até que se viu arruinado e pediu permissão para retornar ao Peru. Depois disso, os dados sobre sua vida são incertos, pois havia mais de um Francisco de Xerez vivendo no Peru no período.

da conquista do *Tawantinsuyu*, essa foi a mais editada até os dias de hoje. Além da versão publicada em Sevilha, existem outras cinco edições no século XVI e foi incorporada à crônica de Fernández de Oviedo em 1547 e à edição do italiano Ramusio em 1556. No século XVII foi editada uma vez em inglês (1625) e no século seguinte também uma vez, mas em língua espanhola (1749). O século XIX conta com seis edições, sendo duas em espanhol (1853 e 1891), uma em francês (1837), uma em italiano (1842), uma em alemão (1842) e uma em inglês (1872). Já no século XX foram oito edições do texto[22].

Percebe-se que as novidades acerca do *Tawantinsuyu* logo se propagaram pela Europa já com as publicações das Relações de Mena e Xerez, visto que já no século XVI foram traduzidas para o francês e o italiano. Isso nos parece indicativo de como o Velho Mundo se interessava e reclamava notícias sobre o Novo. Ainda mais no caso do Peru, em que as curiosidades eram aguçadas pelas notícias de riquezas fabulosas e de sociedades e culturas totalmente estranhas à européia.

Na ausência de Xerez - já que este, no dia da prisão do Inca Atahualpa, quebrou uma perna ficando impossibilitado por vários meses -, o escrivão oficial que continuou a Relação do sevilhano depois que este regressou à Espanha foi Pedro Sancho de Hoz[23]. Assim, por ordem de Pizarro, escreveu a *Relación para S.M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas províncias de la Nueva Castilla*[24], enviada ao rei em julho de 1534. A Relação de Sancho, por ser a continuação da versão de Xerez abarca desde a saída de Hernando Pizarro de Cajamarca até a tomada de Cuzco e o regresso de Pizarro a Jauja. Junto com a de Xerez, a Relação de Sancho é a versão oficial da conquista autorizada e assinada por Francisco Pizarro. Mas, ao contrário do primeiro escrivão, Sancho é mais pessoal no seu relato. O original do texto se perdeu e todas as edições publicadas são traduções da versão italiana de Ramusio. Ela não foi editada muitas vezes e só foi publicada em espanhol no século XIX, em 1849 e em 1898. No século XX possui apenas cinco edições[25].

---

[22] BRAVO GUERRERA (Ed.) 1985, op., cit., p. 47-50; ESTEVE BARBA, 1964, op., cit., p. 398; PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 99-102.

[23] Não se conhece o lugar de nascimento de Pedro Sancho de Hoz, nem se sabe a data em que teria chegado ao Peru. Uma vez que reuniu uma boa soma de ducados, quis voltar para a Espanha. Em 1535, obteve licença para ausentar-se de seu cargo de secretário do governador Pizarro durante um ano e meio e sucessivas cédulas reais foram prorrogando o prazo de seu regresso. O tempo que esteve na metrópole foi suficiente para reduzir bastante sua fortuna. Regressou ao Peru em 1539 a fim de conquistar novas terras nas costas do mar do Sul e se envolveu em uma disputa com Valdívia pela conquista do Chile. Morreu em 1547.

[24] AROCEMA, Luis A. **La relación de Pero Sancho**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1986.

[25] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p.110-111.

Outro importante personagem participante da hoste de Pizarro era Miguel de Estete[26], um fidalgo. Ele acompanhou Pizarro desde a sua primeira exploração das terras incaicas, de Piura a Cajamarca. Esteve na escolta de Hermando de Soto que visitou a tenda que o Inca tinha nos arredores dessa cidade e acompanhou a Hernando Pizarro na expedição que chegou a *Pachacamac*. Anotou as suas impressões sobre essa viagem, incluídas por Xerez na *Verdadera Relación de la conquista del Perú.* Essas anotações constituem uma espécie de diário, Estete anota dia a dia os detalhes da viagem levada a cabo para recolher as riquezas do templo de *Pachacamac*. Acredita-se que logo voltou à Espanha, em 1535, e em Sevilha conhecera ao cronista Oviedo, a quem informaria sobre a conquista das terras incaicas. Na mesma cidade, teria escrito *El descubrimiento y la conquista del Perú*[27], seu segundo relato, que lhe foi atribuído presumidamente por Carlos M. Larrea em 1918. Essa segunda narrativa abarca desde a primeira viagem de Pizarro até a estadia desse em Jauja, época em que Estete regressou à Espanha. Estete é o mais explícito dos cronistas em relação aos costumes indígenas, as riquezas e a geografia do *Tawantinsuyu.* Nas palavras de Barrenechea, "é o primeiro cronista etnógrafo"[28] do Peru. As edições da sua crônica concentram-se todas no século XX[29].

Juan Ruiz de Arce[30] é outro fidalgo envolvido na conquista do *Tawantinsuyu.* Reuniu-se à expedição de Pizarro, quando esta se encontrava em Coaque, participou dos episódios da conquista até a prisão do Inca em Cajamarca. Com os tesouros do resgate e com a repartição da pilhagem de Cuzco, ele e outros conquistadores pediram permissão para regressarem a Espanha. Concedida a permissão – a segunda dada por Pizarro depois da captura do Inca – retornou à metrópole para desfrutar de sua fortuna. Decidiu escrever suas memórias de conquistador do Peru, sob o título: *Advertencia que hizo el fundador de el vinculo y mayorazgo a los supsesores en el*[31], dedicada a seus filhos. Trata-se, portanto, de um documento privado, não fora escrito para o público, mas para transmitir a seus filhos e descendentes informações acerca dos serviços prestados à coroa de Espanha por seu avô, seu

---

[26] Nasceu por volta de 1507 em Santo Domingo de la Calzada. Não é possível saber quando veio à América, mas participara da conquista da Nicarágua quando contava com apenas 25 anos. Ainda não se conhece dados precisos de sua vida, se ficou na Espanha ou se viveu a maior parte de sua vida no Peru.
[27] SALAS, 1987, op., cit.
[28] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 118.
[29] Ibid., p.119.
[30] Nasceu em Alburquerque por volta de 1506. Aos 18 anos partiu para a América em busca de fortuna e aventura. Esteve em Santo Domingo, na Jamaica, em Honduras - onde ficou 2 anos - e na Nicarágua, onde viveu um ano e meio até que chegaram as notícias do *Tawantinsuyu* e suas possíveis riquezas. Ao todo viveu mais ou menos uns 10 anos na América até que regressou à Espanha. Não se sabe a data de sua morte.
[31] STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002.

pai e por ele próprio. Ademais, seu relato é breve, um fragmento de suas memórias, uma Relação retrospectiva de alguém que havia presenciado um dos grandes acontecimentos da época. Ruiz de Arce é objetivo, quase não expõe opiniões, e também sintético, como o eram a maioria dos outros relatos de seus contemporâneos conquistadores. O manuscrito ficou em poder de seus descendentes e só foi publicado pela primeira vez em 1933. Não se sabe a data exata em que Ruiz de Arce teria escrito suas recordações, somente que foi depois de 1540. Seu relato possui poucas edições[32] e é um dos menos estudados até o momento.

Diego de Trujillo[33] é mais um conquistador que escreveu suas memórias menos recentes. Em Cuzco, já em idade avançada, gostava de relatar aos amigos e às crianças sobre os tempos de heroísmo de sua juventude em que participara da hoste conquistadora de Pizarro. O vice-rei Francisco de Toledo, em uma visita a Cuzco, sabendo dos relatos orais do ancião, ordenou que os escrevesse[34]. A Relação foi escrita por algum amigo seu ou um funcionário de Toledo, porque Trujillo era iletrado. O relato intitulado ***Relación del descubrimiento del Reino del Perú***[35], data de abril de 1571, escrito num estilo simples e breve, narra a viagem de Pizarro desde Panamá até a entrada em Cuzco. Depois de terminado o texto, o vice-rei Toledo o paga com uma *encomienda*, o que retira Trujillo da relativa pobreza em que vivia no momento. Barrenechea foi quem primeiro apresentou esse relato juntamente com um estudo biográfico do ancião, em 1935, no XXVI Congresso de Americanistas de Sevilha. Mas, somente a publicou pela primeira vez em 1948[36], depois disso, foi publicada mais quatro vezes.

No mesmo ano em que Trujillo acabara de escrever suas memórias em Cuzco, outro conquistador também o fazia em Arequipa, era Pedro Pizarro[37], primo de Francisco Pizarro. Transmite-nos as suas impressões sobre a conquista somente quarenta anos mais tarde, também a pedido do vice-rei Toledo. Do mesmo modo que Trujillo, o primo de Pizarro era

---

[32] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 130.

[33] Nasceu em Trujillo de Estremadura em 1502. Embarcou para as Índias em 1529 com Francisco Pizarro na ocasião em que este fora recrutar homens de sua confiança para a conquista do *Tawantinsuyu*. Esteve na tomada de Cajamarca e de Cuzco e foi um dos primeiros fundadores de Jauja. Decidiu regressar à Espanha onde residiu mais ou menos uns 12 anos e regressou ao Peru em 1543. Voltou a viver em Cuzco e se tornou protetor e tutor dos netos de Atahualpa. Morreu em 1576, cinco anos depois de terminada sua Relação.

[34] O vice-rei Francisco de Toledo promoveu desde 1565, a redação de crônicas que justificassem o colonialismo e combatessem o direito de soberania da nobreza incaica. SERNA, Mercedes (Ed.). **Crónicas de Índias** – Antologia. Madrid: Cátedra, 2005, p. 55.

[35] TRUJILLO, Diego. Relación del descubrimiento del reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA (Ed.), 1985, op., cit.

[36] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 148.

[37] Natural de Toledo, nascido em 1515, saiu da Espanha na mesma ocasião em que Diego de Trujillo, embarcando com seu primo para a conquista do *Tawantinsuyu* de onde nunca mais voltou.

iletrado e por isso não redigiu sua ***Relación del descubrimiento y conquista del Perú***[38] terminada em fevereiro de 1571. O relato de Pizarro é um dos mais interessantes, pois apesar de ser um texto de escrita rude, simples, o cronista recolheu muitas notícias sobre os costumes incaicos, intercaladas à sua narrativa e esboça breves e sumários retratos psicológicos de seus companheiros de conquista. Essa Relação foi publicada pela primeira vez somente em 1844 e daí em diante obteve sucessivas edições[39].

[38] PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965.
[39] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 139-140.

CAPÍTULO I – RELATAR E VIAJAR

1.1 - As Crônicas de Índias e os primeiros relatos da conquista do *Tawantinsuyu*

> *[...] Se ha hablado siempre que dos símbolos representan la Conquista: la espada y la cruz, pero a ello debemos añadir que hay otro símbolo, quizás más grande, es la pluma, esgrimida y manejada por nuestros cronistas* [1].

A palavra Crônica remete à idéia de tempo em grego e se refere às narrativas cuja estrutura está organizada de forma cronológica, linear e concatenada e que, de forma geral, pretende expor eventos passados dignos de memória. Sua origem é incerta, acredita-se que o primeiro texto dessa forma de escrever é o *Chronicon Pascale*, escrito entre os séculos III e VII depois de Cristo. Entre os séculos IX e XIV a crônica se consagrou como um gênero de literatura histórica cristã em que a finalidade era sempre engrandecer o cristianismo[2]. Mas, a crônica no medievo desenvolveu-se, sobretudo, com o advento do Estado Nacional. Assim, em Portugal, Fernão Lopes (1380-1459) fora encarregado por D. Duarte de escrever um relato sobre a história portuguesa, seguido por Gomes Eanes de Zurara (1410-1474) e Rui de Pina (1440-1522). Esses cronistas eram responsáveis por "inventar a tradição" na nova dinastia de Avis, ou seja, deixar por escrito a memória histórica oficial[3].

Na Espanha, na segunda metade do século XIII, as crônicas passaram a ser marcadas pela narrativa da vida de um monarca ou de um personagem ilustre. Entre elas, destaca-se a *Estória de España* ou *Crónica General* (1344) de autoria atribuída ao Conde de Barcelos e a *Grande e General Estória* possivelmente redigida por Alfonso X (1221-1284), o sábio. A primeira trata dos primórdios da Espanha, das invasões que sofreu a Península Ibérica e de uma parte da Reconquista. A *Grande e General Estória* pretende ser uma história universal e inicia-se com a criação do mundo. Nessa obra, se misturam a história, a lenda e os cânticos de gesta. Desde então, aparecem crônicas semelhantes que descreviam cronologicamente a vida e os feitos de uma monarca. Depois de Alfonso X, podemos destacar a obra do cronista Pedro López de Ayala (1332-1407) que escreveu quatro crônicas acerca dos reinados de Pedro I,

---

[1] SANTISTEBAN OCHOA, Julián. **Los cronistas del Perú:** contribución al estudio de las fuentes de la historia peruana. Cuzco: Librería e Imprenta D. Miranda, 1946, p. 25. Em citações de mais de três linhas, optou-se por não traduzir para o português, isso porque a maioria delas foi retirada de textos do século XVI e nem sempre utilizamos edições que atualizaram o espanhol, assim, para não incorrermos no risco que uma tradução desse tipo poderia oferecer, optamos por utilizar o texto no original. Já em pequenas citações, de frases ou paráfrases ao longo do texto, optamos por traduzir o texto para o melhor fluir da leitura.

[2] REIS, Anderson Roberti; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 25-41, 2006, p. 25-26.

[3] KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 11-23, 2006, p. 13.

Enrique II, Juan I e Enrique III. Lopez de Ayala registra uma história que lhe é contemporânea, fruto de suas observações pessoais. Podemos destacar ainda o cronista Fernán Perez de Guzmán (1376-1460) que escreveu *Generaciones y Semblanzas* onde apresentou a biografia de mais de trinta pessoas ilustres que viveram durante os reinados de Enrique III e Juan II[4]. No contexto político da época, acreditava-se que um rei, para ser virtuoso, deveria inspirar-se nos bons exemplos de seus antecessores, que lhe indicariam o caminho correto a seguir; já os súditos, encontrariam na história uma forma de singularizarem-se ao conhecerem suas origens[5].

Assim, com o mesmo nome de um gênero que floresceu, sobretudo ao longo da Idade Média, as crônicas na América possuem características próprias que a diferem da crônica medieval, uma vez que a circunstância do descobrimento de um novo continente tornou possível um outro tipo de escrita que visava fundamentalmente informar aos europeus acerca das novas terras conquistadas, de modo a ampliar o mundo conhecido pela Europa. Denominadas genericamente de "Crônicas de Índias", gênero inaugurado por Cristóvão Colombo em 1492 com seu Diário da primeira viagem, encontra-se um conjunto de textos variados que versam sobre a conquista, exploração e colonização do Novo Mundo. Dentre os diferentes tipos de documentação que se agrupam sob esse nome estão as informações de serviços, as cartas, diários e relações, para citar apenas alguns exemplos; seus autores se diferenciam por serem espanhóis, europeus de outras nacionalidades, mestiços e indígenas.

Essa documentação é suscetível de classificações mais concretas - como sugere Valcárcel Martínez[6] -, por distinções em seus traços formais e de conteúdo, como no caso das Relações e Cartas que integram o corpo documental de nossa pesquisa. Os cronistas, entre outras coisas, escreveram para diversos apreciadores, em momentos e por motivos distintos e, seus escritos, obviamente, refletem essas divergências, por isso, acreditamos que classificá-los em distintos grupos é complexo, pois as diferenças entre um e outro tipo de documentação são muito tênues. Sendo assim, preferimos seguir a Mercedes Serna[7], para quem, todos os textos cujo conteúdo é o descobrimento e conquista da América podem ser chamados de Crônicas de Índias, sem acarretar grandes problemas de cunho conceitual. Sobre esse tema escreveram humanistas, conquistadores, aventureiros, marinheiros, náufragos que se salvaram, religiosos

---

[4] CARRILO ESPEJO, Francisco. **Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista**. Lima: Editorial Horizonte, 1987.
[5] BERMEJO CABRERO, Jose Luis. Orígenes del Oficio de Cronista Real. **Revista Hispania**, Madrid: CSIC, v. 40, n. 145, p. 395-414, ago/1980, p. 396.
[6] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. **Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista**. Granada: Diputación Provincial, 1997, p. 19.
[7] SERNA, Mercedes. **Crónicas de Índias**. Antología. Madrid: Cátedra, 2005.

de diferentes ordens, enfim, todos aqueles que fizeram uso da pena para escrever sobre o vivido, o lido, o imaginado ou o ouvido. Os cronistas de Índias escreveram motivados por distintos interesses: políticos (nacionais, provincianos, coloniais, anti-coloniais) e pessoais (honra, fama, mercês da Coroa, ressentimento, nostalgia); nunca por motivos somente literários[8].

Em relação às crônicas peruanas, existem alguns estudos que buscaram classificá-las, avaliando-as por critérios distintos, como a origem do cronista, bem como sua profissão e etnia, aqueles que conheceram ou não o *Tawantinsuyu* e em que momento conheceram, o conteúdo de suas crônicas e também a postura que adotaram ao narrar a história dos Incas. Como dissemos anteriormente, essas classificações não são desprovidas de problemas, pois existem cronistas e crônicas que não se encaixam em nenhum modelo, conforme observou, pois não é fácil fixar com exatidão uma categoria indiscutível para a maior parte delas. Além do mais, a preocupação em classificar as crônicas peruanas e oferecer dados biográficos dos cronistas se fez presente na historiografia acerca do tema desde meados do século XIX até meados do século XX, historiografia essa, devedora do positivismo e preocupada com a questão da autenticidade do documento. Além da busca por traçar classificações das crônicas, estas foram utilizadas por pesquisadores com diferentes intuitos, principalmente para a reconstituição da história da conquista do *Tawantinsuyu*[9].

É curioso observar que a palavra crônica aparece somente no título de três relatos sobre as Índias, um deles referente ao Peru, do soldado Ciéza de León intitulada *Crónica del Perú*, os outros são de Cervantes de Salazar (*Crónica de la Nueva España*) e de Pedro Mariño de Lobera (*Crónica del reino de Chile*)[10]. Nenhum dos cronistas explica porque intitularam suas obras com esse vocábulo, acredita-se que seja pela comodidade e amplitude proporcionado pelo termo[11], amplitude que permanece nos estudos relativos à documentação hispânica colonial até os dias atuais. Os pesquisadores utilizam-se desse termo para designar uma ampla gama de textos referenciados anteriormente. Ao longo do nosso trabalho, muitas vezes, também nos utilizaremos desse termo genérico para designar nosso corpo documental: as Relações e as Cartas.

As Relações, em sua concepção original, seriam informes de uma pessoa, que as endereçava a uma autoridade - geralmente o destinatário era o próprio Carlos V - na pretensão de notificá-la sobre os descobrimentos, a conquista e colonização, a geografia, o clima, etc. A

---

[8] SERNA, 2005, op., cit., p. 54.
[9] Cf. nota 2 da Apresentação.
[10] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 22.
[11] loc., cit.

base do que deveria ser essa Relação encontrava-se em um questionário elaborado e distribuído pelo Conselho das Índias, de modo que se esperava que as respostas devessem ser imediatas e verídicas. Mas, na prática, as Relações seguiram seus próprios caminhos e fizeram uso delas qualquer conquistador que aspirava ocupar uma importante posição na nova sociedade americana[12]. Assim, as Relações abarcam uma grande variedade de textos que possuem como requisito maior o fato de terem sido escritas por homens que participaram dos fatos narrados ou que estiveram no local a que a narrativa se refere, para reforçar sua validez e garantir sua veracidade[13]. Sobre as Relações que estudamos, a maioria de seus autores escreve no mesmo momento em que ocorrem os fatos ou logo após, como é o caso de Cristóbal de Mena, Francisco de Xerez, Miguel de Estete e Pedro Sancho, outros, relatam suas memórias menos recentes, como Juan Ruiz de Arce, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro.

Esses homens não eram cronistas profissionais, mas nem por isso deixaram de ocasionalmente trocar a espada e a cruz pela pena – "o terceiro símbolo da conquista" - para nos relatar suas impressões sobre o Novo Mundo e os seus feitos, muitas vezes almejando conseguir privilégios da Coroa espanhola. Na verdade, os dois capitães da expedição que culminou na tomada de Cajamarca e na captura do Inca eram analfabetos, assim como a maioria dos homens que os acompanhavam, fato que não se constitui em peculiaridade, pois no século XVI a maior parte da sociedade européia era analfabeta e as relações eram essencialmente de ordem oral[14]. Aqueles que alcançaram as letras, em sua maioria, também não possuíam uma bagagem cultural muito elevada, apenas sabiam ler e escrever. Além disso, seus textos refletem as condições pelas quais passavam, ou seja, a troca da espada pela pena se dava de modo circunstancial e por diferentes motivações, com exceção de Francisco de Xerez e Pedro Sancho que eram os escrivões oficiais da expedição. Cristobal de Mena, por exemplo, escrevera sua Relação motivado em grande medida pela injustiça que acreditava ter sido cometida contra sua pessoa: a parte não satisfatória que lhe coube do botim repartido em Cajamarca. Já Juan Ruiz de Arce quis transmitir a seus filhos e descendentes a memória dos serviços prestados por ele, bem como por seu pai e seu avô aos reis espanhóis. Finalmente, Diego de Trujillo e Pedro Pizarro escrevem a pedido do vice-rei Francisco de Toledo depois de já decorridos quarenta anos. Sendo assim, entendemos que esses homens se limitavam a

---

[12] CARRILLO ESPEJO, 1987, op., cit., p. 26.
[13] SERNA, 2005, op., cit., p. 74.
[14] Sobre alfabetização nesse período: VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI y XVII). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Escribir y leer en el siglo de Cervantes**. Madrid: Gedisa, 1999. Dos 168 espanhóis que estiveram com Pizarro em Cajamarca, acredita-se que 76 deles eram capazes de ler e escrever, 42 não eram e em 50 desses homens essa capacidade ainda é desconhecida. LOCKHART, James. **Los de Cajamarca**: un estudio social y biográfico de los primeros conquistadores del Perú. Lima: Editorial Milla Batres, 1986, v.1, p. 48.

escrever suas Relações da melhor forma que podiam, sem se preocuparem muito com um tipo de escrita mais elaborada, até porque não possuíam muita preparação literária e intelectual para tal intento, daí serem acusados de possuírem um estilo "rude, exíguo, seco e realista, às vezes, brutal"[15].

Já as Cartas eram importantes fontes de informação acerca da conquista do Novo Mundo, avivavam a curiosidade, o interesse e o entusiasmo dos habitantes do Velho Mundo. A maioria delas, escritas por conquistadores que as dirigiam a seus superiores, informavam sobre o processo de descobrimento e conquista dos novos territórios. No caso da conquista do *Tawantinsuyu*, podemos tomar como exemplo, a *Carta de Pedrarias Dávila al Emperador* datada de abril de 1525 que é o primeiro documento que se conservou relativo à expedição de Francisco Pizarro e Diego de Almagro. Nessa carta, enviada a Carlos V – já que todo súdito real estava obrigado a dar-lhe notícias de suas colônias -, Pedrarias Dávila, então governador do Panamá, faz menção à existência de terras ao sul do Panamá e de suas prováveis riquezas:

> *al levante por la mar del sur tengo enbiada / otra armada como le he escrito a Vuestra Magestad a descobrir con el capitan piçarro mi teniente. del levante con muy buena gente y buenos aderezos do espero muy buenas novas cada / ora de que dios e Vuestra Majestad seran ( ) servidos y estos Reinos ennoblecidos porque ay nuevas de mucha Riqueza […]*[16]

Mas nessa carta, o governador se ocupa principalmente da conquista da Nicarágua. A essa carta que oferece as primeiras notícias sobre a expedição conquistadora, segue-se a *Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo* datada de 23 de novembro de 1533, trata-se da primeira versão oficial da queda do *Tawantinsuyu* que temos. De regresso à Espanha para entregar ao Rei o quinto de resgate do Inca, Hernando Pizarro ao passar por Santo Domingo informou à Audiência dessa cidade sobre o ocorrido nas terras então conquistadas. Esta carta é clara e objetiva, já que a finalidade desse tipo de relato não era elaborar textos historiográficos complexos e sim informar com a maior precisão possível todos os movimentos da hoste conquistadora[17]. Assim, as cartas eram um meio de comunicação que servia para transmitir as notícias dos movimentos da expedição de conquista ao mesmo tempo em que ampliavam o conhecimento dos governantes sobre as novas terras e povos que as habitavam:

---

[15] PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Los cronistas del Perú** (1528-1650) y otros ensayos. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1986, p. 24.
[16]PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959, p. 3.
[17] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 405.

> *Las nuevas de la buena tierra descubierta no diré aquí en particularidad (sino) de hacer saber a vuestra señoria que es la más rica é abundosa é apacible para poblalla crisptianos que ha visto fasta hoy, é gente de mucha razón é cuenta, y viven todos por tratos y contrataciones, así en navíos por la mar como por tierra, y tratan por peso; tienen oro muy fino, todo cuanto tienen y plata y todos los metales que hay en España, sin tenerlos mezclados unos con otros, salvo cada metal por sí: el oro por oro y la plata por la plata y el cobre por el cobre; y ropas de diversas maneras, de lana y algodón […]*[18]

O trecho citado acima foi extraído de uma carta que o próprio Francisco Pizarro enviou a Pedro de los Ríos, sucessor de Pedrarias Dávila no governo do Panamá, datada de dois de junho de 1527. Nesse momento, Pizarro e seus homens encontravam-se em apuros na Ilha do Galo a espera de socorro. Nessa ilha, os homens que se aventuraram com Pizarro em busca de terras desconhecidas também escreveram cartas aos funcionários reais e aos parentes num momento em que se encontravam desesperados. Da leitura dessas cartas em específico é possível adentrar as dimensões do mundo sensível[19] desses homens que, nessa ocasião, lutavam pela sobrevivência num ambiente hostil e clamavam por um socorro que tardava a chegar.[20] Nessas cartas privadas predominaram fatores como a familiaridade entre os interlocutores, a liberdade temática e a espontaneidade. Sendo assim, somos levados a acreditar que nessas cartas é possível resgatar um pouco da intimidade do conquistador, de suas angústias, suas necessidades cotidianas e sua nostalgia do lar distante[21], o que muitas vezes não é possível verificar através da leitura das primeiras Relações que versam sobre a conquista do *Tawantinsuyu*, que por sua vez também compartilham de algumas características semelhantes entre si.

Dentre essas características, está a preocupação em afirmar a veracidade do relato e o fato de terem sido testemunhas daquilo que escrevem muitas vezes é suficiente para alguns desses cronistas comprovarem a veracidade dos mesmos. Cristóbal de Mena, por exemplo, cuja Relação foi a primeira a ser impressa em solo europeu, em 1534, se utiliza desse

---

[18] 2 de junio de 1527 – Francisco Pizarro a Pedro de los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 5.

[19] "A dimensão do mundo sensível não se rege por leis, regras ou razões, mas pelos sentimentos e emoções, que se traduzem externamente e se materializam em registros passíveis de serem resgatados pelo historiador. A apreensão dos seus significados se dá através da tradução dessas subjetividades e destes sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis que operam como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva [...]". DECKMANN FLECK, Eliane Cristina. Nas franjas do texto e do tempo: sensibilidades no espaço das experiências reducionais. **Revista de História**, São Paulo, v. 156, p. 59-77, 2007, p. 62. A discussão sobre História e sensibilidade encontra-se também em: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001; ERTZOGUE, Marina; PARENTE, Themis (Org.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006; PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

[20] Trataremos mais pormenorizadamente desse assunto no capítulo seguinte.

[21] PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., s/p.

argumento e assim termina o seu relato: "E de tudo isto dou fé e declaração como testemunha ocular porque em todas essas coisas me encontrei presente"[22]. Pedro Pizarro ao relatar suas memórias, também se utiliza da mesma justificativa para dar credibilidade à sua história:

> *Muchos son, catolicísimo y clementísimo príncipe, los que han escrito las cosas destos vuestros reinos del Perú, ansí lo de la conquista dellos como de las cosas acontecidas después que se poblaron de vuestros vasallos; mas como los escritores no escriben lo que vieron sino lo que oyeron, no pueden dar clara noticia de lo que escriben, y ansí yo, el menor de vuestros vasallos, acordé sacar a luz lo que hasta agora ha estado oscuro y en tinieblas, como persona que se ha hallado en estas provincias desde el principio de la conquista hasta el fin, y después en todos los sucesos varios que ha habido […]*[23]

Acreditamos que por ter escrito sua Relação quase quarenta anos depois da conquista, quando vários relatos já haviam sido escritos sobre o assunto, Pizarro reclama para si a confiabilidade na narrativa dos acontecimentos, embasado no fato de tê-los presenciado, ao contrário de outros escritores que só teriam escrito aquilo que ouviram. E ao final da crônica, o ancião volta a insistir na veracidade de seu texto:

> *[…] Todo lo que aquí va escrito paso ansí i es verdad, sin añadir ni componer cosa alguna. He osado escribir esta historia porque los que me conocen saben ser yo amigo de verdad y que la trato siempre, y ansí va aquí todo lo escripto con toda verdad*[24].

Três meses depois de publicado o relato da conquista de Cristóbal de Mena na Espanha, foi impressa a Relação de Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição conquistadora sob o título *Verdadera Relación de la Conquista del Perú*. O termo *Verdadera* com o qual se inicia o título da crônica é indicativo da refutação de Xerez ao relato de Mena. Nesse caso, não é o fato de ser testemunha daquilo que escreve que faz com Xerez queira desmentir a crônica de Mena reivindicando para si a narrativa da verdade, já que ambos fizeram parte da expedição conquistadora. Acreditamos que Xerez assim o faz por ser o escrivão oficial da expedição, ou seja, seu relato é autorizado e assinado por Francisco Pizarro. Além do mais, Mena voltou para a Espanha ressentido pela parte que lhe coube do botim repartido em Cajamarca[25] e, talvez, Xerez, cujo relato enobrece a figura do capitão Pizarro e seus feitos, tenha tratado de cuidar para que a sua versão fosse a mais aceita. Já o

---

[22] MENA, Cristóbal de. La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla. In: SALAS, Alberto. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú.** Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987, p. 118.
[23] PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú.** Madrid: Atlas, 1963-1965, p. 167.
[24] Ibid, p. 242.
[25] *"[...] Y a muchos de los que lo ganaron dio menos de lo que merecían, y esto dígolo porque así se hizo comigo […]"*. MENA, 1987, op., cit., p. 115.

irmão do capitão Pizarro, ao informar à Audiência de Santo Domingo sobre o acontecido, já se mostra preocupado com futuros relatos que poderiam vir a ser escritos e trata de garantir a veracidade do seu:

> *Yo llegué á este puerto de la Yguana de camino para regresar á España por mandado del gobernador Francisco Piçarro, á informar á Su Majestad de lo subçedido en aquella gobernación del Perú é la manera de la tierra y estado en que queda: é porque creo que los que á essa ciudad van, darán á vuestras mercedes variables nuevas, me ha parecido escribir en suma lo subçedido en la tierra, para que sean informados de la verdad.*[26]

Nesse caso, pensamos que o capitão Hernando Pizarro poderia estar preocupado com o relato de Cristóbal de Mena. Mesmo que este somente tenha sido impresso no ano seguinte - mas apenas cinco meses depois de escrita essa carta -, acredita-se que Mena chegou à Sevilha um mês antes de Hernando[27] ressentido com este pelo que acontecera. Mena se uniu à expedição conquistadora de Francisco Pizarro em 1531 e foi um de seus capitães principais. Mas, em Cajamarca, passou a estar em "segundo plano" em relação aos outros capitães Hernando Pizarro e aos recém-chegados Hernando de Soto e Sebastián de Benalcázar, prova disso é que recebeu menos que eles na divisão do botim advindo do resgate de Atahualpa. Então, decidiu regressar à Espanha e relatar o acontecido. Por estes indícios, portanto, pode ser que o capitão Hernando Pizarro ao escrever que: "creio que os que a essa cidade vão, darão à vossas mercês variáveis novas"[28] preocupava-se justamente com o relato de seu companheiro que lhe rendia inimizades. Ao fim de sua carta, volta a insistir no assunto: "se outra coisa se disser, esta é a verdade" [29].

Percebe-se, que a questão da afirmação da verdade era preocupação importante desses primeiros cronistas. Diego de Trujillo, ao relatar suas memórias, também termina seu relato buscando reiterar a veracidade daquilo que escreve ao afirmar que "o que aqui tenho escrito se passou em efeito de verdade, sem que em tudo isto haja palavra viciosa"[30]. Igualmente o faz Pero Sancho de Hoz no término de sua crônica, ao assegurar que esta fora escrita "conforme o que verdadeiramente se passou"[31]. Na realidade, a preocupação com a questão da veracidade é um ponto comum não só entre os cronistas conquistadores do

---

[26] PIZARRO, Hernando. Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 77.
[27] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 85.
[28] PIZARRO, 1959, op., cit., p. 77.
[29] Ibid, p. 84.
[30] TRUJILLO, Diego de. Relación del descubrimiento del Reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA, Maria Concepción (Ed.). **Verdadera Relación de la conquista del Perú**. Madrid: Historia 16, 1985, p. 206.
[31] SANCHO DE HOZ, Pero. Relación para S. M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla. In: AROCEMA, Luis. **La relación de Pero Sancho**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986, p. 144.

Tawantinsuyu, mas entre a maioria dos cronistas de Índias, devedores da tradição humanista que colocava esse quesito em lugar de destaque[32]. Seguindo a linha de Tucídides e de Políbio, os testemunhos oculares adquiriram nova importância nesse período e o conceito de "verdade" se referia à "verdade do visto e do vivido"[33]. Mas, a "verdade", aplicada às questões indianas era um processo contínuo de criação e elaboração que nesse momento dava seus primeiros passos. Sem se apoiar em nenhuma tradição historiográfica, a "verdade" dependia de cada um dos cronistas, sendo eles mesmos as suas próprias fontes legitimadoras[34].

Acerca da influência do humanismo, podemos afirmar que entre esses cronistas não encontramos precisamente humanistas, mas indivíduos das camadas médias e baixas da empobrecida fidalguia castelhana – principalmente os primeiros conquistadores – cujo acesso à cultura era muito restrito e à humanista mais ainda. No entanto, acreditamos que os cronistas aceitavam as idéias humanistas que chegavam até eles (ouvindo falar), e as adotavam de acordo com o que lhes convinha, podendo expressar em seus textos esses modos de ser e estar do humanismo renascentista espanhol[35], ou seja, algumas idéias humanistas que podemos encontrar nas crônicas se devem muito mais àquilo que esses homens vivenciavam do que propriamente ao conhecimento teórico que possuíam. O que ocorre, exemplarmente, na afirmação da verdade pelos cronistas nas suas obras, tendo em vista que esta foi uma preocupação presente na escola humanista.

Um de nossos cronistas, por exemplo, toma parte na querela dos modernos frente aos antigos. Para os humanistas, os antigos ofereceram modelos literários, (de como se deveria escrever) e vitais (de como se deveria viver) que precisavam ser imitados. No entanto, a busca pela imitação dos modelos advindos da Antiguidade reflete o afã desses homens em superar aos antigos e progredir em relação aos imediatamente anteriores, ou seja, os homens do medievo[36]. Assim, os cronistas desse período propagaram com orgulho os feitos de suas explorações e conquistas em que puderam revelar um Novo Mundo, até então desconhecido,

---

[32] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 452-471.
[33] De acordo com Mercedes Serna, outros seguem a Heródoto que inclui em seus textos tudo o que *lhe relatam*. SERNA, 2005, op., cit., p. 56. Grifo nosso.
[34] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 452-453.
[35] Ibid., p. 81.
[36] *"La disputa entre antiguos y modernos, en España desarrollada en los siglos XV y XVI a través de literatura romance de todo tipo, lleva insita un fondo de polémica lingüística e ideológica. Lingüística porque la elección del latín o del castellano para desarrollarla ya es un toma de postura contundente a favor de los modernos. Ideológica porque la preferencia de los modernos sobre los antiguos va íntimamente unida a 'la idea de progreso en el desarrollo inicial de una sociedad'. La idea del avance de los tiempos está en relación con la conciencia de las edades del mundo desarrollada por el cristianismo, y se manifiesta en el Renacimiento por la defensa y exaltación de la novedad – tema constante en casi todos los cronistas -, la cual implica de una actitud de imitación por emulación a la imitación por superación de los modelos greco-latinos"*. Ibid., p.83-84.

inclusive para os antigos. Por isso argumentavam que eles, os modernos, eram superiores a estes, já que ignoraram a existência desse novo continente apesar de toda a sua sabedoria[37]. É interessante notar como Francisco de Xerez logo no início de sua crônica se expressa sobre o assunto:

> *[…] ¿cuándo se vieron en los antiguos ni modernos tan grandes empresas de tan poca gente contra tanta, y por tantos climas de cielo y golfos de mar y distancia de tierra ir a conquistar lo no visto ni sabido? Y ¿quién se igualará con los de España? No por cierto los Judíos, Griegos ni Romanos, de quien más que de todos se escribe. Porque, si los romanos tantas provincias sojuzgaron, fue con igual, o poco menor número de gente, y en tierras sabidas y proveídas de mantenimientos usados, y con capitanes y ejércitos pagados. Mas nuestros Españoles, siendo pocos en número, que nunca fueron juntos sino doscientos o trescientos, y algunas veces ciento y aun menos […] Y los que en diversas veces han ido, no han sido pagados ni forzados, sino de su propia voluntad y a su costa han ido. Y así han conquistado en nuestros tiempos más tierra que la que antes se sabía que todos los príncipes fieles e infieles poseían; manteniéndose con los mantenimientos bestiales de aquellos que no tenían noticias de pan ni vino; sufriéndose con yerbas y raíces y frutas, han conquistado lo que ya todo el mundo sabe […]*[38]

Como percebemos, o cronista compara as façanhas militares dos espanhóis com as dos romanos para concluir que foram superiores a estes. Os homens desse período buscavam o reconhecimento de que os feitos realizados por eles representavam uma grande inovação, desvinculado de tudo o que os antecedera, levando-os a acreditar, pelo menos no que concerne a seu campo de atuação – nesse caso, a conquista de terras desconhecidas – superiores a todos, inclusive aos antigos, dos quais se argumenta que não alcançaram anteriormente determinado sucesso[39]. É importante ressaltar que Xerez não polemiza com os antigos acerca de aspectos culturais e sim sobre façanhas marítimas e militares, assim como o fizeram demais cronistas conquistadores[40] que se consideravam superiores aos antigos nesse ponto. Outro tema a ser observado nessa passagem é a idéia de pertencimento a uma nação[41] -

---

[37] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 78.
[38] XEREZ, Francisco de. **Verdadera relación de la conquista del Perú**. Edição de Maria Concepción Bravo Guerrera. Madrid: Historia 16, 1985, p. 59-60.
[39] MARAVALL, José Antonio. **Antiguos y modernos**. Visión de la Historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza Editorial, 1998, p. 52.
[40] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 78-79.
[41] *"La comunidad política de cada individuo, que en la Edad Media se denomina comúnmente 'tierra', pasa en el Renacimiento a nombrarse 'patria' y, en un proceso de maduración más avanzado, 'nación' (neologismos que aparecen en el castellano en el siglo XV). Este cambio semántico implica modificaciones en la percepción y valoración de la comunidad política a la que se pertenece, en el sentido de que se avanza inexorablemente hacia la individualización de los Estados y su configuración como entes singularizados y distintos a los demás.*
Pues bien, los cronistas manifiestan en sus obras poseer una idea avanzada de la pertenencia a una nación y desarrollan a propósito de ella sus propias concepciones sobre los tópicos que sobre la patria se habían

fenômeno renascentista - exaltada pelo cronista e evidente, sobretudo, nos versos que dirige ao rei Carlos V, incorporados ao final de seu relato:

Por estas virtudes tales
y por vuestra religión
quiso Dios no sin razón
daros tales naturales
que ponen admiración:
Tan sabia gente y tan buena
tan de esfuerzo y virtud llena
que cuando os sucede guerra
os defienden vuestra tierra
y os sojuzgan el ajena.
¿Queréis ver qué tales son
solos vuestros Castellanos?
digan Franceses, Romanos,
Moros, y cualquier nación
quáles quedan de sus manos:
Ningún señor tiene gente
tan robusta y tan valiente
christiano, gentil, ni moro
y este es el cierto thesoro
para ser el Rey potente.
Aventurando sus vidas
han hecho lo no pensado
hallar lo nunca hallado
ganar tierras no sabidas
enriquescer vuestro estado […][42]

Nesses versos percebemos que para Xerez o rei é privilegiado por ter vassalos cheios de virtude e exalta as qualidades dos espanhóis: pessoas sábias, boas, esforçadas, guerreiras, robustas e valentes, em detrimento de povos de outras nações. Esse cronista, portanto, não estava alheio às questões próprias dos humanistas de seu tempo, mas o mesmo não podemos afirmar sobre os demais conquistadores que estudamos, pois em seus escritos se ausentam desses debates.

No entanto, esses relatos partilham de algumas características semelhantes no tocante a aspectos formais, de estilo de escrita. Além da constante preocupação com a afirmação da verdade, como já foi exposto anteriormente, podemos ainda destacar o temor que possuíam esses cronistas em serem prolixos em seus relatos, o que explica a brevidade dos mesmos. Assim, o primeiro escrivão oficial da expedição, para evitar prolixidade, seleciona os fatos da sua narrativa entre aqueles que a seu ver eram mais dignos de menção e no início de seu texto

---

heredado de la Antigüedad ('amor a la patria', 'morir por la patria', 'patria como valor absoluto', etc.), mas determinadas esas concepciones por la experiencia de las Indias […]". Ibid., p. 107.

[42] XEREZ, 1985, op., cit., p. 162.

faz o seguinte alerta ao leitor: "deixo de dizer muitas coisas que sucederam, para evitar prolixidade; somente direi as coisas notáveis que mais vêm ao caso"[43]. Diego de Trujillo aponta a mesma preocupação, porém, não no início do texto, mas no seu término: "muitas outras coisas poderia dizer que não digo para não ser prolixo"[44].

Acerca dos povos que encontraram pelo caminho e de seus costumes, a preocupação com a prolixidade também pode ser verificada. Miguel de Estete, no período em que a expedição se dirigia à Cajamarca, opta por assim sintetizar sua narrativa: "passando por muitos povoados grandes e importantes, de muitas florestas e arvoredos, onde se viram inumeráveis povos e templos do sol e outras coisas que por evitar prolixidade não se dizem"[45]. Novamente, o mesmo cronista ao anotar os detalhes da viagem que empreendeu na armada de Hernando de Pizarro para saquear o ouro do templo de *Pachacamac*[46], incluídas por Francisco de Xerez em sua Relação nos diz que: "muitas coisas se poderia dizer das idolatrias que fazem a este ídolo, mas por evitar prolixidade não as digo" [47]. E igualmente, nos diz sobre o período que se sucedeu à morte do soberano Atahualpa que "as coisas que passaram nesses dias e os extremos e prantos do povo, são muito longos e prolixos e por isso não se dirão aqui" [48].

Claro está que esses primeiros cronistas do *Tawantinsuyu* temiam como grande mal a prolixidade. Somente deixaram de demonstrar claramente este tema, Cristóbal de Mena e Juan Ruiz de Arce, mas seus relatos não deixam de compartilhar da mesma brevidade dos demais. Pedro Pizarro e Pedro Sancho, também não se eximem dessa preocupação, aliás, o primeiro é quem mais reitera afirmações do gênero[49]. Assim, infelizmente é provável que esses cronistas deixassem de relatar muitas notícias em razão dessa aversão. Mas é curioso observar e não podemos deixar de mencionar que cronistas posteriores, mesmo os mais extensos, demonstraram a mesma inquietação, como Garcilaso de la Vega, Ciéza de León e Gutiérrez

---

[43] XEREZ, 1985, op., cit., p.62.
[44] TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 206.
[45] ESTETE, Miguel. El descubrimiento y conquista del Perú. In: SALAS, 1987, op., cit., p. 289.
[46] *"La divinidad Pachacamac, de origen preincaico, gozaba de gran prestigio en toda la región de la costa. Identificaba a una pareja de divinidades y el nombre de Pachacamac le fue imposto por los incas cuando conquistaron esta región, para integrar su culto con el estatal del Sol. Pero siguió conservando su carácter dual. Celeste y solar, actuaba como fuerza protectora, pero también era subterránea, asociada a la noche, y podía provocar la destrucción y los terremotos"*. BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 137.
[47] XEREZ, 1985, op., cit., p. 137.
[48] ESTETE, 1987, op., cit., p. 307.
[49] *"[…] tenían otras muchas maldades, que por ser muchas no las digo"; "[…] y otros que por no ser prolijo no pongo […]"; "[…] que aquí no diré por no ser prolijo"*. PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 197, 218 e 222, respectivamente. E Sancho de Hoz: *"[…] por huir de la prolijidad no se ponen aquí por escrito […]"*. SANCHO DE HOZ, 1986, op., cit., p. 116.

de Santa Clara[50]. Isso nos fez pensar se a oposição em ser "prolixo", que equivalia a "enfadonho ", "fatigante"[51] não estaria ligada mais à opção do cronista em deixar de relatar coisas que para ele não eram importantes e tornariam o texto tedioso do que propriamente à extensão do mesmo. Como exposto anteriormente, Francisco de Xerez foi muito explícito nesse sentido ao escrever que "somente direi as coisas notáveis que mais vêm ao caso" [52].

Mas, o problema da prolixidade e a conseqüente brevidade desses relatos nos remetem também a outras reflexões. Há de se ter em conta, por exemplo, que muitos desses relatos foram escritos quase que concomitantemente aos fatos narrados[53]; alguns são verdadeiros diários, como fez Miguel de Estete ao anotar dia a dia os detalhes da expedição que se dirigiu ao templo de *Pachacamac*. Em algumas crônicas, como a de Xerez, para citar apenas um exemplo, é possível perceber que algumas frases estão escritas no tempo verbal presente, o que pode ser indicativo de que Xerez tenha escrito sua Relação no mesmo momento em que se passavam os acontecimentos que narrava e somente depois pode ter incorporado outras informações ao publicá-la em Sevilha no ano de 1534. Diante do que foi dito, pensamos que esse "imediatismo" dos relatos impossibilitou que esses homens abarcassem o processo em toda sua projeção e importância, não se demorando muito em suas descrições, nem esboçando grandes opiniões ou comentários[54]. Considerações mais elaboradas sobre todo o processo de conquista do *Tawantinsuyu* podem ser encontradas em cronistas posteriores, em que a ação histórica já transcorrida torna mais madura a reflexão[55]. Outro ponto importante a ser ressaltado acerca dessa problemática diz respeito à falta de experiência desses homens na redação de textos mais elaborados, lembrando mais uma vez que não se tratavam de cronistas profissionais. A familiaridade desses "soldados cronistas" com a comunicação escrita muitas vezes estava restrita à correspondência privada e demais textos de uso cotidiano[56].

Ainda, podemos listar como características comuns desses relatos a ausência de nomes próprios, tanto de espanhóis, como de indígenas. Xerez, cuja narrativa talvez seja a

---

[50] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 24.
[51] PORRAS BARRENECHEA, 1986, op., cit., p. 24.
[52] XEREZ, 1985, op., cit., p. 62.
[53] Lembremos que Juan Ruiz de Arce, Pedro Pizarro e Diego de Trujillo relatam suas memórias depois de já transcorridos alguns anos, são, portanto, exceção a essa regra.
[54] Vale lembrar acerca desse assunto a forma abrupta com que esses homens terminam seus textos, algo que *"[...] es típico de soldados cronistas que no saben como presentar el fin de su relato. Muchas veces no parecen ser conscientes de la necesidad de hacer un resumen final o de realizar algún comentario conclusivo […]"*. STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002, p. 35.
[55] SALAS, 1987, op., cit., p. 10-11.
[56] STOLL, 2002, op., cit., p. 22.

mais impessoal de todas, jamais usa a primeira pessoa do singular e é quem menos nomeia seus companheiros de conquista, apenas o capitão Hernando Pizarro e os três sócios que organizaram a expedição: Francisco Pizarro, Diego de Almagro e Hernando de Luque são designados pelo nome. Já a ausência de nomes indígenas pode ser explicada pela dificuldade lingüística na pronúncia do *quéchua*, assim, se limitam a referenciá-los na maioria das vezes como sendo "um cacique" ou "um mensageiro". Dificuldade que está evidente no entendimento dos nomes dos soberanos Incas, Atahualpa é frequentemente nomeado por "Atabalipa" ou "Atabalica"; Huayna Cápac e Huáscar são chamados respectivamente de "Cuzco Viejo" e "Cuzco Joven". Destacamos também a falta de descrições mais pormenorizadas da natureza, as referências a ela são rápidas e sumárias e a falta de preocupação com a cronologia no tocante às datas em que ocorrem os fatos, o que não quer dizer que esses relatos não sigam uma linearidade temporal.

Inseridos em um corpo documental mais amplo, as Crônicas de Índias, percebemos que os relatos dos primeiros conquistadores compartilham de algumas características semelhantes: a maioria foi escrita por homens cujo nível de instrução era restrito, com exceção de Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição conquistadora que, inclusive, apresenta em seu texto questões próprias aos humanistas de seu tempo. O cuidado em afirmar a veracidade do texto se fazia muito presente - outro ponto comum aos humanistas - e, devido à preocupação com a prolixidade, a maioria dos relatos é breve, os cronistas raramente fazem comentários ou reflexões próprias, além da ausência de nomes próprios e nomes geográficos. Acreditamos que essas características são indicativas da existência de certo padrão de escrita entre esses primeiros conquistadores cronistas. Isso nos fez atentar para a existência de um suposto padrão de idéias e imagens que foram construídas e consolidadas, uma vez que foi através de muitos desses relatos que os europeus conheceram as novas terras conquistadas.

1.2 Aventurar-se rumo às Índias

> O gosto do desconhecido e do mistério não podia deixar de atrair para fora da Europa os temperamentos aventureiros. Todo um conjunto de mitos e fábulas reforçou nos mais audazes ocidentais o duplo desejo de enriquecer e alargar o domínio da igreja de Cristo[57].

Embarcar para as Índias rumo ao desconhecido foi algo que atraiu centenas de aventureiros durante o período de "descoberta" e conquista da América. As expectativas que o Novo Mundo oferecia ao horizonte desses homens, os motivos que os animava a se

[57] DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1983, p. 50.

aventurarem nessas expedições conquistadoras é algo que buscamos compreender. De antemão, seguindo a citação acima, podemos elencar o desejo de enriquecimento rápido e o ideal de expansão da fé católica, a que devemos acrescentar a busca por honra e fama. Ainda, de acordo com o que nos diz Jean Delumeau acerca de "um conjunto de mitos e fábulas", não devemos nos esquecer de que esses ideais que envolviam a "aventura das Índias" eram alimentados por um imaginário[58] fascinante em torno das terras de além-mar.

Os mitos[59] sempre estiveram presentes no imaginário dos homens e sempre atuaram sobre seu comportamento, mas na época das descobertas tiveram um papel verdadeiramente mobilizador e determinaram as ações de muitos indivíduos que vieram tentar a sorte no Novo Mundo[60]. Muitas expedições foram organizadas em busca de regiões míticas e de fortunas incalculáveis. Muitas também foram as vidas que se perderam na tentativa de encontrar o Paraíso, a fonte da juventude, o *El Dorado*, as minas do rei Salomão, as amazonas e toda uma série de seres prodigiosos, para citar alguns dos elementos míticos que povoavam a imaginação dos conquistadores - reavivada com a chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo e as notícias registradas em seus Diários.

Esse imaginário fora estimulado em grande medida pelos relatos dos viajantes medievais em suas andanças pelo Oriente e África e pela literatura cavaleiresca, tão em voga nesse momento. As narrativas de viagem despertavam um interesse apaixonado nos europeus, as maravilhas[61] são o grande assunto desses relatos e o advento da imprensa serviu para dar-lhes maior difusão. Dentre os relatos mais conhecidos estão o de Marco Polo e John de Mandeville, possivelmente lidos por Colombo[62]. Acredita-se que o veneziano Marco Polo

---

[58] Para nós, o imaginário é uma realidade social que possui efeitos objetivos e materiais, pois "[...] através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; [...] exprime e impõe crenças comuns". Nessa pesquisa, analisaremos especificamente o imaginário da sociedade européia no momento da interpretação de um mundo e povos até então desconhecidos, através principalmente da produção de seus discursos "[...] nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem". BACZKO, Bronistaw. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**: Anthropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985, v. 5, p. 309 e 311.

[59] Sobre o contexto do qual tratamos os mitos para esses homens "[...] se tratam de sentimentos, aspirações, temores, desejos e sonhos de um povo [...] são, em suma, produto da imaginação coletiva, próprios a uma civilização e a uma época determinada, que podem tomar a forma de imagens, lendas, tradições e gestas épicas, e que frequentemente eles se inscrevem nos livros sagrados. Despontando na aurora das civilizações milenárias, atravessaram os séculos e os impérios para chegarem à época das grandes descobertas [...]". MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 18.

[60] Ibid., p. 17.

[61] De acordo com Claude Kappler "[...] As expressões 'maravilhar-se', 'ficar maravilhado' são muito freqüentes. Seu sentido é o mesmo do verbo latino *mirari*, que exprime espanto, surpresa, gosto pela novidade e pelo extraordinário, não pelo belo". KAPLLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 61.

[62] GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 45

viajara para a Ásia com o seu pai e seu tio e lá permanecera entre os anos de 1271 a 1295, dos quais a maior parte foram vividos na China. Ao regressar de sua longa viagem, Polo se envolveu em uma guerra entre venezianos e genoveses e acabou sendo preso em Gênova, onde relatara as notícias de sua viagem a um companheiro de prisão chamado Rustichello de Pisa, um conhecido escritor de romances que logo se interessou pelo tema e quis escrevê-lo. O êxito obtido entre os primeiros leitores provocou uma multiplicação de cópias, cujos "copistas", além de copiá-lo, traduziram-no e intercalaram ao texto suas próprias idéias ou comentários pessoais, sendo que hoje existem aproximadamente cerca de 143 manuscritos diferentes. Esse sucesso se deve ao fato de que Marco Polo teria visitado o Império Mongol na China, a Índia Mulçumana, o mundo Islâmico e o Japão na época dos samurais e durante muito tempo, essas foram as únicas notícias conhecidas sobre aquela terra. Além disso, o relato é permeado por descrições do maravilhoso, o que estimulava as fantasias de seus contemporâneos[63]. Igualmente, o relato das viagens de Mandeville por terras orientais, escrito em meados do século XIV, tornou-se imensamente popular. Circularam pela Europa manuscritos em inglês, alemão, holandês, francês, espanhol, italiano, latim, dinamarquês, tcheco e irlandês antigo e noventa edições até 1600[64]. Mandeville era visto então como um dos maiores viajantes da história e a mais influente testemunha dos costumes dos povos estrangeiros. O sucesso de seu relato explica-se em parte por se tratar de um "concentrado" de maravilhas e pelo fato de que o primeiro texto foi escrito em "língua vulgar" e não em latim[65].

Sobre os romances de cavalaria, também podemos afirmar que o gosto por esse gênero literário era bem difundido na Espanha, possuía admiradores desde os mais cultos, como o próprio imperador Carlos V, até seus mais humildes servidores. Essas histórias, muitas vezes, eram lidas em voz alta para que os iletrados pudessem apreciá-las. Na verdade, antes de 1500, muitas dessas narrativas chegavam aos ouvidos dos espanhóis através da oralidade, por meio daqueles que contavam contos ou pelos romances cavaleirescos dos trovadores e passavam de boca em boca[66]. A Espanha desse período, ainda era uma sociedade essencialmente de ordem oral[67], não uma "oralidade primária" - para usar uma terminologia cara à Zumthor -, sem contato algum com a escrita, mas uma "oralidade segunda", baseada no

---

[63] CONY, Carlos Heitor; ALCURE, Lenira. **As viagens de Marco Polo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
[64] GREENBLATT, 1996, op., cit., p. 51.
[65] KAPLLER, 1993, op., cit., p. 59. O relato de Mandeville foi recentemente traduzido para o português por: FRANÇA, Susani Silveira Lemos (Trad. e Org.). **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru: EDUSC, 2007.
[66] Sobre esse assunto: ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
[67] VIÑAO FRAGO, 1999, op., cit., p. 73.

uso de escritos, em que estes tendiam a suplantar o valor da voz no uso e no imaginário[68]. Com a recém-inventada máquina de imprensa, a credulidade dos ouvintes podia também ser estimulada pela evidência visual da obra impressa, ou seja, o que eles já haviam escutado, agora era confirmado pela palavra escrita[69]. A partir daí, esses contos podiam também acompanhar os conquistadores em suas travessias do Atlântico[70].

Cronologicamente, a primeira obra representativa do gênero que surgiu na Espanha foi *Historia del caballero de Dios que avia por nombre Cifar*, mas, pelo que consta, essa obra só apareceu impressa por volta de 1512 e não foi muito conhecida. *Tirant lo Blanch* (Tirante, o branco)[71], provavelmente foi o primeiro a ser impresso em solo espanhol, em língua catalã, em 1490. Em 1511 surgiu sua versão em castelhano com êxito relativamente moderado. O romance mais popular entre eles era o *Amadís de Gaula*, impresso pela primeira vez em 1508. França, Portugal e Espanha reclamam para si a origem da obra que é referenciada desde o século XIV na Península Ibérica. O título dessa primeira versão impressa é *Cuatro libros de Amadís de Gaula* cujo autor seria Garci-Rodríguez de Montalvo que, em edições posteriores aparece como Garci-Ordóñez de Montalvo, que teria escrito o prólogo de seu livro entre 1492 e 1504, único dado que se conhece a seu respeito, além do fato de que trabalhava em Medina del Campo. A distância cronológica com que a obra já é referenciada - século XIV – e a data em que o nome de Montalvo aparece na primeira versão impressa como seu autor, pareceu-nos significativo da falta de sentido que esta noção, a de autoria, tem para a época[72]. O romance, resumidamente, narra a origem e as aventuras de Amadís e seu amor por Oriana, filha de Lisuarte, rei da Bretanha. A história não foge às constantes do gênero: Amadís é filho de nobres, mas não conhece sua origem, se apaixona por uma princesa e se entrega à cavalaria

---

[68] Zumthor, 1993, op., cit., p. 18.

[69] Para um estudo sobre o papel do manuscrito e do impresso, bem como, sobre os usos e funções da escrita na Espanha desse período, destacamos os estudos de BOUZA ÁLVAREZ, Fernando J. **Corre manuscrito**. Una Historia Cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2002; **Del escribano a la biblioteca**. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII). Madrid: Síntesis, 1997.

[70] Irving Leonard é quase que umas das únicas referências que possuímos sobre o possível alcance dessa literatura no imaginário dos conquistadores espanhóis. Acerca da disseminação desses livros pelas colônias espanholas sua análise encontra-se principalmente entre os capítulos VII e XIX. LEONARD, Irving A. **Los libros del conquistador**. México: FCE, 1996.

[71] De acordo com Carmen Bernand e Serge Gruzinski em suas páginas "[...] os entrelaçados de uma vegetação luxuriante mesclam-se a um bestiário fantástico, semelhante àquele que, alguns anos depois, os marinheiros esperarão encontrar a cada milha nas ilhas ocidentais [...]". BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: EDUSP, 2001, p. 206. Já segundo Irving Leonard *"[…] se trata de una narración de considerable valor artístico, con elementos realistas y una falta relativa de los incidentes mágicos que caracterizan a las más típicas obras de caballerías […]"*. LEONARD, 1996, op., cit., p. 28.

[72]Conforme Foucault: "Os textos, os livros, os discursos começaram efectivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores [...]" o que ocorreu no final do século XVIII e início do século XIX. FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992, p. 47.

para conseguir, através de seu esforço, a mão de sua amada. As aventuras de Amadís estão repletas de combates individuais e coletivos, resgates de donzelas, monstros e ilhas encantadas. Por fim, por suas notáveis proezas é recompensado com a glória e se casa com sua amada. Durante todo o século XVI, Amadís foi a obra favorita de inumeráveis leitores, um manual e modelo de bom gosto, valor e nobreza. Mas, sobretudo, o panorama de ilhas exóticas, seres estranhos e tesouros escondidos contidos em suas páginas estimularam seus leitores a lançarem-se em aventuras através do mundo[73].

Em 1510, apareceu assinado pelo mesmo Montalvo, *Las Sergas de Esplandián* que narra as aventuras do filho de Amadís. Essa obra obteve relativo êxito, alcançou mais ou menos umas dez edições ao longo do século XVI e inclui em sua narrativa o mito Antigo das amazonas, o que provavelmente movimentou a imaginação dos conquistadores espanhóis - basta lembrarmos a quantidade de relatos sobre o Novo Mundo em que essas mulheres guerreiras são mencionadas[74]. A essa obra, seguiram-se várias outras: entre 1508 e 1550 foram publicados mais de 50 livros de cavalaria. Os filhos, netos e bisnetos de Amadís e Esplandián perpetuaram as tradições da família ao longo desse século nas páginas de *Florisando*, publicado no mesmo ano que *Las Sergas de Esplandián*, *Lisuarte de Grécia* (1514), *Amadís de Grécia* (1530), *Don Florisel de Niquea* (1532) e vários outros, até que o "ciclo de Amadís" compôs-se por doze livros[75].

A popularidade dessas novelas no século XVI foi, na realidade, um reviver da paixão medieval pela literatura cavaleiresca: continha alguns dos mesmos elementos fantásticos e idealizantes mesclados com certos aspectos históricos[76], pois existiam algumas constantes nessa literatura que emprestavam um ar de veracidade à narrativa. Estes romances eram baseados em um suposto manuscrito antigo descoberto e traduzido pelo autor, o que dava a impressão de que a narrativa provinha de um documento histórico. Assim, a historicidade aparente desses relatos aliada ao alargamento do horizonte geográfico advindo das recentes descobertas da África e do Novo Mundo, tornavam verossímeis as fantasias com as quais os escritores enriqueciam suas obras. As enormes possibilidades que o globo terrestre parecia oferecer reavivavam a imaginação dos leitores, levavam os mais aventureiros a procurar as maravilhas e os tesouros ocultos, cuja existência era afirmada com tanta autoridade. Outras

---

[73] LEONARD, 1996, op., cit., p. 29.
[74] Sobre esse assunto destacamos: LEVILLIER, Roberto. **El Paititi, El Dorado y las amazonas**. Buenos Aires: Enecé Editores, 1976; GIL, Juan. **Mitos y utopias del descubrimiento**. Madrid: Alianza Editorial, 1989; LEONARD, 1996, op., cit., p. 45-67; MAGASICH-AIROLA ; DE BEER, 2000, op., cit.; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
[75] LEONARD, 1996, op., cit., p. 30.
[76] Ibid., p. 27.

invariáveis nesses romances dizem respeito ao herói, de origem nobre, porém obscura, que através de seu esforço pessoal - medido por sua coragem e façanhas extraordinárias - conquistava fama e riqueza e era recompensado com a obtenção de um reino exótico ou uma ilha encantada. Além disso, essas histórias se passavam em ambientes difíceis de localizar, com cidades exuberantes ou lugares mágicos[77].

Contudo, a influência que a literatura cavaleiresca exercia nos conquistadores pode ser verificada mais de forma indireta, ou seja, ligada aos hábitos, à conduta, à moral e ao imaginário, pois não abundam nos relatos menções diretas a esse gênero literário. Irving Leonard[78] esboçou algumas reflexões em torno dessa escassez que devem ser mencionadas. Primeiramente, muitos desses homens eram quase ou totalmente analfabetos e não puderam escrever suas aventuras e nem, portanto, deixar alguma prova escrita de sua afeição pelos romances cavaleirescos que conheciam, provavelmente, por terem ouvido sua leitura ou presenciado alguma discussão sobre o tema. Mesmo entre os letrados, poucos foram os que deixaram suas impressões escritas e a maioria não parou para refletir em seus textos sobre influências subjetivas, dando mais atenção aos aspectos externos de suas aventuras. Assim, é difícil encontrar grandes considerações a respeito dessa literatura, presença perceptível, contudo, nas descrições que oferecem os cronistas ao relatarem suas impressões sobre a nova terra e povos que tinham diante dos olhos.

A essa causa, acrescenta-se a hostilidade das autoridades eclesiásticas e seculares contra essa literatura, pois acreditavam que a mesma interferia na conduta e na moral das jovens senhoritas - afeitas a essas leituras -, bem como da juventude masculina que as preferiam em detrimento do estudo de obras hagiográficas e devocionárias. Esses clérigos se preocupavam, sobretudo, com o efeito inebriante que tais romances provocavam: descrições de ouro, prata, pedras preciosas, terras exóticas e seres fantásticos, leitura com certeza bem mais instigante que a religiosa[79]. Os reis católicos não deixaram de perceber o êxito que os romances de cavalaria alcançaram, um tipo de literatura que consideraram imprópria para os jovens e para algumas de suas empresas políticas, e a proibiram. Mas, na Espanha, apesar da condenação da Igreja, de moralistas e da coroa, tais obras não foram alvos de uma perseguição ativa, ao contrário do que ocorrera nas Índias; acreditavam que os indígenas poderiam "confundir" o conteúdo das Sagradas Escrituras com os "costumes errôneos" veiculados por essas histórias, o que dificultaria o processo de evangelização. Assim, por

[77]LEONARD, 1996, op., cit., p. 31.
[78]Ibid., p. 68-69.
[79] Ibid, p. 70.

cédula real de 4 de abril de 1531, o rei Carlos V ordenou que se evitasse o envio ao Novo Mundo de "romances de histórias vãs e profanas como o Amadís", proibição reiterada em 1534[80]. Contudo, apesar dos impedimentos, livreiros, impressores e comerciantes continuaram seu próspero negócio de exportar as histórias sobre as vidas e feitos dos cavaleiros imaginários para as Índias[81].

Sobre as maravilhas que povoavam o imaginário desses homens, vale destacar o estudo de Guillermo Giucci, para quem, na América, o maravilhoso e a imagem das riquezas coincidiram, ou seja, a idéia de maravilhoso estava ligada à esperança de enriquecimento rápido. Mas, depois que a vivência se sobrepôs à imaginação, esse maravilhoso foi-se fragmentando e em fins do século XVI já não desempenhava um papel tão importante como antes, em que havia sido o grande elemento propulsor da conquista da América espanhola. Assim, para ele, o maravilhoso americano estava menos povoado por realidades fantásticas do que pela expectativa de encontrar metais preciosos em abundância[82]. De fato, no caso dos primeiros relatos sobre o *Tawantinsuyu*, o deslumbramento acerca dos metais preciosos é bem mais presente do que o imaginário fantástico, o que pode ser explicado pelo fato de que, nesse caso, rumores de tesouros insólitos e a existência dos mesmos coincidiram.

Devemos assinalar que a ânsia pela descoberta de riquezas minerais também era precedida por lendas que ressurgiram nesse momento como as minas do rei Salomão e a *Aurea Chersonesus* - a "península do Ouro" que o geógrafo Cláudio Ptolomeu situara nos confins do Oriente[83] – que, a nosso ver, também faziam parte do maravilhoso americano. Mais ou menos por volta de 1511, os espanhóis ouvem falar pela primeira vez sobre as riquezas do *Tawantinsuyu*; no Panamá, um cacique revelou a Vasco Nuñez de Balboa sobre a existência de uma terra situada mais ao Sul onde encontraria ouro em abundância. Como rumores desse tipo não podiam deixar indiferentes os habitantes da Península Ibérica, expedições foram organizadas à procura desse território fabuloso. Francisco Pizarro fora um desses homens atraído por tais rumores, fracassara nas duas primeiras tentativas, mas em 1532 quando captura o soberano Atahualpa e toma posse do *Tawantinsuyu*, as lendas pareciam ter-se tornado realidade – assim como acontecera na conquista de *Tenochtitlán* por Cortez -, pois

---

[80] GONZÁLEZ SÁNCHEZ, Carlos Alberto. Cerco a la imaginación: lectura y censura ideológica en la España del siglo XVI. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Ed.). **Libro y lectura en la Península Ibérica y América** (siglo XIII al XVIII). Salamanca: Junta de Castilla y León, 2003, p. 85.
[81] GONZÁLEZ SÁNCHEZ, 2003, op., cit., p. 85.
[82] GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Nesse mesmo sentido, Stephen Greenblatt ao analisar o imaginário europeu à época dos descobrimentos estuda os relatos mais fantasiosos sobre o Novo Mundo na tentativa de recuperar o sentido do maravilhoso para a mentalidade da época e demonstrar suas sucessivas mutações. GREENBLATT, 1996, op. cit.
[83] MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, op., cit., p. 98.

as riquezas minerais encontradas pareciam inesgotáveis. Os navios atravessavam o oceano abarrotados por ouro e prata que, sob a forma de lingotes, vasos, pedrarias e estátuas foram desembarcados nos portos ibéricos, para a contemplação de seus habitantes. As notícias sobre a existência de reinos tão ricos e fabulosos conquistados por Cortez e Pizarro só fez aguçar a esperança de outros aventureiros; boatos sobre outros reinos tão ou mais ricos do que os encontrados surgiram e várias expedições foram organizadas com o intuito de encontrá-los e repetir as proezas dos dois capitães[84].

Retomando nossa perspectiva acerca do alcance da literatura cavaleiresca na vida dos homens desse período, podemos mencionar o fato de que esses romances ofereciam um código de conduta do cavaleiro, a saber, a busca por honra e fama e também de riquezas e reinos[85]. Esses livros apresentavam um modelo de homem virtuoso a ser imitado pela sociedade renascentista: aceitação estoica de desventuras e obstáculos, exaltado sentido de honra e dignidade pessoal, hábitos corteses e um conceito cavalheiresco de amor. Tudo isso refletia os ideais da moral do homem espanhol[86]. Recordemos também que esta é uma sociedade que acaba de finalizar a Reconquista e, consequentemente, valores como a valentia guerreira, a audácia, a lealdade, em suma, o "ideal cavaleiresco" se faziam muito presentes. A honra é um valor que se destaca para os homens da Espanha durante esse período (renascentista) em que a importância da individualidade é ressaltada. Acerca do significado desse conceito para a época da qual tratamos, podemos distingui-lo em duas categorias: exterior e interior ao indivíduo. A honra, enquanto uma categoria exterior está relacionada com a reputação, ou seja, com a opinião que os outros possuem sobre determinado sujeito, é, portanto, uma categoria externa. Nessa perspectiva, dá-se mais valor à aparência, o que os outros dirão ou pensarão é mais importante do que aquilo que realmente se é. É preferível perder a honra em segredo, mas conservá-la ante os demais[87]. Relacionada com a honra, enquanto uma categoria exterior encontra-se a fama, ou seja, a busca pela imortalidade do nome em razão da boa reputação, logo, a honra permite o acesso à fama. Assim, a busca pela fama também é um sentimento renascentista que se encontra ligado à ética cavaleiresca da

---

[84] Para citarmos um exemplo: "[…] no vice-reino do Peru circula um rumor segundo o qual existem ilhas muito ricas no Pacífico, ao largo do antigo Império Inca e, em 1567, uma expedição – da qual participa um certo Sarmiento de Gamboa – parte à sua procura. Ela descobrirá um grupo de ilhas na Melanésia que a tradição popular, na esperança de ali encontrar as famosas minas bíblicas, logo batizará com seu atual nome de 'ilhas Salomão' ". MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, op., cit., p. 109.
[85] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 292.
[86] LEONARD, 1996, op., cit., p. 43.
[87] FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana; SOMEDA, Hidefuji (Eds.) **Construyendo Historias**. Aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005, p. 134.

Reconquista. Já enquanto categoria interior, a honra está intrinsecamente vinculada à virtude, à conduta correta do homem. Nessa concepção, a honra não está ligada à opinião dos outros, mas no valor que a pessoa dá a si mesma[88]. E por último, relacionada à perspectiva interior da honra, encontra-se a hombridade, isto é, a nobreza de caráter. Ainda, para a mentalidade da época, a honra estava ligada ao nascimento - à origem nobre do indivíduo ou ao enobrecimento mediante a obtenção de títulos – e à etnia e à religião, uma vez que pertencer à estirpe castelhana e não possuir entre seus parentes sangue judeu ou mulçumano era um sinal de distinção[89].

Em relação aos conquistadores do *Tawantinsuyu*, podemos afirmar que para Francisco Pizarro, como para a grande maioria dos homens que o acompanhavam, não oriundos de linhagens nobres, a "aventura das Índias" significava o sonho de um futuro melhor, haja vista que não podiam esperar muito da sociedade à qual pertenciam. Sendo assim, não tinham tanto o que perder ao tentar conquistar, através da espada, a posição e o prestígio que lhes era recusado no Velho Mundo. Sabemos muito pouco sobre a procedência e a vida dos homens que conquistaram o vasto território incaico. É sabido que a maior parte deles provinha da Coroa de Castela, sendo que eram predominantes os naturais de Andaluzia e Estremadura. Esta última região forneceu o maior contingente de homens que partiram para a conquista das Índias, inclusive dois protagonistas da conquista espanhola eram estremenhos, a saber, Hernán Cortés e Francisco Pizarro. A maioria dos espanhóis que se arriscaram rumo às Índias era composta de jovens e solteiros, provenientes das camadas baixas da sociedade[90].

Neste momento, é importante que se faça um esclarecimento acerca de uma confusão terminológica: o termo soldado é erroneamente empregado com frequência para se referir aos conquistadores espanhóis. A quantidade de soldados profissionais entre a hoste conquistadora de Pizarro é ínfima. Segundo Lockhart, o único critério mais correto que possuímos para avaliar a existência do elemento militar entre os conquistadores é a experiência. Sendo assim, identifica como soldado ao grego Pedro de Candia que havia servido como artilheiro na Itália e fez parte da guarda real espanhola. Um amigo de Candia, Martín de Florência, pode ser um caso semelhante, mas o autor não pode afirmar com segurança. Hernando Pizarro foi capitão

---

[88] FAZIO FERNÁNDEZ, 2005, op., cit., p. 135.
[89] Ibid, p. 136.
[90] James Lockhart fez um estudo social e biográfico dos 168 espanhóis que capturaram o Inca Atahualpa em Cajamarca trazendo informações mais precisas sobre esse grupo de conquistadores. Quanto à origem regional, a maioria provinha de Andaluzia (34) e Estremadura (36), sendo que não foi possível saber o local de nascimento de 37 deles. Em relação à idade, a maior parte estava entre a faixa etária que vai dos 20 aos 34 anos, 89 no total e a idade de 61 deles é desconhecida. Foi possível afirmar que a hoste era composta por 91 plebeus e 38 fidalgos, excetuando-se 39 homens em que essa informação não é dada a conhecer. LOCKHART, 1986, v. 1, op., cit., p. 39-45.

de infantaria em Navarra ao lado de seu pai quando ainda era muito jovem, no entanto, não é possível saber se participou de alguma atividade militar entre o ano da morte de seu pai (1522) e a conquista do *Tawantinsuyu*. O mesmo ocorre com Francisco Pizarro que também esteve na Itália nos anos de sua juventude. A grande maioria embarcou para as Índias muito jovem para ter participado antes nas guerras européias[91]. Como a conquista e o povoamento faziam parte de um mesmo processo, a distinção entre conquistador e povoador é complicada porque em muitas das vezes se tratava de um mesmo indivíduo, sendo que quase todos os homens se tornavam combatentes, ou seja, se havia poucos militares, não existiam civis em absoluto porque a maioria dos homens que se dirigiam para o Novo Mundo participava na luta contra os nativos, inclusive o clero. Sendo assim, ser soldado não distinguia nenhum grupo do outro, pois a diferenciação entre soldados e civis carece de validade para o século XVI. Inclusive, nos relatos dos primeiros conquistadores, a palavra "soldado" aparece muito pouco, é substituída por *hombres*, *hombres de a pie*, *hombres de a caballo*, *españoles* e *cristianos*. É certo que esses homens conheciam esse termo[92], mas quase não o aplicaram, talvez pela conotação do mesmo, indicativa de uma pessoa que recebia salário, ao contrário desses conquistadores que partiam da Espanha por sua própria conta e risco[93] e esperavam como "pagamento" a descoberta de riquezas, o recebimento de *encomiendas*[94], cargos e outras honrarias[95].

Enobrecer com a aquisição de títulos ou pelo menos viver com nobreza era um estímulo muito poderoso para esses homens, cuja sede por riquezas era incentivada pelo poder que outorgava, pela honra que permitia. A obtenção de riquezas também estava ligada ao "pagamento" que esses homens recebiam por terem prestado serviços à Coroa de Espanha alargando o seu Império e consequentemente o da cristandade, de modo que o ideal de expansão da fé católica não era incompatível com a busca por fortuna, ou seja, os conquistadores se viam em pleno direito de receber recompensas econômicas da Coroa por

---

[91] LOCKHART, 1986, op., cit., p. 35.

[92] Entre os relatos que estudamos, a palavra soldado aparece somente no texto de Pedro Pizarro, em duas ocasiões. PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 172 e 173.

[93] Conforme informação dada pelo escrivão oficial da expedição: *"[...] nuestros españoles, siendo pocos en número, que nunca fueron juntos sino doscientos o trescientos, y algunas veces ciento y aun menos [...] y los que en diversas veces han ido, no han sido pagados ni forzados, sino de su propia voluntad y a su costa han ido […]"*. XEREZ, 1985, op., cit., p. 59.

[94] "[...] As *encomiendas* eram concessões de mão-de-obra americana nativa. A seus detentores, ou *encomenderos*, era conferido o direito de tributar, em bens e trabalho, os indígenas de determinada comunidade ou grupo de aldeias. Tais concessões possibilitavam a seus beneficiários desfrutar de um *status* elevado e, com freqüência, de um estilo de vida superior aos demais colonos [...]". RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 77.

[95] LOCKHART, 1986, op., cit., p. 31-35. Acreditamos que essa confusão terminológica contribuiu para o nascimento posterior do "mito do exército do rei". RESTALL, 2006, op., cit.

desempenharem um trabalho em nome da santa fé católica. O ideal de expansão do cristianismo era um estimulador e, como veremos mais adiante, também servia para justificar a conquista. Os relatos dos cronistas serviram muitas vezes para legitimar atos e atitudes individuais que se inseriam no contexto mais amplo das pretensões da coroa de Espanha. Assim, pouco a pouco, os escritos dos cronistas servirão para justificar a conquista através de uma dupla missão: levar a civilização e o cristianismo para as Américas.

Em crônicas do século XVI, os sucessos das descobertas e conquistas são narrados de forma a demonstrar que estas faziam parte de um plano da Providência Divina para implantar a verdadeira fé nessas terras e os espanhóis aparecem como os agentes desse plano divino, os agentes de Deus no Novo Mundo. Mas, nem todos os cronistas se expressam dessa forma ou apresentam essa preocupação, alguns afirmam claramente que foram às Índias em busca de fama e riqueza[96]. Ao "aventurarem-se rumo às Índias", seja em busca de ouro, honra, fama ou levar a fé cristã àqueles que não a possuíam, alguns homens pararam para relatar suas experiências e nos legaram suas impressões em textos comumente chamados de "Crônicas de Índias", onde podemos observar a tentativa de compreensão do Novo Mundo que tinham diante dos olhos e, além disso, a compreensão de si mesmos nesse mundo desconhecido.

---

[96] *"[...] los conquistadores tenían ideas muy distintas, como manifiesta Bernal Díaz al insistir en que él fue a las Indias a 'procurar de ganar honra, como los nobles varones deben buscar la vida', o el mismo Oviedo, al reiterar machacona y hasta obsesivamente que él fue a Indias a 'ganar de comer'. En su sinceridad, estos cronistas nos enseñan que su proyecto indiano es de alcance individual y de naturaleza material ('ganar de comer')"*. VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 48. A propósito do objetivo de viajar às Índias em busca de riqueza e expressá-lo claramente, é possível observar na seguinte fala de Francisco Pizarro à um indígena apresentada por Cristóbal de Mena: *"[...] El Gobernador le dijo que la gente de guerra no buscaba otra cosa sino oro para ellos y para su señor, el Emperador […]"*. MENA, 1987, op., cit., p. 105.

CAPÍTULO 2: A CONQUISTA DO *TAWANTINSUYU*

> *[…] Estamos ante la creación de la realidad dual americana, que viene configurada ante todo por el contraste entre un mundo imaginado y deseado y una realidad física y humana que no se comportaba casi nunca como los castellanos esperaban. Es en la confrontación entre los que se espera y lo que se encuentra donde se instalan normalmente el hambre y la tragedia, las ilusiones perdidas y el fracaso, características propias de la realidad colonial del siglo XVI americano […]*[1]

Muitos foram os que partiram da Espanha rumo às Índias em busca de riquezas, honra, fama e tudo o mais de positivo que os territórios de além mar pudessem lhes proporcionar. Porém, não raro, muitas vezes suas expectativas se desfaleciam ao encontro de terras inóspitas, povoadas por indígenas hostis e belicosos. Entre 1524 e 1532, três sucessivas expedições partiram do Panamá em busca do tão afamado território dos Incas, duas das quais regressaram com um elevado saldo no número de mortes. Essas vidas se perderam em meio aos percalços, a maioria, vítimas dos indígenas, da fome, da sede e de enfermidades. Devido aos objetivos propostos pela pesquisa, nessa etapa do trabalho pretendemos analisar o processo de conhecimento de novas terras e povos sob a ótica dos conquistadores, buscando compreender quais são as expectativas, os medos e as frustrações que acompanharam esses homens durante o percurso até Cajamarca. Isso porque a conquista do antigo Peru é conhecida principalmente em sua fase final: a captura e morte do soberano Atahualpa em Cajamarca e a tomada do *Tawantinsuyu*. Mas antes desses acontecimentos, Francisco Pizarro e seus homens viveram alguns anos de errância por terras desconhecidas.

2.1 As primeiras evidências de um reino fabuloso

Podemos localizar a "pré-história" da conquista do *Tawantinsuyu* na quarta viagem de Cristóvão Colombo à América, quando este chegara a *Tierra Firme*[2]. Desde então, os primeiros homens que se aventuraram para explorá-la padeceram dos rigores do clima e da terra, bem como da belicosidade dos indígenas que defendiam seu território bravamente. Assim, para os primeiros exploradores, mantidos à distância devido às flechas envenenadas

---

[1] PIQUERAS CÉSPEDES, Ricardo. Episodios de hambre urbana colonial: las hambrunas de la Isabela (1494), Santa Maria la Antigua del Darién (1514) y Santa María del Buen Aire (1536). **Boletín Americanista**, Barcelona, n. 48, p. 211-223, 1998, p. 212-213.

[2] Para a localização geográfica de alguns dos lugares citados no texto de agora em diante, vide mapa na página seguinte (p. 44).

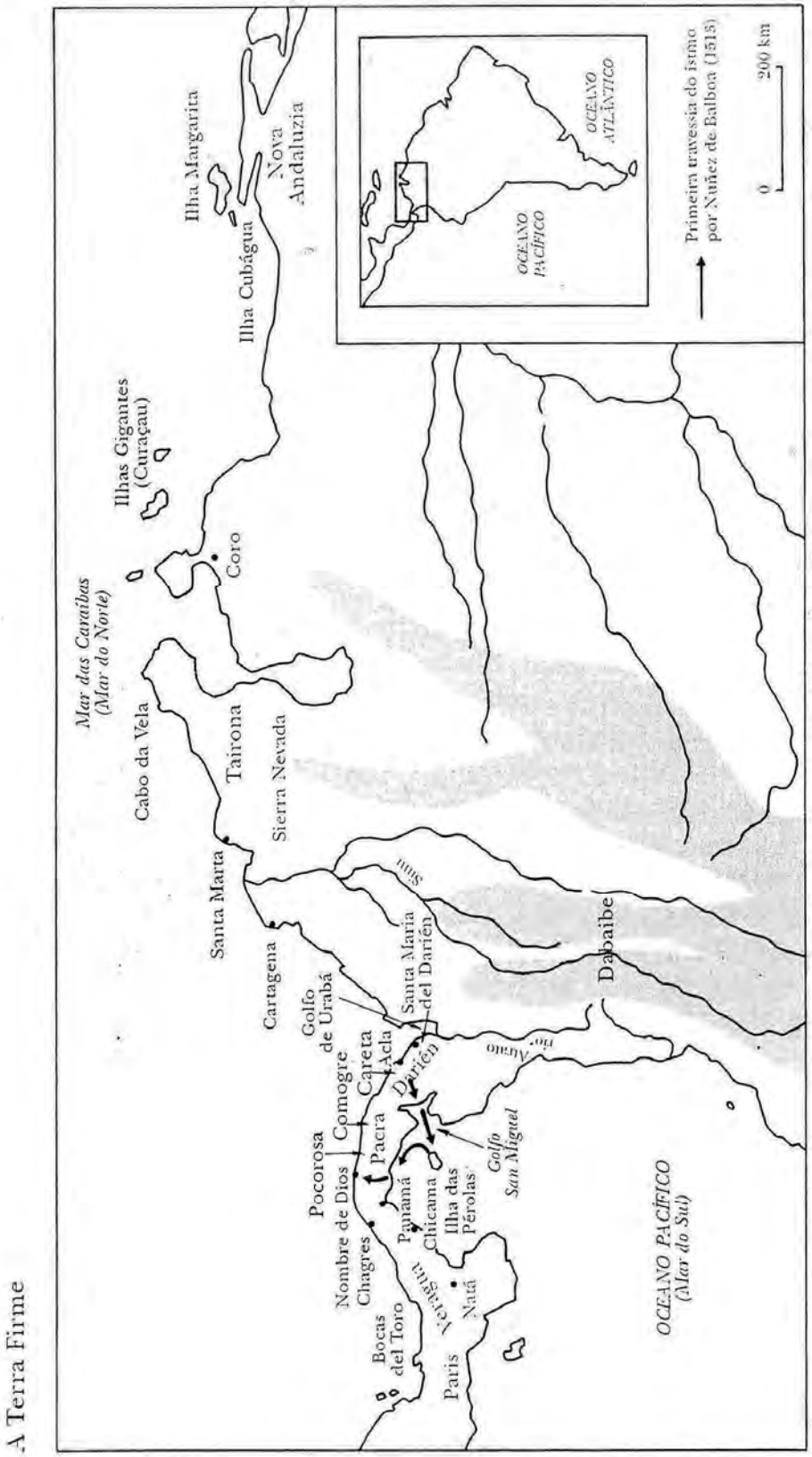

Figura 1: A Terra Firme. BERNAND, Carmen; GRUZINSKY, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: Edusp, 2001, p. 435.

que choviam sobre eles, a penetração no interior dessa região não era tarefa fácil. À hostilidade dos indígenas, acrescentam-se as enfermidades, como o escorbuto, provocado pela má alimentação e a dificuldade em encontrar víveres. Porém, ao descobrirem belas peças de ourivesaria nas proximidades do Golfo de Urabá, as melhores, pela qualidade de sua fabricação encontradas até então no Novo Mundo, todas as dificuldades foram esquecidas. Os aventureiros, Alonso de Ojeda e Diego de Nicuesa, crentes de que poderiam encontrar mais peças desse tesouro, solicitaram e conseguiram uma capitulação da Coroa em 1508, na qual se comprometiam a governá-la e povoá-la, sendo que, divididas pelo rio Atrato, a parte oriental coube à Nicuesa e a ocidental à Ojeda[3].

Mas, em novembro do ano seguinte, Ojeda parte de Hispaniola – atual São Domingos - em uma expedição com três navios, um deles roubado de Nicuesa, entre os trezentos tripulantes estava o futuro conquistador do *Tawantinsuyu*, Francisco Pizarro. Aportaram numa das baías de Cartagena, que na época, era apenas um porto – a cidade só vai ser fundada em 1533 e se tornará umas das mais importantes possessões espanholas -, mas a sorte não os ajudou. Os homens de Ojeda foram quase todos dizimados pelos indígenas que jogavam peças de ouro na direção dos espanhóis, quando estes abaixavam para recolhê-las, flechas envenenadas os alcançavam. Nicuesa desembarca inesperadamente na região irritado com a traição do companheiro, mas cede ante as lágrimas de Ojeda e as mortes de seus companheiros. Resolve unir seus homens ao que sobrara da tropa de seu antigo amigo e, juntos, vencem o inimigo[4]. A armada avançou em direção ao Golfo de Urabá e fundaram uma fortaleza a que deram o nome de São Sebastião, em recordação ao santo mártir que morreu ferido por flechas. Mas, as provisões estavam esgotadas e eles deveriam imediatamente encontrar víveres para sobreviver. Porém, os espanhóis, que já estavam debilitados, não tinham coragem de se aventurarem fora dos limites do forte e muitos morreram de inanição. Por sorte, um barco pertencente a genoveses, que havia sido roubado em São Domingos os

---

[3] As informações mais detalhadas sobre todo o processo de conquista do *Tawantinsuyu*, não contempladas nos relatos que estudamos foram consultadas nas seguintes obras: BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. **Descubrimiento y conquista del Perú**. Madrid: Salvat Editores, 1963; BERNAND, Carmen; GRUZINSKY, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: EDUSP, 2001; DUTHURBURU, Jose Antonio del Busto. **Marchas y navegaciones en la conquista del Perú**. Lima: Instituto Riva-Agüero, 2006; LAVALLÉ, Bernard. **Francisco Pizarro**. Biografia de una conquista. Lima: IFEA, 2005; VARGAS UGARTE, Rubén. **Historia General del Perú**: el descubrimiento y la conquista. Lima: Carlos Milla Batres, 1971; VARÓN GABAI, Rafael. **La ilusión del poder**: apogeo y decadencia de los Pizarro en la conquista del Perú. Lima: IFEA, 1997. Esses autores, muitas vezes, se apóiam em crônicas escritas posteriormente aos acontecimentos que narram. Mencionamos o relato utilizado por esses autores na medida em que foi possível identificá-lo.

[4] Essas informações são dadas pelo cronista Gonzalo Fernández de Oviedo. BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op. cit., p. 36

encontrou e os guarneceu de pão de mandioca e toucinho[5]. Contudo, os ataques indígenas aos espanhóis continuaram e Ojeda foi atingido por uma flecha envenenada, e viu-se forçado a regressar até Hispaniola para pedir reforços e cuidar de seu ferimento[6], deixando em seu lugar, como governador de São Sebastião do Urabá, seu tenente Pizarro, com a missão de resistir cinqüenta dias a espera de reforços que seriam enviados de Hispaniola. Findado este prazo, se nenhum socorro os alcançasse, poderiam abandonar o forte.

Os dias na fortaleza de São Sebastião se passaram com muitas dificuldades, a fome se instalara, além dos carrapatos, sanguessugas e bichos-de-pé que muito atormentavam os conquistadores[7]. A despeito da fome, essa era uma constante em quase todas as expedições exploratórias, um adversário permanente; ao transladarem-se de um ponto a outro, sem conhecimento prévio do caminho, não era possível prever a quantidade de víveres necessária. Por esse mesmo motivo – o desconhecimento do percurso a ser vencido – se carregassem grandes cargas de comida, estas, muitas vezes se perdiam durante a travessia de pântanos, lagos, quando não era a umidade e os insetos que as destruíam, assim, "seja o que Deus quiser" era lei diária[8]. Em São Sebastião, a esperança de encontrar metais reluzentes se desfaleceu, Pizarro, vendo que seus homens não tinham mais condições de esperar o regresso de Ojeda – que não poderia fazê-lo, pois não sobrevivera ao ferimento e morrera em Hispaniola –, ao término do prazo estabelecido, decidiu partir. Mas um problema se colocara a Pizarro: os dois barcos que possuíam não eram suficientes para regressar com setenta homens a bordo. O capitão então, decidiu esperar para que a fome, as enfermidades e os ataques indígenas reduzissem a quantidade de homens; ao todo, passaram seis longos meses em São Sebastião de Urabá[9]. Como se não bastassem as dificuldades já passadas, logo depois de partirem, enfrentaram uma terrível tempestade e um enorme peixe - talvez uma baleia[10] - com um golpe, rompeu o timão de um dos barcos, que, ingovernável, naufragou e todos os

---

[5] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 36.
[6] Essa é a versão de BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 437. Já Bernard Lavallé, oferece mais detalhes desse episódio, apoiado no relato do padre Bartolomé de Las Casas, escreve que: *"Un dia, atraído fuera del fortín por los gritos de indios emboscados, Ojeda cayó en una trampa. Su muslo fue traspasado por una flecha. Temiendo que esta estuviese como de costumbre envenenada, le pidió al cirujano de la expedición que cauterice sus heridas con dos placas de fierro calentadas al rojo vivo. Ante la negativa del médico que temía por el desenlace, Ojeda amenazó con ahorcarlo y recibió entonces el tratamiento exigido. Efectivamente estuvo a punto de morir pero, como se le envolvió en paños mojados en un tonel de vinagre, logró, cuenta Las Casas, compensar el veneno de la hierba con el ardor del fuego"*. LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 36.
[7] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 437-438.
[8] LEVILLIER, Roberto. **El Paititi, El Dorado y las amazonas**. Buenos Aires: Enecé Editores, 1976, p. 29-30.
[9] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 37.
[10] Ibid., p. 37.

homens a bordo morreram afogados[11]. Os sobreviventes cruzaram, por sorte, com um navio espanhol comandado pelo bacharel Martín Fernández de Enciso que se dirigia ao golfo de Urabá com reforços. Enciso não se comoveu ante as súplicas de Pizarro e seus homens para rumarem de volta a Hispaniola; preferiu continuar até o fim de sua viagem e chegar à sede de seus interesses em Terra Firme, pois havia se associado com Ojeda na empresa de exploração dessa região. Porém, de regresso a Urabá, o navio bate em um rochedo e afunda, junto com jumentos, porcos e sacos de grãos; os homens conseguem se salvar. A fortaleza de São Sebastião fora saqueada pelos índios depois que os espanhóis partiram e alguns "restos" era tudo que sobrara da segunda cidade fundada em Terra Firme[12]. Os conquistadores sobreviveram caçando porcos selvagens e se alimentando de palmito. Somente um ano depois da partida de Ojeda é que o objetivo de estabelecimento em Terra Firme é alcançado: os espanhóis instalam-se à margem do golfo ocidental numa vila abandonada pelos indígenas, batizada de Santa Maria la Antigua del Darién, nome da virgem de Sevilha. Mal sabiam eles que do outro lado das montanhas, estava o Oceano Pacífico[13].

Enciso se tornara o capitão daquela terra inóspita, cuja configuração desconheciam, permeada por pântanos infestados de mosquitos. Porém a tropa não aceitava ser comandada por ele e preferiram o estremenho Vasco Nuñez de Balboa e ao basco Martín Zamudio[14]. Assim, em 1511, o rei Fernando nomeou Balboa, governador do Darién da Terra Firme. Nesse período, Balboa tem a notícia - dada por um Cacique – de que a seis sóis de distância existia um local onde o ouro era abundante, para se chegar até lá, explicou o Cacique, era necessário atravessar as montanhas que se erguiam nas aldeias atlânticas e o "outro Mar"[15]. Informações semelhantes já haviam circulado anteriormente, inclusive, Colombo as conhecia, assim como exploradores portugueses do Brasil, pois indígenas lhes disseram que a Oeste existia um povo que possuía cobre, ouro e bronze[16]. Seria simplesmente para afastar os

---

[11] Esta é a versão que nos oferece LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 37, baseando-se no testemunho de Pizarro. Já, BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 438, afirmam que o barco se enroscara nos manguezais, mas, por sorte, encontraram a embarcação de Enciso que trazia reforços.

[12] A primeira foi Verágua, fundada por Cristóvão Colombo. BERNAND; GRUZINSKI, 2001, op., cit., p. 438.

[13] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 438.

[14] "[...] a tropa não estava pronta para se deixar comandar por um homem de lei. Duas faccções se formaram, uma favorável a Enciso e à lei, outra favorável a Balboa, o chefe, cuja personalidade se tinha imposto desde os primeiros dias, apagando aquela, mais secreta, de Pizarro. O Darién ainda não tinha sido conquistado, mas os habitantes de Santa Maria – mais ou menos duzentos homens – resolveram eleger as autoridades municipais, seguindo assim a tradição das *comunidades* castelhanas, e nomearam seus primeiros *alcaldes*, o basco Martín Zamudio e o estremenho Vasco Nuñez de Balboa, originários, ambos, de dois territórios ibéricos que tinham cultivado ao extremo o faccionalismo." BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 439.

[15] Ibid., p. 445-446.

[16] BALLESTEROS GABROIS, 1963, op., cit., p. 41.

espanhóis ou para ganhar a confiança deles que os nativos davam essas notícias? Além disso, será que o Cacique falava sobre as riquezas do *Tawantinsuyu*?

Seja como for, Balboa ficara animado com a notícia e tratou de falar sobre as riquezas auríferas da região, na tentativa de convencer o rei Fernando a mandar homens para começar a descoberta desse "Outro Mar". O Darién fazia fronteira a leste com uma região praticamente inexplorada, o Sinu – conglomerados de aldeias próximas a Cartagena -, de onde os espanhóis conheciam objetos de ouro trabalhados em formas variadas. Nas raras vezes em que conseguiu penetrar nessa região, Balboa interrogava aos índios sobre a procedência daquele ouro e, segundo o que lhes dissera, este era proveniente de uma terra longínqua, comandada pelo cacique Dabaibe, no interior das florestas. Porém, o ouro, vinha de mais longe ainda: uma terra montanhosa ao sul do Urabá, a qual Dabaibe, por meio de escambo, conseguia-o. Logo, na descrição que Balboa faz ao rei Fernando, aparece a notícia da existência de uma "casa cheia de ouro", um precioso metal que, colocado em cestos, um homem sozinho não conseguiria levantar[17]. Essas imagens nos remetem ao "palácio dourado" da ilha Cipango descrita por Marco Polo[18] ou às minas do rei Salomão e às lendárias Ofir e Tarsis Bíblicas[19]. Colombo, inclusive, identifica a ilha de Hispaniola com as regiões de Tarsis e Ofir e com a ilha de Marco Polo[20], já em sua quarta viagem, afirma que as minas do rei Salomão não se encontravam em Hispaniola, mas na região de Terra Firme, em Verágua[21]. As notícias recolhidas por Balboa sobre o território do cacique Dabaibe e a casa cheia de ouro foram as primeiras luzes do *El Dorado* na América do Sul e durante todo o século XVI aventureiros arriscarão suas vidas para encontrá-lo.

Entusiasmado com essas notícias, Balboa partiu do Darién na companhia de 800 homens no dia primeiro de setembro de 1513. Desembarcaram em Acla, terra de seu sogro, o

---

[17] BERNAND; GRUZINKY, 2001, op., cit., p. 446-447.

[18] "Cipango é uma ilha muito grande, situada a levante, a uma distância de 1.500 milhas de alto-mar [...] Encontra-se lá ouro, não porque o tenham muito, mas porque quase ninguém vai até esta ilha, razão pela qual têm tanto. O palácio do senhor de Cipango é muito grande, todo coberto de ouro, como na nossa região as igrejas são cobertas de chumbo. Toda a superfície dos aposentos também é recoberta de ouro, de bem uns dois dedos de espessura; e igualmente as janelas, paredes, salas e todas as outras coisas, de modo que eu não saberia dizer o valor de tudo isso. A fortuna de Cipango é tanta que não se poderia contar, tal o número de pérolas, algumas vermelhas, redondas e grandes, mais caras ainda do que as brancas; há também muitas pedras preciosas". CONY, Carlos Heitor; ALCURE, Lenira (Trad.) **As viagens de Marco Polo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001, p. 186.

[19] A Bíblia menciona "[...] 'Ofir' e 'Tarsis'como duas regiões extremamente ricas, para onde o rei Salomão enviava seus navios em busca de imensos tesouros [...]". As descrições mais detalhadas encontram-se no livro dos Reis e nas Crônicas. MAGASICH- AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 94.

[20] Ibid., p. 101.

[21] Ibid, p. 104; BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 447.

cacique Careta[22]. Nesse local ficou a maior parte das pessoas que o acompanhavam, ele e mais alguns aventureiros - dentre eles, o futuro conquistador do *Tawantinsuyu* Francisco Pizarro - embrenharam-se no interior das matas e chegaram até Ponca, onde obtiveram informações precisas sobre o caminho a seguir. Depois de doze dias de caminhada, Balboa avistou o "outro mar" de que ouvira falar: o mar do Pacífico[23], doravante denominado "Mar do Sul". A importância desse descobrimento, do ponto de vista geográfico, significa a constatação de que Colombo não chegara ao extremo oriental da Ásia, mas a um novo continente. Além disso, a chegada ao Mar do Sul – e, posteriormente a fundação da cidade de Panamá, que servirá de ponto de partida para futuras expedições exploratórias - é a primeira etapa do descobrimento e conquista do *Tawantinsuyu*[24]. O local onde estava Balboa e seus homens forma um golfo, batizado de São Miguel, daí, percorreram o mar até uma ilha, cujo ouro e pérolas eram abundantes, logo, foi batizada de Ilhas das Pérolas. No caminho de volta, aprisionaram um cacique e pediram um resgate em ouro e, durante uma semana, os índios trouxeram pepitas do precioso metal[25]. Demoraram mais ou menos três meses e meio para regressar a Santa Maria la Antigua, onde os habitantes, segundo Las Casas, sentiram uma alegria profunda ao verem as enormes quantidades de ouro e pérolas que Balboa e seus homens traziam, tendo em vista as limitadas perspectivas econômicas oferecidas pela cidade[26].

Antes mesmo que as notícias sobre a descoberta do "Mar do Sul" chegassem aos ouvidos do rei Fernando, este enviara à Terra Firme, rebatizada posteriormente de "Castela de Ouro" - nome indicativo das expectativas que a descoberta de Balboa proporcionou -, Pedrarias Dávila com o título de capitão-geral e governador para consolidar o domínio espanhol nessa região. Pedrarias tinha autorização para fundar cidades, distribuir terras e regulamentar a exploração das minas. Na Espanha, recrutou 1.200 pessoas para acompanhá-lo[27], entre elas, encontravam-se alguns homens que mais tarde se envolveriam com Pizarro para a conquista do *Tawantinsuyu*: o padre Hernando de Luque e seu protegido Diego de Almagro, Sebastián de Benalcázar, Francisco de Xerez e Hernando de Soto. A armada chegou

---

[22] Segundo José António del Busto Duthurburu, a filha de Careta, chamada Anayansi, esposa de Balboa *"[…] fue quién le habló entonces de un mar azul y de un lugar dorado que llamaban el Dabaibe [...]"* DUTHURBURU, 2006, op., cit., p. 26.
[23] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 448.
[24] BALLESTEROS GABROIS, 1963, op., cit., p. 32;
[25] Francisco Pizarro agirá da mesma maneira alguns anos depois, quando captura o Inca Atahualpa em Cajamarca. BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 449.
[26] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 40.
[27] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 452, já segundo LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 40, a frota era composta por mais ou menos vinte navios e mais de 2.000 passageiros.

ao Darién em 30 de junho de 1514. Mal sabiam eles das terríveis dificuldades que os aguardava: apenas um mês após aportarem em Santa Maria, setecentos homens morreram vítimas de doenças e da fome, pois os víveres apodreceram nos porões dos navios durante a viagem e os produtos da terra mal davam para alimentar os homens de Balboa que ali estavam. Esse momento de decepção é descrito pelo conquistador Pascual de Andagoya em sua crônica:

> *Llegó Pedrarias al Darién en fin de julio del dicho año del catorce, donde fue recibido por la gente que allí estaba (y) desembarcada toda su gente. El pueblo era pequeño y tenían pocos mantenimientos de la tierra. Desembarcados los mantenimientos que iban en el armada, que repartieron por todos (y las harinas y lo demás iba ya corrompido de la mar, que ayudaban a la mala disposición de la tierra, que es montuosa y anegadiza, poblada de muy pocos indios) comienza a caer la gente mala en tanta manera que unos no podían curar a otros y ansí en un mes murieron setecientos hombres, de hambre y de enfermedad de modorra […]*[28].

Alguns homens, fugindo das doenças e da fome, deixaram o território e partiram para Cuba. Em meio às dificuldades, aqueles que sobreviveram estabeleceram-se no Darién. Mas os acontecimentos do ano de 1519 proporcionarão novo fôlego a esses aventureiros das Índias: as notícias da conquista da poderosa cidade de *Tenochitlán* por Cortés e de suas inesgotáveis riquezas; a fundação da cidade de Panamá por Pedrarias que deveria servir de base para as futuras viagens de exploração do Mar do Sul; uma expedição comandada por Gaspar de Espinosa, da qual faziam parte Pizarro, Andagoya e Soto, chegou à Costa Rica; outra expedição de cinco navios, comandada por Fernão de Magalhães parte no dia 20 de setembro de Andaluzia com o objetivo de encontrar uma passagem marítima entre os oceanos Pacífico e Atlântico, objetivo que foi alcançado[29].

A recém-fundada cidade de Panamá, de clima ameno, atraiu os colonos. Almagro foi um dos que ali se instalou com uma índia e com um filho. Pizarro também permanecera no Panamá e, assim como Almagro, estava muito rico, além disso, era membro do conselho da cidade e inspetor de *encomiendas*. Nessa cidade, também se instalara o padre Hernando de Luque que também gozava de uma vida confortável, assegurada pela *encomienda* de setenta índios que possuía[30]. A vida transcorria normalmente, sem grandes atribulações até que um conquistador chamado Pascual de Andagoya parte do Panamá em 1522 com o objetivo de costear o golfo de São Miguel e seguir a direção oriental, até Chochama, uma pequena aldeia

---

[28] ANDAGOYA, Pascual de. **Relación y documentos**. Edição de Adrián Básquez. Madrid: Historia 16, 1986, p. 86. Modorra é uma doença que causa febres e um sono profundo.
[29] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 457-458.
[30] Ibid., p. 470-471.

do Pacífico - já haviam passado cinco anos sem que nenhuma expedição espanhola percorresse esse trajeto[31]. Em Chochama, os indígenas contaram-lhe que certo povo do *Biru*, nas noites de lua cheia, chegava até suas praias em canoas e os atacava. Como rumores sobre povos desconhecidos e territórios inexplorados não deixava alheio a nenhum conquistador, Andagoya procurou interrogar mercadores indígenas que circulavam ao longo do litoral Pacífico e estes lhe disseram que mais ao Sul existia uma multidão de povos. Conduzido pelo senhor de Chochama, Andagoya decidiu partir em busca desse *Biru*, localizado mais ao sul do golfo de São Miguel. Mas durante o caminho, o conquistador caiu na água e quase se afogou, sendo forçado então a regressar ao Panamá doente e nunca mais se curou: suas pernas não o sustentavam mais e ele não conseguia andar a cavalo[32]. Impedido de continuar a expedição - a pedido do Governador Pedrarias -, deixou para Pizarro, que tinha se associado a Almagro e ao padre Luque, o trabalho de continuá-la[33].

Podemos afirmar que a partir da expedição de Andagoya se obtém informações mais precisas sobre a existência do *Tawantinsuyu*. Até então, seja para afastar os espanhóis ou para fazer alianças, os indígenas foram-lhes informando que mais ao Sul se localizava um lugar fabuloso por suas riquezas, ao que os espanhóis se empenhavam em encontrar, apesar de todas as dificuldades.

2.2 Alguns anos de errância por terras desconhecidas

Depois que Andagoya - impedindo de continuar a busca pelo *Biru* - passara as informações que havia obtido em sua desastrosa exploração das terras ao longo do Mar do Sul para Pizarro e seus companheiros, Almagro e Luque, estes deveriam recrutar homens para tal empreitada, o que não foi tarefa fácil, pois a maioria deles se encontravam com Hernando de Soto ao norte, na exploração da Nicarágua[34]. No dia 14 de novembro de 1524, Pizarro deixou o Panamá acompanhado por cento e doze homens, entre eles, alguns índios do istmo[35] e um

---

[31] BALLESTEROS GAIBROIS, 1963, op., cit., p. 45.
[32] ANDAGOYA, 1986, op., cit., p. 110-112.
[33] *"Visto Pedrarias tan grande noticia como yo llevé, e informado de médicos que yo no podía sanar sino por curso de tiempo y ansí estuve tres años que no pude cabalgar a caballo me rogó que diese la jornada a Pizarro y Almagro y al padre Luque, que eran compañeros, porque tan gran cosa no parase de seguirla […]"*. Ibid, p. 112.
[34] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 472.
[35] XEREZ, Francisco de. **Verdadera Relación de la conquista del Perú**. Edição de Maria Concepción Bravo Guerrera. Madrid: Historia 16, 1985, p. 62. Sobre as duas primeiras expedições que empreendeu Pizarro e seus sócios, além das notícias dadas por Francisco de Xerez, temos as do anônimo que escreveu a *Relación-Sámano*. In: BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit. e as de ESTETE, Miguel. El descubrimiento y la conquista del Perú. In: SALAS, Alberto. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1987.

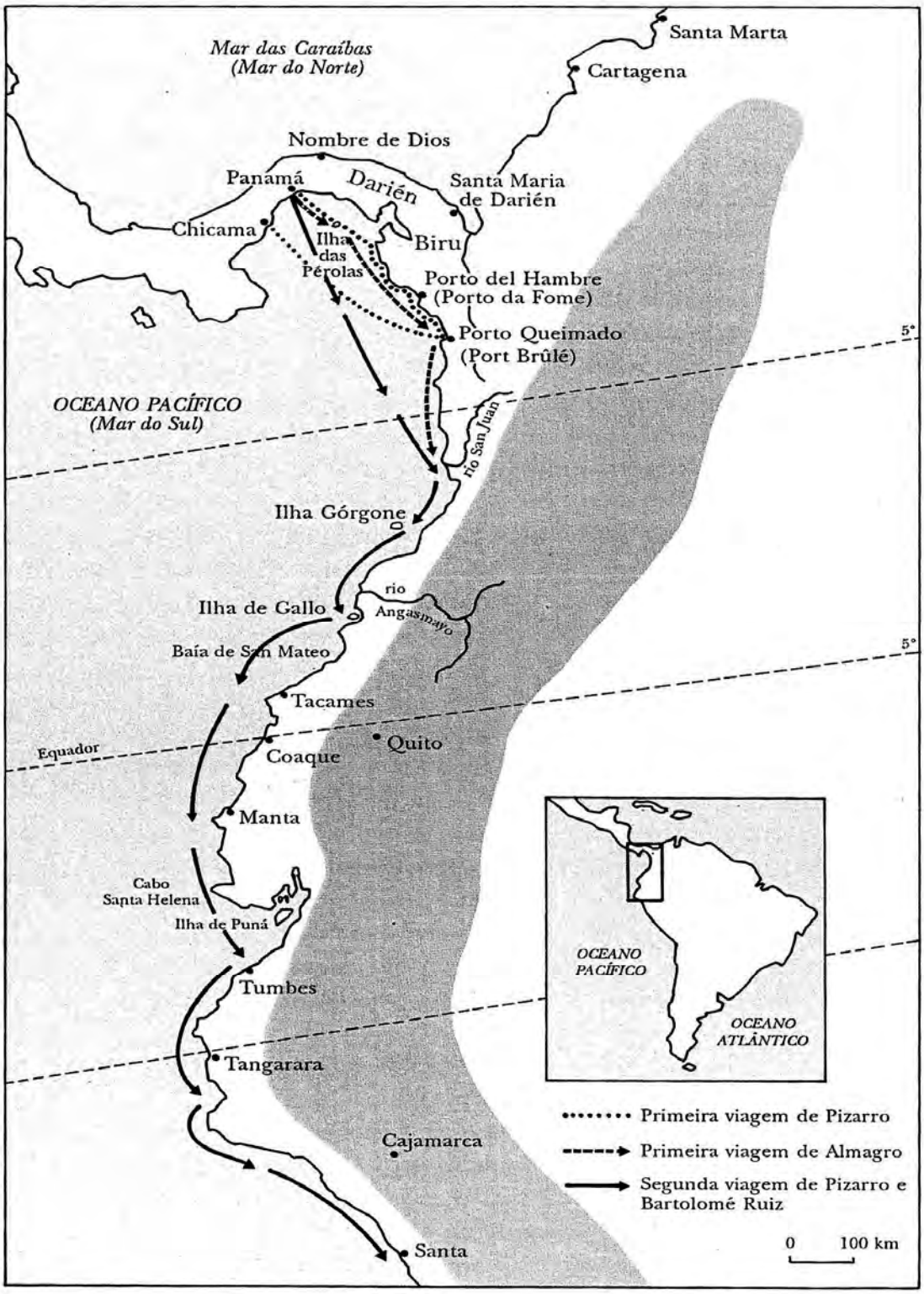

Figura 2: As primeiras expedições da Costa do Pacifico (1524-1528). BERNAND, Carmen; GRUZINSKY, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: Edusp, 2001, p. 474.

escrivão público, Francisco de Xerez, que chegara às Índias na armada de Pedrarias; deixava para trás Almagro e um piloto, Bartolomé Ruiz, que esperavam sua embarcação ficar pronta, espera que se alongara por três meses.

Nessa viagem, Pizarro e seus homens passaram muitas dificuldades, encontraram-se com a fome, com enfermidades e outros perigos por possuírem navios ruins[36] e desconhecerem a navegação naquela região[37]; além disso, o clima não estava propício, era inverno[38]. Após subirem o rio *Biru*, adentraram mata adentro, depois de passar por pântanos chegaram a uma vila onde encontraram apenas milho suficiente para alimentá-los. Em seguida, retomaram a navegação pelo Mar do Sul, em cujas margens existiam alguns vilarejos pobres, nenhum sinal de riqueza e abundância até então, mas "tiveram notícias de que entrando pela terra adentro, atrás de uma grande serra, existiam muitos povoados onde havia grande quantidade de ouro"[39]. Aportaram numa baía a que denominaram *Puerto del Hambre*[40], indicativo da escassez de comida do local e da fome que passaram. Para pedir socorro, Pizarro enviou seu piloto ao Panamá, o primeiro regresso de pedido de reforços de uma série de idas e vindas que se sucederiam. Desde essa primeira viagem, o capitão demonstrara sua persistência em continuar uma empreitada que se tornará cada vez mais difícil, sua estratégia consistiu em nunca regressar ele mesmo ao Panamá para pedir reforços, o que poderia acarretar o fim de seu projeto[41]. No período em que aguardavam a ajuda chegar do istmo, eis que "a obsessão pela comida expulsou a obsessão pelo ouro"[42] e os conquistadores tiveram que adentrar o território, enfrentando os manguezais, pântanos e mosquitos em busca de algo para comer. Somente depois de um mês chegara o tão esperado navio do Panamá trazendo reforços e víveres, com que os conquistadores puderam se refazer. As dificuldades vividas nesse Porto foram narradas pelo cronista oficial da expedição:

---

[36] *"La expedición se componía de dos barcos. El más grande, pomposamente bautizado Santiago, nombre del santo patrón de España y de sus ejércitos, habia sido comprado a un mercader de Panamá. Llamado, según las fuentes, bergantín o pequeña carabela, tenía dimensiones modestas (se habla de unas cincuenta toneladas) pero debía ser también de factura bastante artesanal. Había salido de un taller rudimentario que Pedrarias Dávila había hecho instalar sobre la costa con el fin de construir allí las embarcaciones necesarias para las futuras expediciones. En cuanto al segundo barco, más pequeño aún, tenía algo en común con el primero, estaba en bastante mal estado."* LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 55.

[37] *"[…] el dicho capitán don Francisco Pizarro fue por la dicha costa adelante, aunque con ruin aparejo de navíos, por ser los primeros que en la dicha Mar del Sur se había hecho, y con cierta cantidad de gente, el año de veinte y tres o veinte cuatro, donde anduvo muchos días padeciendo muchos trabajos y necesidades de hambres y enfermedades y peligr[os] por llevar ruines navíos y no sabida la navegación […]"*. ESTETE, 1987, op., cit., p. 270.

[38] *"[…]pasaron muchos trabajos por ser invierno y los tiempos contrarios […]"*. XEREZ, 1985, op., cit., p. 62.

[39] RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 176.

[40] Porto da Fome. Para a localização geográfica daqui em diante, vide mapa na página 52.

[41] BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 63

[42] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 476.

> *[…] Y como la fortuna siempre, o las más veces es adversa, el navío se detuvo en ir y volver cuarenta y siete días; y en este tiempo se sostuvieron el capitán y los que con él estaban con un marisco que cogían de la costa de la mar con mucho trabajo; y algunos por estar debilitados, cogiéndolo se morían; y con unos palmitos muy amargos. En este tiempo que el navío tardó en ir y volver murieron más de veinte hombres; cuando el navío volvió con el socorro del bastimento dijeron el capitán y los marineros que, como no habían llevado bastimentos, a la ida comieron un cuero de vaca curtido […] Con el bastimento que el navío trujo, que fue maíz y puercos, se reformó la gente que quedaba viva […]*[43]

Deixaram o Porto da Fome e desembarcaram algumas semanas depois em *Puerto Quemado* - nome dado em referência ao estado em que as plantações se encontravam -, onde avistaram uma grande vila no interior, talvez fosse a mesma de que tiveram notícia no início da viagem, mas estava aparentemente desabitada. Com a esperança de encontrar comida e água, correram até ela, mas foram surpreendidos por índios que os atacaram. Isso aconteceu, segundo um de nossos cronistas, porque esses índios "eram belicosos e bem armados, e os cristãos estavam fracos por causa da fome e dificuldades anteriormente passadas, assim, foram desbaratados e o capitão muito machucado, como ele, dezessete homens foram feridos e cinco mortos"[44]. Pizarro conseguiu sobreviver, mas se viu forçado a regressar ao istmo com os homens que haviam lhe restado, pois a maior parte morreu vítima da fome, das enfermidades e dos indígenas, pois, conforme observou o cronista Miguel de Estete, ainda que não tivessem descoberto muitos povoados, os que encontraram eram habitados por gente belicosa que mataram a muitos espanhóis[45]. Esse cronista, inclusive, narra um episódio em que, se não fosse a "bravura e esperteza" demonstrada pelo capitão, o contingente de mortos teria sido maior:

> *[...]en un pueblo que se llama [---], que estaba cercado de una estacada; se vieron en mucho trabajo y peligro porque como andaban flacos, dieron de noche en los españoles y pusiéronlos en mucho aprieto y, aunque todos hicieron lo que pudieron, si no fuera por Pizarro, que con una espada y una rodela despertó el primero, todos fueron muertos, el cual lo hizo tan bien que, sin otra arma ninguna, cuando fue socorrido de su gente, tenía a los pies muchos indios muertos. De este recuentro él quedó con vitoria, aunque muy fatigado con su gente. Muchas cosas particulares acaecieron en estas jornadas, que no las pueden saber sino los que en ella se hallaron, y lo que*

---

[43] XEREZ, 1985, op., cit., p. 63

[44] loc., cit.

[45] *"[...] acordaron de dar la vuelta a la dicha Panamá con la gente que les había quedado, que mucha della y la mayor parte, todas estas veces le faltó, muerta de hambre y de enfermedad y de los indios, porque aunque se hallaban pocos pueblos, los que se hallaron eran gente belicosa y peleaban con los españoles muy crudamente y les mataban muchos dellos […]"*. ESTETE, 1987, op., cit., p. 272-273.

> *yo aquí cuento lo sé dellos y de habérselo oído decir al dicho Pizarro muchas veces, andando en la conquista del Perú […]*[46]

Antes de aportar em Panamá, o capitão e alguns companheiros passaram em Chicama, talvez para dar tempo de pensar em como explicar a Pedrarias que a expedição fora um desastre, metade dos homens tinha morrido e o Governador precisava de soldados para conquistar a Nicarágua, de onde se esperava boas novas de muitas riquezas. Ainda, talvez Pizarro não quisesse reaparecer em tão lastimoso estado, tinha fracassado e teria que render contas àqueles que haviam investido no negócio[47]. Como esperado, ao saber das notícias, Pedrarias ficara irritadíssimo com o resultado da viagem e proibiu Pizarro de voltar ao Panamá até que pacificasse uma tribo ribeirinha e fizesse a colheita do milho, pois os víveres estavam em falta. Além disso, retirou de Pizarro os títulos de capitão-geral e de tenente para as expedições do Mar do Sul[48].

Nesse ínterim, Almagro deixara o Panamá para ir ao encontro de Pizarro com sessenta homens, mas as mesmas infelicidades os aguardavam. Em Porto Queimado, novamente, os indígenas fizeram muitas vítimas. Almagro, inclusive, teve um olho ferido[49]. Mesmo assim, deu ordem ao que sobrara de seus homens de continuar a viagem rumo ao Sul e chegaram até a foz de um grande rio, a que deram nome de San Juan, onde conseguiram um pouco de ouro dos indígenas[50] – o que salvou, em certa medida, a empresa da falência total. Os dois sócios se encontraram em Chicama onde, novamente, firmaram um acordo, juntamente com o padre Luque para a exploração do Mar do Sul, com capitais dos três contratantes. Em Panamá, encontram Pedrarias relutante com a idéia de continuar a exploração, ele tinha em mente outras preocupações, particularmente, na Nicarágua. Além disso, acreditava que Pizarro já havia acabado com a vida de muitos homens e gastado muito dinheiro[51] com a viagem fracassada. O capitão Almagro "requereu-lhe que não os atrapalhasse porque eles acreditavam que, com a ajuda de Deus, Sua Majestade seria servido com aquela viagem"[52]. E aqui, mais uma vez, Estete ressalta a bravura, a coragem e a honra desses que, no seu relato, adquirem ares de impávidos conquistadores:

> *Vueltos con la dicha gente a Panamá, destrozados y gastados […] el dicho Pedrarias de Avila les dijo que ya él no queria más hacer compañía con*

---

[46] ESTETE, 1987, op., cit., p. 273. Essa passagem é uma entre as várias – algumas analisadas ao longo do capítulo – em que a heroicidade dos espanhóis é destacada.
[47] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 58.
[48] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 477.
[49] RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 176; XEREZ, 1985, op., cit., p. 64.
[50] XEREZ, loc., cit.
[51] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 59.
[52] XEREZ, 1985, op., cit., p. 64.

> *ellos en los gastos de la armada, que si ellos querían volver a su costa, que lo hiciesen; y ansí, como gente que había perdido todo lo que tenía y tanto había trabajado, acordaron de tornar a proseguir su jornada y dar fin a las vidas y hacienda que les quedaba, o descubrir aquella tierra; y ciertamente ellos tuvieron grand constancia y ánimo, viendo el poco fruto que hasta allí habían sacado, en osar tornar a meter el gesto por mar y costa tan sin provecho; y ansí tornaron a proseguir su jornada […]*[53]

Mas, talvez, essa obstinação em querer continuar a viagem, tenha a ver, entre outras coisas, com o fato de que para Pizarro e Almagro, que estavam envelhecendo - beiravam aos cinqüenta anos – essa era, quem sabe, a última oportunidade que teriam de conseguir fama e retirar seus nomes do anonimato. Mesmo que conjeturemos que os capitães possuíssem informações mais concretas dadas por Andagoya – as fontes, não esclarecem nada a respeito - e não estivessem navegando às cegas, essas foram dadas por mercadores indígenas, e, estariam eles confiando piamente nessas informações[54]? Seja como for, pareceu-nos que quem servia de guia para o trajeto nas incursões do Mar do Sul, desde o início, era o desejo de adquirir riquezas[55]. Depois de decorridos aproximadamente dois anos da partida para a malfadada incursão pelo Mar do Sul, Almagro e Pizarro insistiram em mais uma tentativa e partiram novamente do Panamá rumo ao *Biru* em 1526 com cento e sessenta homens a bordo de dois navios[56]. O percurso até certo ponto já era conhecido: ancoragem em Porto Queimado, depois navegação até o rio San Juan, onde desembarcou grande parte da expedição. Mas nesse intervalo, antes de aportarem na região desse rio, os espanhóis passaram "grandes trabalhos, fome e frio; de fome morreu a maior parte deles e não sobreviveram nem cinqüenta e, não descobriram até o fim de três anos terra boa, somente lodaçais e terrenos alagados inabitáveis"[57]. Novamente, tiveram que regressar ao Panamá para abastecerem-se e, mais uma vez, era Almagro o incumbido dessa tarefa. O outro navio partiu sob o comando do piloto Bartolomé Ruiz e prosseguiu a exploração ao Sul. Ruiz percebeu que quanto mais avançava, parecia que os estabelecimentos indígenas se tornavam cada vez maiores. Aportou numa baía, a que ele chamou de San Mateo, onde avistou três grandes vilas, alguns índios vieram de barco até o navio em que estava para entregar-lhe presentes, esses índios portavam jóias de

---

[53] ESTETE, 1987, op., cit., p. 273-274.
[54] BERNAND; GRUZINSKI, 2000, op., cit., p. 473.
[55] GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 159.
[56] XEREZ, 1985, op., cit., p. 65.
[57] loc., cit. Pedro Pizarro também escreve sobre isso e apresenta o número de 300 mortos: *"[...] pasaron muchos trabajos y murió mucha gente por ser tierra de manglares [...] en esta tierra se ocuparon dos años y más donde pasaron excesivos trabajos y murieron más de trescientos hombres de hambre y de enfermedades […]"*. PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965, p. 168.

ouro. As relações foram amigáveis e o piloto continuou a navegação para o sul[58]. Ao passarem próximo ao Equador atual, os conquistadores avistaram o contorno de uma vela triangular. Ruiz dirigiu-se em direção a embarcação que era uma grande jangada feita de madeiras leves, uma balsa, que muito impressionara ao autor da *Relación-Sámano* por sua qualidade, ao que nos oferece uma descrição minuciosa[59]. Ao abordarem-na perceberam que lá havia mais ou menos uns vinte homens, onze lançaram-se ao mar, os outros foram capturados, dos quais o piloto ficara somente com três, os demais foram deixados na praia. Na embarcação, encontraram objetos que muito os impressionaram:

> *Trayan muchas pieças de plata y de oro para el adorno de sus personas, para hazer rescate con aquella con quyen yban a contratar, en que yntervenyan coronas y diademas y cintos y puñetes y armaduras, como de piernas y petos, y tenaçuelas y cascaveles, y sartas y marços de quentas y rosecleres, y espejos guarnecidos de la dicha plata, y taças y otras vasijas para veber. Trayan muchas mantas de lana y de algodón y camisas y aljulas, y alcaceres y alaremes y otras muchas ropas, todo lo mas dello muy labrado de labores muy ricas, de colores de graña y carmesí y azul y hamarillo y de todas otras colores, de diversas maneras de labores, e figuras de aves, y animales y pescados y arboledas […]*[60]

Além dos ornamentos e objetos de ouro e prata, nosso cronista parece muito ter se impressionado com os tecidos de lã de cores e motivos diferenciados. Em sua descrição, o anônimo autor usou um vocabulário mourisco: *aljulas*[61], *alcaceres*[62] e *alaremes*[63]; esses vocábulos, incorporados à língua castelhana, eram muito utilizados pelos cronistas na descrição de elementos alheios à sua cultura[64]; essas palavras remetiam-se aos finos tecidos dos artesãos mouros, tão apreciados pelos cristãos[65]. Os homens a bordo da jangada, disseram que aqueles objetos iam ser trocados por *mullu*[66], que eram conchas brancas de importante

---

[58] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 478.
[59] *"Este navio que digo que tomo, tenya parecer de cavida de asta treynta toneles; hera hecho por el plan e quilla de unas cañas tan gruesas como postes, ligadas con sogas de uno que dizen henequen, que es como cañamo, y los altos de otras cañas mas delgadas, ligadas con las dichas sogas a do venian sus personas, y la mercaduria en henxauto; porque lo baxo se bagnaba. Traye sus masteles y antenas de muy fina madera, y velas de algodón del mismo talle de manera que los nuestros navios, y muy buena xarçia del dicho enequen, que digo que es como cañamo, e unas potalas por anchas a manera de muela de barvero"*. RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 179.
[60] Ibid., p. 179-180.
[61] Ou *Aljubas*. Espécie de sobretudo com mangas curtas. BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 179.
[62] *Alquiceres* ou *Alquiceles*. Nome de uma vestimenta mourisca parecida com uma capa, utilizado também para referenciar um tecido empregado como forro de bancos e mesas. loc., cit.
[63] *Alharemes* ou *Alfaremes*. Espécie de capuz utilizado pelos árabes. Ibid., p. 180.
[64] Essa questão será melhor trabalhada no capítulo 3.
[65] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 479.
[66] *"[…] Todo esto trayan para rescatar por unas conchas de pescado, de que ellos hazen quentas coloradas como corales, y blancas, que trayan casy el navio cargado dellas"*. RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 180.

valor nos cerimoniais andinos[67]. Segundo os diálogos que travaram ambas as partes, facilitado por intérpretes da região de San Juan, esses homens vinham de um local denominado Salango, na atual província de Manta, no Equador. Ruiz continuou a navegação do litoral e em Tacames[68] os índios mostraram-lhe um agrupamento de mais de mil casas, habitadas por indígenas de "melhores condições e modos e que possuíam uma língua parecida com o árabe"[69]. Depois de tantas descobertas, o piloto voltou para San Juan para comunicar a Pizarro as boas novas, "levando seis pessoas para que aprendessem a língua dos espanhóis, ouro, prata e roupas"[70]. O capitão e seus homens ficaram tão contentes com os objetos e as notícias que "esqueceram todos os trabalhos passados e os gastos que tiveram; e como desejavam ver aquela terra, que se mostrava tão boa, ao regresso do capitão Almagro do Panamá com o navio carregado de pessoas e cavalos os dois navios partiram do rio San Juan para ir àquela terra"[71]. Mas, por ser trabalhosa a navegação naquela costa, se detiveram mais tempo do que o previsto e os mantimentos não foram suficientes; as pessoas foram forçadas a desembarcar e caminhar em busca de comida. Os navios continuaram a navegação e chegaram até a baía de San Mateo e a Tacames, locais conhecidos por Bartolomé Ruiz. Constataram, então, as notícias dadas pelo piloto e Xerez, ao que parece - assim como o anônimo da *Relación-Sámano* -, impressionara-se com o que vira e escreve que: "nesta terra havia muitos mantimentos, e as pessoas tinham boa ordem de viver, os povoados com suas ruas e praças, alguns com mais de três mil casas, outros menores"[72]. Como os espanhóis eram poucos, concordaram em que, se voltassem e conseguissem mais homens decididos a acompanhá-los e carregassem o navio com mantimentos, poderiam obter mais sucesso na conquista daquelas terras.

Assim, enquanto Almagro mais uma vez se dirigia ao istmo, Pizarro – "temendo que se todos fossem não os deixariam voltar"[73]- ficara com seus homens. Como precisavam se abrigar em um local seguro, dirigiram-se então para a Isla del Gallo[74]. Nesse local, onde

---

[67] *"Se trata del* Spondylus*, mencionado siempre en las crónicas posteriores con el término quechua* mullu. *Es un molusco propio de las costas cálidas ecuatorianas, que sólo se puede conseguir a gran profundidad, exigiendo gran habilidad en los buceadores. Su uso ceremonial, imprescindible en numerosos rituales, sobre todo los asociados con el culto al agua, en todo ámbito del Area Cultural Andina, en la tierra y en la costa, lo convirtió desde épocas muy remotas en uno de los más apreciados productos de intercambio."* BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 180; LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 61.
[68] Seu nome atual é Atacames, na costa da província de Esmeraldas (Equador).
[69] RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 182. Aqui, mais uma vez, nosso anônimo autor assemelha o que vira - nesse caso escutara – com a cultura árabe.
[70] XEREZ, 1985, op., cit., p. 66.
[71] loc., cit.
[72] loc., cit.
[73] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 368.
[74] Localizada ao sul da Colômbia e a noroeste do Equador.

ficaram por cinco meses, o descontentamento dos homens aflorara como nunca e eles escreviam cartas e mensagens para seus parentes e, principalmente, para as autoridades do Panamá, contando-lhes sobre os sofrimentos pelos quais passavam. Pizarro também enviava cartas ao governador, porém, diferentemente de seus homens, procurava ressaltar as boas novas da terra e dos habitantes e atribuía o descontentamento dos soldados ao atraso no abastecimento[75]. Almagro destruiu a maioria dessas cartas que arriscavam o sucesso da empresa e aqueles que as escreviam mostraram saber disso: em duas delas, os conquistadores denunciam Almagro e Pizarro por não deixá-las chegarem ao seu destino. Assim, em uma carta datada de primeiro de agosto de 1527 endereçada a um Funcionário Real, Antón Cuadrado escreve que:

> *Con el capitán diego de Almagro invié á vuestra merced un envoltorio de cartas cerrado y sellado, entre las cuales enviaba una para su señoria del señor gobernador; no sé, señor, si os la daría todas porque las cosas de acá son de tal manera, que plega á Dios Nuestro Señor que quien nos ha hecho tanto mal, Dios le dé el pago que merece. Habéis, señor de saber que esa otra vez no osé escribir porque no tuve conceto que darían las cartas, por los agravios é injusticias que acá se nos han hecho y de cada día facen […]*[76].

A outra carta onde a mesma denúncia se verifica fora endereçada ao Governador do Panamá e assinada por vários espanhóis, entre eles, o mesmo Antón Cuadrado. Aqueles que deixaram de assiná-la - segundo o que se lê ao final da carta - o fizeram por temor "porque o dito capitão ameaçou-os dizendo que se juntavam velhacos em grupo"[77]:

> *Esta otra vez que el capitán Diego de Almagro allá fue, no escribimos á vuestra señoria segund que éramos obligados, y la razón dello fue porque no osamos escrebir la verdad de lo de acá, temiéndonos que allá no darían la carta á vuestra señoria, en la cual carta pudiéramos escribir cosas muy cumplideras al servicio de Su Majestad y de vuestra señoria en su real nombre, para que por virtud Della vuestra señoria mandara proveer en ello lo que más fuere servicio de Su Majestad é bien é seguridad de nuestras vidas; lo cual dejamos de hacer porque no estamos en nuestra libertad ni lo hemos estado tres años ha que de esa ciudad partimos, por las razones é cabsas que vuestra señoria sabrá en su tiempo é lugar, porque vuestra señoria hallará por verdad que nunca crisptianos en el mundo fueron tan sujetados ni tan molestados como son los que en este viaje andamos; que si vuestra señoria no está verdaderamente informado de lo de acá, es porque nunca dan las cartas que de acá van y aun ésta de vuestra señoria é otras particulares que para esa ciudad van, no nos la quieren llevar, ni el maestre*

---

[75] 2 de junio de 1527 – Francisco Pizarro a Pedro de los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959, p. 6.
[76] 1º de agosto de 1527 – Antón Cuadrado a un Funcionario real – Isla del Gallo. Ibid., p. 6-7.
[77] 5 de agosto de 1527 – Los soldados de Pizarro al Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. Ibid., p. 10.

> *é piloto Bartolomé Ruiz, que allá va, las quiso rescebir porque dijo que así le estaba mandado. Tenemos creído que si vuestra señoria hubiera sido informado verdaderamente de lo de acá, este negocio no hubiera pasado adelante ni se hobieran ofrecido las muertes de crisptianos que han acaecido, de que Dios é Sus Majestades han sido muy deservidos.*[78]

Nessas cartas, podemos nos aproximar do mundo sensível desses homens, pois as angústias, as frustrações, as necessidades cotidianas ou mesmo a nostalgia do lar distante são dadas a ler. Ao "quase silêncio" dos primeiros relatos da conquista sobre esses acontecimentos, podemos contrapor a "voz" de alguns aventureiros que clamavam por socorro. Pedro Pizarro é o único que relata sobre o "episódio das cartas" e, inclusive, nos conta de que uma em especial, na verdade uma mensagem, fora metida em um novelo de algodão e endereçada ao novo governador Pedro de los Ríos - Pedrarias havia sido demitido de suas funções - a qual dizia: "Magnífico senhor, saiba bem por completo que aí vai a pá e aqui fica o carniceiro"[79]. Ao receber essa mensagem, o governador não quis que ninguém voltasse onde o capitão Pizarro estava, visto isso, Almagro e Luque insistiram muito com Pedro de los Ríos clamando pelas vidas daqueles que ficaram na ilha, a cuja causa deu-lhes licença para regressar e, dentro de seis meses[80], se não encontrassem terra propícia para povoar, que voltassem ao Panamá.

Além de denunciarem os capitães da expedição por não entregarem as cartas que escreviam, esses homens reclamam também, reiteradas vezes, que Pizarro não os deixava, em hipótese alguma, regressar ao Panamá, é o que nos conta um deles, chamado Martín de Alfaro: "eu pedi licença ao senhor capitão e ele respondeu que jurava a Deus que enquanto ele vivesse não iria homem nenhum a Panamá"[81]. Além disso, reclamavam que Pizarro os tinha como se fossem seus escravos ou cativos[82], outros, que não estavam ali por sua própria vontade, mas porque haviam sido obrigados: "Diego de Almagro pegou-me na Ilha das Pérolas, me trouxe para cá a força, porque disse que não queria vir com ele, deu-me bofetões

---

[78] 5 de agosto de 1527- Los soldados de Pizarro al Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 9.

[79] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 168. De acordo com Rubens Vargas Ugarte e Bernard Lavallé, os novelos de algodão eram endereçados à mulher do governador, Catalina Saavedra. VARGAS UGARTE, 1971, op., cit., p. 17 e LAVALLÉ, 2005, op., cit., 63.

[80] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 66.

[81] 6 de agosto de 1527 – Martín de Alfaro a un Funcionário real- Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 12.

[82] *"[…] por los agravios é injusticias que acá se nos han hecho y de cada día facen en nos robar é quitar nuestra libertad que tenemos los crisptianos de ser libres, impidiéndonos la ida allá, ni bastar fianzas, ni dejar acá hombre lo que tenia, todo á fin de acabarnos de destruír é que acabemos de morir juntamente, diciéndonos el capitán Pizarro que en sus días no iremos á Panamá, dando á entender que nos ha comprado por dineros é que somos sus esclavos, tomándonos lo nuestro por fuerza é contra nuestra voluntad, usando de absoluto, sin tener reconocimiento á superior ni a nadie […]"*. 1º de agosto de 1527 – Antón Cuadrado a un Funcionario real – Isla del Gallo. Ibid., p. 7.

[...] eu espero em Deus Nosso Senhor que com vossa ajuda sairei desse cativeiro, que é o que mais desejo".[83] Mas, como escreveu Baltasar à seu irmão, o maior mal pelo qual passavam era a fome, que os deixavam "fracos e amarelos"[84] e vitimava "cada semana três ou quatro"[85]. Isso se dava, segundo o que explica Juan de Escobar a Pedro de los Ríos em sua carta, "porque não havia o que pescar e os homens morrem de fome, pois há três anos não comem carne nem coisa proveitosa, somente milho"[86]. Sendo a fome o pior dos males que enfrentavam, o maior temor era a morte - como desabafara o espanhol Alonso Gallego[87]- pois a qualquer dia podiam encontrar-se com ela, haja vista que mais da metade dos homens que saíram do Panamá tinham falecido em agosto de 1527. Segundo escrevem os soldados de Pizarro, "dos trezentos homens que saíram do Panamá restaram nesse momento setenta ou oitenta entre coxos, sãos e doentes, dos quais, pode ser, que haja uns cinquenta que são de proveito"[88].

Ao conviverem diariamente com a fome, as enfermidades e virem seus companheiros morrerem, o que mais desejavam esses homens era voltar para casa, dar um fim àquela busca que só havia lhes trazido sofrimentos. Para esses espanhóis, em específico, o sonho de enriquecimento rápido, honra, fama e tudo o mais que almejavam ao embarcar para Índias e, do Panamá, partir em exploração ao Mar do Sul fora sobrepujado pelo cansaço e pela luta pela sobrevivência diária. Sendo assim, mesmo escrevendo que a terra possuía ouro e prata e que era boa para ser povoada, Antón Cuadrado adverte "que como estamos aqui tão fatigados e cansados e sem ter quem nos sirva, a passar a vida que nenhum homem no mundo passou e como não há cristão nem governador nem ninguém que nos queira resgatar deste

---

[83] Agosto de 1527 – Alonso Gallego a Pedro Vernal – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 18.

[84] *"[…] y estamos tan flacos, amarillos, que ninguno de nosotros será para hombre […]"*. 1º de agosto de 1527 – Antón Cuadrado a un Funcionario real – Isla del Gallo. Ibid., p. 7.

[85] loc., cit.

[86] 5 de agosto de 1527 – Juan de escobar a Pedro de los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. Ibid., p. 11.

[87] *"[...] no podréis pensar el temor que tengo á la muerte […]"*. Agosto de 1527 – Alonso Gallego a Pedro Vernal – Isla del Gallo. Ibid., p. 18.

[88] 5 de agosto de 1527 – Los soldados de Pizarro al Gobernador de Panamá. Ibid., p. 9. Martín de Alfaro também dá o mesmo número: *"Señor, la gente que acá quedamos, le hago saber que somos por todos hasta ochenta hombres; y destos hay los XXX que no se pueden tener ni se levantan, porque de trescientos hombres que para este viaje han sacado, todos los demás son muertos, que son muertos doscientos hombres y dende arriba y todos de hambre y mala ventura; y con ver los capitanes esto, si alguno cae malo, dicen que lo hace de bellaco, y está enterrado y no lo creen; cree, señor, que todos cuantos vinieren desos que el señor gobernador trajo y rescient venidos de Castilla, que todos se irán su camino como los otros han ido, porque de los que vinieron con el capitán Diego de Almagro, la meitad son muertos é los otros están en ese paso; porque juro á Dios é á esta señal de la cruz + que no hay hombre dellos de provecho el día de hoy […]"*. 6 de agosto de 1527 – Martín de Alfaro a un Funcionario real – Isla del Gallo. Ibid., p. 12.

desventurado cativeiro, esquecemos a felicidade da boa terra" [89]. Ao que parece, as cartas que chegaram às mãos de Pedro de los Ríos surtiram o efeito desejado e este, fretou dos navios para resgatar os homens que estavam na Ilha do Galo e pôr um fim à empresa de Pizarro e seus sócios[90]. Alguns homens regressaram ao Panamá, outros continuaram a expedição com Pizarro, os que continuaram foram imortalizados pelos cronistas como "os treze da ilha do Galo" ou "os treze da fama"[91]. Os relatos que estudamos silenciam sobre o assunto, mas em crônicas posteriores, podemos encontrar passagens semelhantes a essa:

> Desembainhando sua espada, Pizarro traçou no solo arenoso uma linha de leste a oeste. Depois, virando-se para o sul, exclamou: 'Companheiros e amigos, este é o lado da morte, dos esforços, da fome, da pobreza, das chuvas e do desespero; aquele o do prazer. Deste lado, vai-se ao Panamá para ser pobre; daquele, ao Peru para ser rico. Que cada um escolha, como bom castelhano, o que lhe convém'. Ele próprio passou a linha, Rubicão austral daquela ilha desolada. O piloto Bartolomé Diaz e o grego Pedro de Candia juntaram-se a ele. Outros seguiram, treze no total [...][92]

Nessa passagem, Carmem Bernand e Serge Gruzinsky se apoiam no cronista Fernando de Montesinos, que escreveu mais de um século depois de transcorrido o episódio, em 1644. O mito dos treze da ilha do Galo é um exemplo, entre outros, fruto do trabalho de cronistas posteriores que quiseram engrandecer os atos de alguns espanhóis, nesse caso, opondo-os aos "covardes" que não acreditaram na glória da conquista, divididos pela linha traçada por Pizarro: fracassados *versus* gloriosos conquistadores. Ao mesmo tempo, a narração sobre todos os sofrimentos passados - ao que nos dedicamos no presente capítulo - são também uma forma de fortalecimento moral e enaltecimento dos feitos dos espanhóis que desembocará posteriormente naquilo que Mathew Restall denomina de "o mito dos homens excepcionais"[93]. Por outro lado, esse episódio também é elucidativo do quanto as expectativas em torno do que se poderia encontrar embarcando para as Índias foram-se desfalecendo assim que a experiência se impôs à imaginação, alguns preferiram desistir, voltar para o Panamá e quem sabe para a Espanha. Assim, seguindo Guillermo Giucci, podemos afirmar que nas

---

[89] 1º de agosto de 1527 – Antón Cuadrado a un Funcionario real – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 8

[90] *"[...] porque por algunas personas fue escrito al Gobernador que mandase volver la gente a Panamá, diciendo que no podían sufrir más trabajos de los que habían sufrido en tres años que había que andaban descubriendo; a lo cual proveyó el Gobernador que todos los que se quisiesen venir a Panamá, que lo pudiesen hacer, y los que se quisiesen quedar para descubrir más adelante que tuviesen libertad para ello […]"*. XEREZ, 1985, op., cit., p. 67.

[91] A título de curiosidade, existe um estudo que se propôs a analisar na documentação do período, quantos foram os companheiros de Pizarro e quem foram eles: ROMERO, Carlos Alberto. **Los heroes de la isla del Gallo**. Lima: D. Miranda, 1944. Para Francisco de Xerez, 1985, op., cit., p. 67, a quantidade de homens que ficara com Pizarro era 16. Os demais relatos que estudamos não trazem essa informação.

[92] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 483.

[93] RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

descrições que fizeram esses homens sobre toda uma série de peripécias relegadas a segundo plano pela glória da conquista encontra-se a "gênese de uma profunda crise na representação do desconhecido"[94].

Enquanto estava no Panamá, Almagro lutou para recrutar homens, armas, cavalos e víveres e para ganhar a confiança do novo governador Pedro de los Ríos. Almagro partiu novamente em 1527 em socorro de Pizarro e os homens que o acompanhavam, que já não estavam mais na ilha do Galo, mas numa ilha chamada Górgone, chegando até lá em uma pequena embarcação que eles mesmos construíram[95]. Almagro fora recebido com muita alegria, pois os homens encontravam-se "a ponto de enlouquecerem de fome, estavam determinados a entrar em uma nau e ir ao Panamá, porque estavam ali há cinco meses padecendo e correndo risco de serem mortos pelos indígenas que os atacavam; justamente no dia em que iam sair, chegou o navio"[96]. Nesse local, pelo menos havia água e eles se alimentaram de enguias, um peixe que chegava até a praia na época da desova; roedores, parecidos com lebres e frutas[97], ou seja, não lhes faltou o necessário para sobreviverem. Partiram então de Górgone e atracaram em uma ilha próxima a Tumbes, onde foram escoltados até o litoral por cinco jangadas indígenas. Os nativos lhes enviaram então, embarcações carregadas de água, cerveja, peixe e carne de lhama assada. Na frota encontrava-se um representante da elite incaica, ao qual o povo de Tumbes era submetido, deram-lhe o nome de *Orejón* (orelhão), pois ele tinha os lóbulos das orelhas deformados. *Orejón* e Pizarro conversaram um dia inteiro a bordo do navio espanhol, ao fim do qual o representante inca saiu com alguns presentes que lhe dera Pizarro, dentre os quais, um machado. Fora encarregado de entregar ao cacique principal de Tumbes, um casal de porcos - animal muito apreciado em Estremadura -, quatro galinhas e um galo. O *Orejón* solicitou a Pizarro que lhe cedesse dois de seus homens para exibi-los em Tumbes, ao que o capitão concordou, assim, acompanharam-no em Tumbes, Alonso de Molina e um negro[98].

Depois do alvoroço provocado pelos estrangeiros, que muito despertavam a curiosidade dos nativos, estes foram levados a conhecer todo o local: fortalezas de pedra, casas, canais de irrigação, campos de milho e algodão, rebanhos de lhamas. Depois de um dia, voltaram ao navio, Molina estava maravilhado com o que vira, explicou a seus companheiros que as casas eram de pedra e que bebiam em taças de ouro e prata. Contudo, Pizarro parece

---

[94] GIUCCI, 1992, op., cit., p. 159.
[95] VARGAS UGARTE, 1971, op., cit., p. 18.
[96] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 169. Já segundo LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 66, quem vai ao encontro de Pizarro é o piloto Bartolomé Ruiz.
[97] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 483-484.
[98] Ibid., p. 484-485.

não ter confiado muito nas palavras do espanhol e enviou ao grego Pedro de Candia para averiguar a veracidade das notícias[99]. As informações foram reafirmadas, mas segundo Miguel de Estete, Pedro de Candia, ao relatar a Pizarro o que tinha visto, "foi muito exagerado, porque deu a entender que aquela cidade de Tumbes era muito insigne e grande, e que havia visto nela grandes coisas, o qual mentiu, porque, depois que todos os espanhóis entraram nela, viram que ele havia mentido em tudo"[100]. A constatação de que Pedro de Candia havia mentido se deu na terceira viagem, onde novamente o cronista narra a decepção que sentiram ao chegarem em Tumbes[101].

Os espanhóis partiram acompanhados de dois intérpretes que deveriam guiá-los até Chincha, Martinillo e Felipillo. As populações litorâneas os recebiam com banquetes e presentes. Em Tangarara, receberam a visita, ao que tudo indica, da senhora do lugar, que chegou de jangada até a nau para conversar com Pizarro. O porte da nativa, que vestia uma longa túnica e tinha a parte debaixo de seu lábio inferior ornamentado por uma incrustação de ouro, encantou os espanhóis. A senhora deixou a bordo pessoas de seu cortejo em sinal de amizade e quatro espanhóis a acompanharam[102]. Assim, os povos que encontraram ao longo da costa foram superando suas expectativas, parecia que finalmente, todas as dificuldades passadas seriam recompensadas, a teimosia de Pizarro e de alguns aventureiros em continuar as explorações mesmo quando as condições eram totalmente desfavoráveis, os levaria ao triunfo. Era necessário, no entanto, conseguir uma capitulação da Coroa para iniciar a conquista daquelas terras, Pizarro então partiu "porque o tempo que o Governador lhe havia dado estava acabando; e no dia em que o prazo se cumpriu chegou ao porto de Panamá"[103].

O retorno da segunda expedição ao Panamá, da qual há muito tempo não se tinha notícia, suscitara muito entusiasmo. Com ela, aportaram metais preciosos, tecidos finos, lhamas e alguns naturais da terra descoberta para servirem de intérpretes, confirmava-se dessa forma, a existência do *Biru* e de suas riquezas[104]. Como Pizarro e Almagro deviam muitos pesos de ouro, o primeiro arrumou emprestado um "pouco mais de mil castelhanos"[105] entre seus amigos e embarcou para a Espanha em 1528, Almagro permanecera no istmo, caolho e doente de sífilis[106], reunindo cavalos, víveres e armas. Pizarro desembarcou no Velho Mundo acompanhado por alguns indígenas, dentre os quais, os intérpretes Martinillo e Felipillo,

---

[99] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 485.
[100] ESTETE, 1987, op., cit., p. 276
[101] Voltaremos a esse ponto um pouco mais adiante.
[102] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 486.
[103] XEREZ, 1985, op., cit., p. 67-68.
[104] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 69.
[105] XEREZ, 1985, op., cit., p. 68.
[106] BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 489 ; LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 72.

algumas lhamas, ouro e prata e demais objetos que causassem entusiasmo na Corte. Tal prática havia se tornado uma tradição desde o retorno da primeira viagem de Colombo, aqueles que iam solicitar qualquer favor ante o soberano ou que simplesmente queriam render-lhe homenagem, aproveitavam para exibir algumas amostras "exóticas" vindas do Novo Mundo[107]. Na Espanha, o imperador estava voltando para Flandres e encaminhou Pizarro ao Conselho das Índias, a rainha assinou a capitulação que concedia a Pizarro o direito de conquistar aquelas terras, além de outras honrarias para ele e para alguns de seus companheiros[108]. De posse do documento, Pizarro quis recrutar homens de sua confiança para acompanhá-lo na expedição conquistadora, encontrou-os entre os homens de sua terra natal, Trujillo de Estremadura e entre os membros de sua família. Assim, o acompanharam quatro de seus irmãos: Hernando, Juan, Gonzalo - todos de sobrenome Pizarro – e Francisco Martín de Alcántara, seu irmão materno. Em 1531, Pizarro partia da Espanha rumo ao istmo do Panamá e de lá, para tomar posse do *Tawantinsuyu*.

Desembarcou primeiramente no porto de Nombre de Dios, depois chegou à cidade de Panamá, onde Pizarro deparou-se com alguns obstáculos que lhe impediam que "saísse logo dali para ir povoar a terra que ele havia descoberto, como sua majestade o havia mandado"[109]. O escrivão oficial da expedição não nos dá a conhecer quais foram esses obstáculos, mas de acordo com o cronista Gonzalo Fernández de Oviedo que conhecia os capitães Pizarro e Almagro, esses empecilhos foram motivados pela desavença entre os dois, pois o último estava receoso pela parte que lhe coube dos benefícios e honras que a Coroa outorgara, bem menos do que foi dado a Pizarro[110]. Ainda, pela presença de seus irmãos entre as pessoas que trouxera da Espanha, sobretudo a de Hernando Pizarro, tido como arrogante e soberbo, além do mais, foi difícil convencer a expedição a seguir viagem depois da morte de mais de um terço dos 300 homens que vieram de Castela que, segundo parece, não resistiram ao choque do clima tropical[111]. Segundo o que escreve Diego de Trujillo, aqueles que se encontravam com Pizarro no primeiro descobrimento da costa e na ilha do Galo não quiseram ir, pois

---

[107] LAVALLÉ, 2005, op., cit., p. 72.

[108] "A coroa deu a Francisco Pizarro o direito de conquistar o Peru, da ilha de Puná até Chincha. Foi nomeado capitão-geral de toda a província com um salário de 725 mil maravedis anuais até o fim de seus dias, a serem cobrados sobre as rendas e os direitos que as terras conquistadas dariam. Em compensação, Pizarro deveria garantir os salários de um *alcalde mayor*, de dez escudeiros, de trinta soldados de infantaria, além de um médico e um boticário [...] Recebeu o título de *adelantado*. Hernando de Luque foi nomeado bispo de Tumbes e protetor universal de todos os índios da província. A Diego de Almagro coube a fortaleza de Tumbes com um salário de 100 mil maravedis anuais e o título de *hidalgo*. Bartolomé Ruiz tornava-se piloto mayor do Mar do Sul e os treze da ilha de Gallo foram enobrecidos [...]". BERNAND; GRUZINSKY, 2000, op., cit., p. 489-490.

[109] XEREZ, 1985, op., cit., p. 68.

[110] BRAVO GUERRERA, p. 69. Nesse momento, parece ter começado as desavenças que futuramente levará o Peru a uma guerra civil que opôs Almagristas e Pizarristas.

[111] BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 68-69.

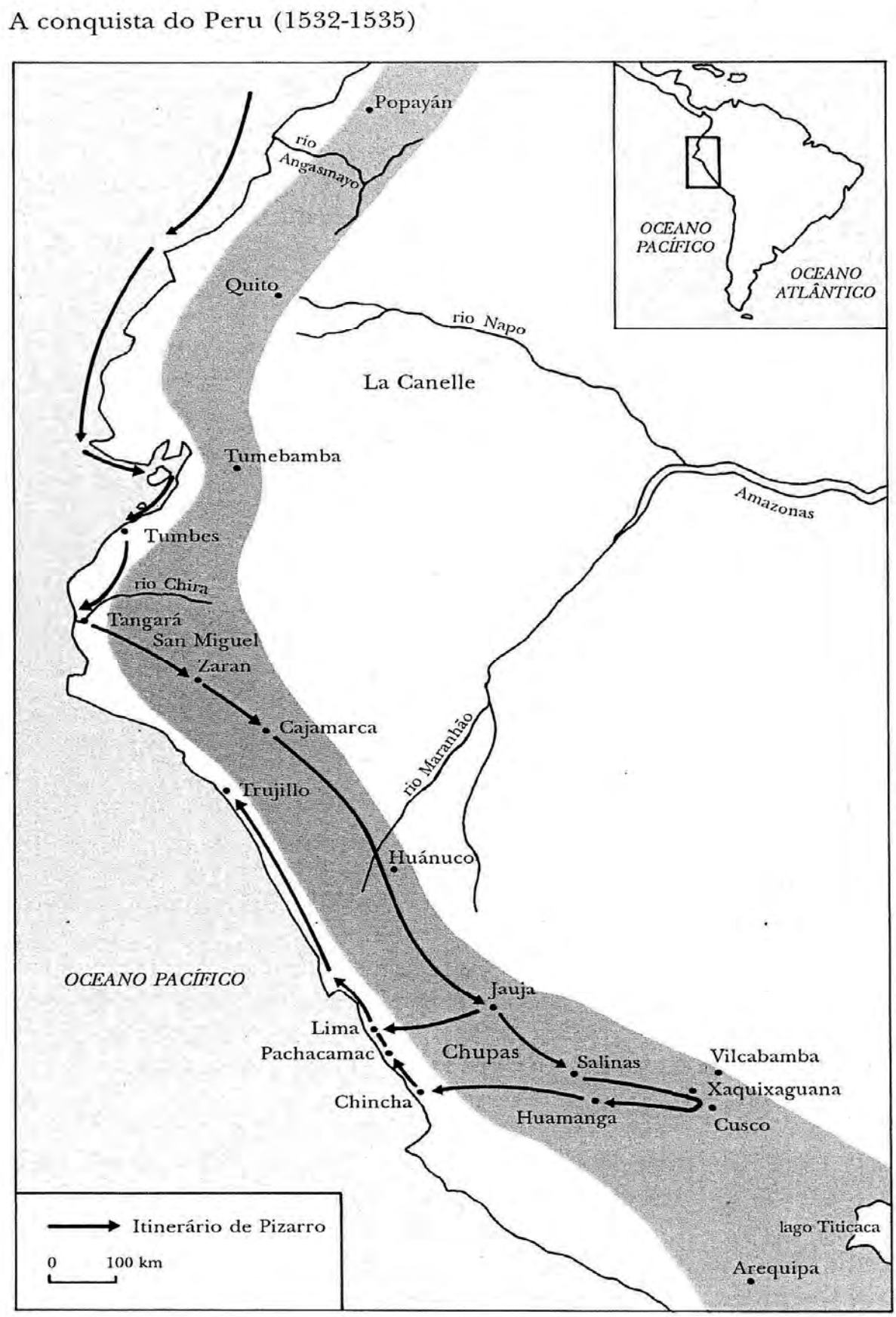

Figura 3: A Conquista do Peru (1532-1535). BERNAND, Carmen; GRUZINSKY, Serge. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: Edusp, 2001, p. 492.

disseram que aqueles que fossem iam morrer; isso fez com que alguns homens que vieram da Espanha desistissem da viagem, preferiram ficar no Panamá[112]. Pedro Pizarro afirma que essas informações foram dadas antes de aportarem no Panamá em Santa Marta, onde "espalharam a fama de que vínhamos a uma terra tão má que não havia o que comer, senão cobras, lagartos e cachorros, o que encheu de temor a todos"[113]. Eles próprios estavam entre esses homens recém-chegados aterrorizados por essas notícias, mesmo assim, as boas novas das terras descobertas por Pizarro parecem ter surtido mais efeito que o alerta daqueles que conheciam as dificuldades da viagem, pois Pizarro conseguiu partir do Panamá no início do ano de 1531, acompanhado por três navios, cento e oitenta homens e trinta e sete cavalos[114]. Em outras palavras, pareceu-nos que alguns desses homens, queriam voltar às terras nas quais tanto sofreram e quase morreram, pelo entusiasmo provocado pelos sinais de riquezas conhecidos até então[115].

Mas, antes da "glória" algumas desventuras ainda aguardavam por Pizarro e seus homens. Durante mais de um ano navegaram pela costa de San Mateo, Coaque e Puná. Os momentos mais difíceis foram passados em Coaque, onde Pizarro mandou os três navios de volta ao Panamá e à Nicarágua para que trouxessem mais homens e cavalos para a conquista. Antes que esses navios voltassem, chegara um outro, de um mercador chamado Pedro Gregório com víveres e mais homens[116], entre eles, estava Juan Ruiz de Arce que descreve as penosas condições, omitidas por Xerez, em que estavam os homens de Pizarro neste momento:

> *Llegados que llegamos al rreal vimos tales los españoles y en tal estado que no nos osamos apear y dexamos al gobernador en su posada y fuimonos a aposentar a vn cabo del pueblo que estaua sin españoles. Avia muchos de los españoles que no los conoçían si no hera en la habla. La dolençia que tenian hera la mas mala que jamas se uido heran vnas berrugas de la manera de breuas tenianlas por el rrostro y por las manos y por las piernas. Escapauan de esta dolençia pocos […]*[117].

---

[112] *"Los que se hallaron con Francisco Pizarro en el primer descubrimiento de la costa y la isla del Gallo no quisieron venir, diciendo que era tierra perdida y que los que venían con él venían a morir. Y así se quedaron algunos de los que vinieron con él de España"*. TRUJILLO, Diego de. Relación del descubrimiento del reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA, 1985, op., cit., p. 192.
[113] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 170.
[114] XEREZ, 1985, op., cit., p. 69; 250 homens e oitenta cavalos segundo MENA, Cristobal de. La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla. In: SALAS, 1987, op., cit., p. 90.
[115] GIUCCI, 1992, op., cit., p. 160.
[116] *"Después que el navío fue a Panamá, vino luego a este pueblo de Cuaque Pedro Gregorio, un mercader, que trajo mucho cecina y tocinos y quesos de Canarias. Y trajo gente […]"* TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 194.
[117] RUIZ DE ARCE, Juan. Advertencia que hizo el fundador del vinculo y mayorazgo a los supresores en el. In: STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002, p. 71-72.

Assim como Ruiz de Arce, Miguel de Estete e Pedro Pizarro pararam para descrever esse momento e acrescentaram os pormenores dos sintomas dessa enfermidade que vitimara a muitos espanhóis[118]. Miguel de Estete conta que essa doença:

> *[…]es la cosa más enferma que hay debajo del cielo, porque, en entrando la gente en él, les dio grandísimas enfermedades de calenturas, que mataban en 24 horas, y la peor, unas verrugas que daba a las gentes a manera de viruelas, salvo que eran tan grandes como nueces y avellanas, sangrando mucho dellas y por las narices, la cual enfermedad lisió tanto la gente que, aunque no morían tanto della como de la fiebre, hacía la gente inhábil y torpe para no poder salir de allí a buscar mantenimientos, a cuya causa y de los muchos que se murieron, los que quedaron tuvieron grand estrecho de hambre y no eran parte para salir de allí. Cierto, esta enfermedad fue plaga nueva y nunca vista en el mundo, aunque no fue nueva en los españoles, que en estas Indias se usaba, aunque no tan dañosa, por ser por su propia tierra […]*[119]

Pedro Pizarro escreve ainda que essa enfermidade era

> *[…]tan mala y congojosa que tuvo a mucha gente muy fatigada y trabajada con muchos dolores como si estuvieran de bubas hasta que les salían grandes verrugas por todo el cuerpo, y algunas tan grandes como huevos, y reventando el cuero les corría materia y sangre que tenían necesidad de cortárselas y echarse en la llaga cosas fuertes para sacar la raíz; otras había tan menudas como sarampión, de que se henchían los hombres todo el cuerpo. Pocos escaparon que no las tuvieron, aunque a unos dio más que a otros. Otros quisieron decir que se causó esta enfermedad de unos pescados que comieron en las provincias de Puerto Viejo, que los indios dieron de malicia a los españoles […]*[120]

Em Coaque, além dessa "doença de verrugas" - enfermidade nunca vista até então pelos nossos cronistas - e que vitimava principalmente aqueles que não estavam acostumados aos rigores do clima, mais uma vez encontraram-se com a fome e "quando já não havia comida, três soldados comeram uma cobra, dois morreram e o outro que a misturou com alguns alhos não morreu, mas pelou-se todo e ficou de tal forma que em muito tempo não voltou em si"[121]. Depois que os navios voltaram do Panamá com mais homens e cavalos, deixaram Coaque, com a "maioria dos homens enfermos"[122] e continuaram a navegação pelo Mar do Sul e chegaram até Puná, "ilha bem povoada e rica, abundante em mantimentos"[123].

---

[118] Cristobal de Mena e Diego de Trujillo também mencionam algo sobre essa enfermidade, ainda que brevemente: *"[…] En esta tierra adoleció mucha gente, porque la tierra es malsana porque está debajo de la línea equinocial"*. MENA, 1987, op., cit., p. 90. *"En este tiempo murió mucha gente, de enfermedades y de unas verrugas que allí nacían a los españoles […]"*. TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 194.
[119] ESTETE, 1987, op., cit., p. 279.
[120] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 171-172.
[121] TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 194.
[122] Ibid., p. 195.
[123] XEREZ, 1985, op., cit., p. 71; *"En esta isla había mucho maíz y venados y fruta de la tierra […]"*. TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 197.

Por ser inverno e a navegação dificultada, além de muitos homens ainda estarem doentes, permaneceram nesta ilha por três meses[124], ao fim dos quais, Benalcázar e Hernando de Soto chegaram com reforços da Nicarágua. Pedro Pizarro nos conta que Francisco Pizarro e os que com ele estavam, os receberam com muita alegria e contentamento, ao contrário daqueles que chegaram, pois haviam deixado o "paraíso de Maomé" que era a Nicarágua e encontraram-se com uma ilha onde a comida era escassa, a maioria das pessoas estava enferma e não havia nem ouro ou prata, quiseram regressar, mas não puderam[125]. A decepção, o descontentamento e o desespero eram tamanhos que os levavam inclusive à tentativas de fugas:

> *Pues estando todos asi aderezándose para pasar a Túmbez, sucedió que el tesorero de Su Majestad, Riquelme, vista la tierra cuán pobre era y enferma hasta allí, y por otras cosas que él fingió habelle movido, acordó huirse de la tierra, y ansí secretamente concertó con un arraez de un navichuelo, y una noche secretamente se embarcó y se fue. Sabido, pues, por el marqués don Francisco Pizarro su ida, se metió en un navío de dos que estaban en el puerto, y fue tras él, y le alcanzó y volvió […]*[126]

Mais uma vez aparece a figura de Pizarro como um homem rígido, que não permite que ninguém regresse de volta ao Panamá e arrisque os sucessos da empresa. Posteriormente, os espanhóis desembarcaram em Tumbes no mês de maio de 1532. Encontraram o local devastado pelas guerras entre o povo de Tumbes e o de Puná e pelas epidemias, fruto dos primeiros contatos com os europeus, dessa vez, o descontentamento foi geral. Miguel de Estete narra a decepção que sentiram ao encontrar a cidade neste estado, pois como Pedro de Candia na segunda viagem havia ressaltado a qualidade daquela terra para Pizarro, os homens dessa expedição esperavam deparar-se com outro cenário:

> *[...] cuando llegamos al dicho pueblo de Tumbez, hallámosle sin persona viva, que todos eran huidos tierra adentro, y como los lugares despoblados y sin gente, por buenos que sean, parecen mal, así lo hizo éste, que no solamente no era buen lugar, pero muy ruin, y en todo lo que aquel Pedro de Candia había dicho dél había mentido, y así se halló la gente muy confusa, porque por todas partes estava sembrado muy gran grandeza e riqueza deste pueblo y todos los trabajos pasados pensaban que en él habían de ser descanso, y cierto la gente estuvo por apedrear este hombre, y más aquellos que habían dejado sus asientos y casas por la fama que había deste dicho pueblo y de la tierra […]*[127]

Provavelmente, Pedro de Candia não mentira, pois fora depois que os espanhóis partiram - animados pelas boas novas de riqueza que foram encontrando a partir de Tumbes -

---

[124] RUIZ DE ARCE, 2002, op., cit., p. 76.
[125] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 173.
[126] loc., cit.
[127] ESTETE, 1987, op., cit., p. 285-286.

que a guerra entre tumbesinos e os povos da ilha de Puná, além das doenças levadas pelos espanhóis assolaram a região. Mas como Estete naquele momento ainda não tinha a dimensão de tudo isso, lembrando que se trata de um cronista de primeira hora, muitas vezes fazendo uso da pena ao mesmo tempo em que se passavam os fatos narrados, impedido em grande medida de abarcar o processo em todas as sua projeções – haja vista que a ação histórica transcorrida torna mais madura a reflexão[128] - culpara seu companheiro pela desilusão passada. Pedro Pizarro também nos conta da "tristeza da gente" ao encontrar Tumbes naquele estado e se revoltar contra Pizarro devido aos males sofridos desde Coaque:

> *[...] toda la noticia que había y confianza era de Túmbez, para pensar de repararse y descansar en él; pues llegado al pueblo, viéndolo todo quemado y destruído y alzado […] aquí fue el gemir de los de Nicaragua, y el echar maldiciones las gentes a gobernador, diciendo que los traía perdidos en tierras remotas y de tan poca gente, y maldecían a Coaque por la muestra que había dado, porque hasta aquí en este Túmbez no se tuvo noticia de la grosedad de esta tierra […]*[129]

Atraídos por rumores de boas terras e de grandes tesouros - talvez exagerados por Pizarro quando regressara à Espanha e necessitava conseguir homens decididos a acompanhá-lo - qual não foi a decepção desses homens ao viverem malfadadas experiências em terras americanas e virem seus sonhos e expectativas se desfalecerem dia a dia diante das dificuldades. Talvez, o que veio amenizar essa situação e dar um pouco de ânimo a esses homens foi o fato de que nesse povoado "tiveram notícia da grandeza da terra adiante e do poderio e senhorio de Atahualpa, particularmente o que havia até chegar a ele e as províncias que senhoreava"[130], de agora em diante descritas pelos cronistas sobretudo por suas qualidades. Não se demoraram muito em Tumbes e logo avançaram em direção ao sul, em Tangarará, fundaram a cidade de San Miguel, "onde a terra não cansa de produzir"[131]. Pizarro repartiu o território entre todos os homens casados que quisessem se fixar naquela terra; entre esses homens, encontra-se o irmão de Pizarro, Francisco Martín de Alcântara e seu primo, Pedro Pizarro, nosso cronista, ainda muito jovem para acompanhar a conquista[132]. Através dos nativos da região, Pizarro ficou sabendo que o Inca Atahualpa, filho do recentemente falecido Huayna Cápac[133], estava em Cajamarca com seus exércitos e partiram em seu encontro.

---

[128] SALAS, 1987, op., cit., p. 10-11.
[129] PIZARRO, 193-1965, op., cit., p. 173.
[130] ESTETE, 1987, op., cit., p. 286.
[131] Ibid., p. 287.
[132] BERNAND; GRUZINSKY, 2001, op., cit., p. 493.
[133] Morreu com as doenças que trouxeram os europeus em suas andanças pela costa.

Para concluir, podemos assinalar que as descrições negativas sobre o processo de conquista do *Tawantinsuyu*, além de estarem ligadas à função de enaltecimento dos feitos dos espanhóis são também significativas do quanto as expectativas positivas em torno das terras e dos habitantes do Novo Mundo se desfaleciam ao encontro dos mesmos. Isso faz com que devamos relativizar a tese de Sérgio Buarque de Holanda, para quem as imagens negativas que suscitava o Novo Mundo não chegaram aos mesmos extremos que sua idealização[134]. Pelo menos no que diz respeito à conquista do *Tawantinsuyu*, ao analisarmos a documentação do período pensamos que talvez, tais visões edênicas tenham mais a ver com o tipo de documentação que se analisa. Por exemplo, em relatos oficiais endereçados ao rei, a presença das imagens positivas se sobrepõe, como no caso do relato de Francisco de Xerez, já em relatos não-oficiais, como em cartas, por exemplo – e no nosso caso, temos as escritas na Ilha do Galo – temos a impressão de que as narrativas sobre as realidades vividas muitas vezes se distanciam das representações paradisíacas. Esse ponto será melhor desenvolvido no capítulo que se segue.

[134] HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

CAPÍTULO 3: IMAGENS DO *TAWANTINSUYU* CRIADAS PELOS CRONISTAS

> *Las nuevas de la buena tierra descubierta no diré aquí en particularidad (sino) de hacer saber a vuestra señoria que es la más rica é abundosa é apacible para poblalla crisptianos que ha visto fasta hoy, é gente de mucha razón é cuenta, y viven todos por tratos y contrataciones, así en navíos por la mar como por tierra, y tratan por peso; tienen oro muy fino, todo cuanto tienen y plata y todos los metales que hay en España, sin tenerlos mezclados unos con otros, salvo cada metal por sí: el oro por oro y la plata por la plata y el cobre por el cobre; y ropas de diversas maneras, de lana y algodón […]*[1]

Apesar de tratar-se de um trecho de uma carta de pedido de socorro, mandada escrever por Francisco Pizarro quando ele e seus homens passavam por dificuldades na Ilha do Galo, este não deixa de destacar a abundância da terra, com ênfase na existência de metais preciosos e nas boas qualidades de seus habitantes. O mesmo ocorre com seus homens que, mesmo tendo abandonado ao capitão nesta ilha, em suas cartas, onde reclamavam das más condições de vida pela qual passavam, não deixam de ressaltar as boas novas das terras descobertas, como a sua abundância, fertilidade e riquezas[2], o que nos chamou muito a atenção. Na verdade, podemos notar que as informações acerca dos territórios ao Sul que tanto atraíram os espanhóis foram embelecidas e exageradas desde que Pizarro partiu em sua primeira expedição, caso significativo nesse sentido observamos em trechos da *Relación-Sámano*, único relato direto das duas viagens preliminares que empreendeu Pizarro em busca do Peru entre 1525 e 1527:

> *[…] tovieron noticia en aquellos pueblos, que entrando la tierra dentro, detras una sierra que se haze grande, avia muchos pueblos a do avia mucha cantidad de oro, y que la tierra hera muy llana y enchuta, todo por la mayor parte prados e poco montuosa […]*[3]

---

[1] 2 de junio de 1527- Francisco Pizarro a Pedro de los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. In: PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de Bibliófilos Peruanos, 1959, p. 5.

[2] *"Agora, señor, os quiero dar cuenta é fazeros saber cómo la tierra que está descubierta es muy buena, talantosa, muy fértil é abundosa de todos bastimentos de indios, en más y mayor cantidad que nunca se ha visto en todo lo descubierto desta tierra firme, y las gentes della muy lucidas; tiene la tierra oro é plata aparejada para poderse luego poblar […]"*. 1° de agosto de 1527 – Antón Cuadrado a un Funcionario real – Isla del Gallo. Ibid., p. 8.*"Quiero hacer saber á vuestra señoria algunas cosas de acá, é es, pues que Dios Nuestro Señor fué servido que en su buena venida é ventura de vuestra señoria se descubrió esta buena tierra que estos señores capitanes, en su lugar, han descubierto; que crea vuestra señoria que es muy rica, buena é muy poblada é apacible para crisptianos, é ser poblada dellos é hollada de gente de caballo en ella, se habrá mucho provecho veniendo gente para poderle hollar é apaciguar; por lo menos, son menester doscientos hombres é veinte ó treinta de caballo, é sin ellos crea vuestra señoria que se hará muy poca hacienda, porque es muy poblada á maravilla"*. 5 de agosto de 1527 – Juan de Escobar a Pedro de los Ríos, Gobernador de Panamá – Isla del Gallo. Ibid., p. 11.

[3] RELACIÓN-Sámano. In: BRAVO GUERRERA, Maria Concepción (Ed.). **Verdadera Relación de la conquista del Perú.** Madrid: Historia 16, 1985, p. 176.

> *[...] Alli ay muchas ovejas, y puercos y gatos y perros, y otros animalias, y ansares e palomas. Y alli se hazen las mantas que arriba digo de lana y algodón, y las labores y las quentas y pieças de plata y oro; y es gente de mucha polezia segund lo que pareçe. Tienen muchas herramientas de cobre e otras metales con que labran sus heredades, y sacan oro y hazen todas maneras de granjeria. Tienen los pueblos muy bien traçados de sus calles, tienen muchos generos de hortalizas y tienen mucha horden y justiçia entre sy; las mugeres son muy blancas y vien ataviadas, y todas por la mayor parte labranderas*[4].

Acreditamos que isso deve ao fato de que era preciso convencer a Coroa da viabilidade de se colonizar a terra - primeiramente para a concessão da Capitulação[5] e depois para demonstrar o cumprimento dos termos do contrato – mediante a informação da existência dos dois elementos mais fundamentais para a colonização: populações nativas estabelecidas e metais preciosos[6]. Daí a necessidade dos líderes das expedições asseverarem com insistência que a terra descoberta "é a mais rica e abundante e aprazível para povoar os cristãos que se tem visto até hoje", habitada por povos "de muita razão e conta" e farta de metais preciosos, como mandara escrever Pizarro na citada carta. Nesse momento, o capitão ainda não possuía a Capitulação e quando retorna ao Panamá e de lá embarca para a Espanha para consegui-la, leva consigo algumas peças de ouro, lhamas e alguns naturais da terra, ou seja, aquilo que causaria o entusiasmo e a fácil adesão dos reis. É importante destacar que não somente Pizarro assim o fizera, como iniciamos a reflexão no segundo capítulo, pareceu-nos que as imagens positivas do *Tawantinsuyu* se fazem presentes dependendo das circunstâncias e motivações do escritor e a quem o relato era endereçado. Assim, no momento em que era necessário convencer a Coroa a iniciar a colonização da terra ou posteriormente, quando deveriam demonstrar que a terra conquistada era recompensadora, as descrições são enaltecedoras.

As informações encontradas na *Relación-Sámano*, além de cumprirem a mesma função, de enaltecimento da terra e dos povos, vão mais adiante e, como bem destacou Hidefuji Someda, nos faz recordar as descrições da Utopia de Thomas Morus[7], publicada

---

[4] RELACIÓN-Sámano, 1985, op., cit., p. 183.

[5] Nesse documento, o soberano autorizava determinado capitão a explorar o Novo Mundo com a obrigação de arcar com as despesas e reservar a quinta parte das riquezas obtidas à Coroa. A capitulação era atribuída por intermédio da Casa de Contratação, criada em Sevilha, em 1503.

[6] RESTALL, Mathew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 40.

[7] SOMEDA, Hidefuji. **El imperio de los incas**: imagen del Tawantinsuyu creada por los cronistas. Lima: PUCP, 2005, p. 68. Outras passagens que nos remetem à fictícia Utopia: *"[...] El camino de la sierra es cosa de ver, porque en verdad n tierra tan fragosa en la chripstiandad no se han visto tan hermosos caminos, toda la mayor parte de calçada. Todos los arroyos tienen puentes de piedra ó de madera: en un río grande, que era muy caudaloso é muy grande, que pasamos dos veçes, hallamos puentes de red, ques cosa maravillosa de ver. Pasamos por ellas los caballos. Tienen cada pasaje dos puentes: la una por donde pasa la gente comun; la otra por donde pasa el señor de la tierra ó sus capitanes. Esta tienen siempre çerrada é indios que la guardan. Estos*

quinze anos antes da conquista do *Tawantinsuyu.* Ainda que seja pouco provável que esses cronistas tenham lido essa obra, dada a falta de cultura humanista e domínio do latim[8], acreditamos que com esse relato inicia-se a construção da imagem de uma sociedade igualitária e organizada, considerada até recentemente como exemplo perfeito de socialismo[9]. Além do mais, lembremos que o Reino Mexica já havia sido conquistado por Cortés, as notícias acerca das riquezas de ouro e prata e sobre o alto grau de desenvolvimento dos mesoamericanos, cujo território muito impressionara aos primeiros expedicionários, eram conhecidas por seus compatriotas e a crença na existência de um lugar tão ou quanto mais maravilhoso funcionava como um estímulo a mais tanto para os homens que se aventuravam na exploração de terras incógnitas quanto para a Coroa de Espanha.

Tais descrições abundam também nos relatos que narram a terceira viagem de Pizarro, quando este agora já de posse da Capitulação, deveria demonstrar à Coroa o bom investimento que fizera. Desse modo, a terra é descrita sempre em função da existência de metais preciosos e alimentos, como sinal de abundância e fertilidade, bem como da existência de povoamento. Assim, o cronista oficial dessa expedição, escreve que a ilha de Santiago é "bem povoada e rica e abundante de mantimentos"[10], assim como Cuzco é um local onde se tem a informação de que "há muitas grandes povoações abundantes e ricas"[11]. Estamos diante dos cronistas de primeira hora, na maioria das vezes desinteressados por tudo o que não era riqueza ou subsistência diária, não "percebem" a natureza ou os habitantes de forma mais profunda. A palavra que mais encontramos em seus relatos é "ouro", a abundância de ouro e prata no território andino foi sem dúvida o que mais impacto causou nos espanhóis nesse período. O desejo de adquirir riquezas, muitas e de modo rápido, impediu que esses homens tivessem uma clara percepção da natureza e dos habitantes do Novo Mundo[12] e, por isso, os conquistadores tendem a ser descritos como homens movidos pela cobiça, pela sede do ouro, imagem construída devido a passagens como essas: "o Governador lhe disse que a gente de

---

indios cobran portazgo de los que passan. Estos caciques de la sierra é gente tienen más arte que no los de los llanos. Es la tierra bien poblada: tiene muchas minas en mucha parte Della. Es tierra fria: nieva en ella é llueve mucho: no hay çiénegas: es pobre de leña. En todos los pueblos prinçipales tiene Atabaliba puestos gobernadores, é assimesmo los tenian los señores anteçesores suyos." 23 de noviembre de 1533 – Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo – Santa Maria. In: PORRAS BARRENECHEA, 1959, op., cit., p. 81; *"[…] En esta tierra había muchos mantenimientos, y la gente tenía muy buena orden de vivir, los pueblos con sus calles y plazas, pueblo había que tenía más de tres mil casas; y otros había menores".* XEREZ, Francisco de. **Verdadera Relación de la conquista del Perú**. Edição de Maria Concepción Bravo Guerrera. Madrid: Historia 16, 1985, p. 66.

[8] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. **Las crónicas de Índias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista**. Granada: Diputación Provincial, 1997, p. 51-52.

[9] BAUDIN, Louis. **El imperio socialista de los incas**. Santiago do Chile: Zig-Zag, 1953.

[10] XEREZ, 1985, op., cit., p. 71.

[11] Ibid, p. 82.

[12] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 292.

guerra não buscava outra coisa senão ouro para eles e para seu senhor, o Imperador”[13]. Não pretendemos negar tal assertiva, no entanto, tal imagem deve também contemplar certos aspectos da sociedade espanhola, bem como, da economia colonial da época e do papel exercido pelos metais preciosos.

A descoberta de riquezas minerais possibilitaria a esses homens a conquista de cargos e títulos de nobreza, o que leva Mathew Restall a afirmar que o que mais importava para Pizarro era o cargo de governador e não o ouro, porém, para alcançá-lo era preciso encontrar ouro e prata[14] e enviá-los para a Espanha. Francisco Pizarro fora agraciado com o título de “cavaleiro da Ordem de São Tiago” e com o título de “Marquês” [15], assim como o fora outro protagonista da conquista americana, Hernán Cortés. Pizarro soube manter sua distinção vivendo os últimos anos de sua vida em uma luxuosa casa em Lima, comparável às mais belas moradias senhoriais de Sevilha. Ao irmão de Pizarro, Hernando, também foi outorgado o título de cavaleiro da Ordem de São Tiago. Além disso, foi um dos homens mais ricos da Espanha e o maior *encomendero* do Peru[16]. Desse modo, podemos afirmar que os conquistadores buscavam o enriquecimento ao mesmo tempo em que desejavam que a coroa reconhecesse publicamente seus méritos no alargamento das fronteiras do reino mediante a outorga de títulos e cargos, o que lhes daria o mesmo *status* de um cavaleiro virtuoso, permitir-lhes-ia a honra[17]. Coexistia, portanto, o desejo de adquirir riquezas com a busca pela honra, estimada por esses homens.

---

[13] MENA, Cristóbal de. La Conquista del Perú llamada la Nueva Castilla. In: SALAS, Alberto M.. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987, p. 105. E, também, por gestos ousados como esses: *“[…] Llegando cerca de la sierra, Hernando Pizarro y Hernando de Soto se adelantaron con alguna gente y pasaron un río grande nadando, porque nos habían dicho que, en un pueblo adelante, había mucha riqueza […]”* p. 94. E em razão de episódios como o citado a seguir em que um índio é ameaçado ser queimado vivo caso não conte sobre a existência de ouro: *“[...] El Gobernador le preguntó por el oro del Cuzco […] él respondió, según Atalipa le había avisado, que ningún oro tenía, que todo lo habían traído. Todo lo que decía era mentira. Y apartándolo, Hernando de Soto le amenazó que si no decía la verdad que lo quemaría. El le respondió lo que antes había dicho, y luego hincaron un palo y lo ataron a él, y trujeron mucha leña y paja, diciendo que si no dijese la verdad, que lo quemarían. El mandó llamar a su señor, el cual vino con el Gobernador, y habló con su capitán, que estaba atado. El Capitán le dijo que quería decir la verdad a los cristianos, porque si no la dijese lo quemarían. Atabalipa le dijo que no dijese nada, que aquello que hacían no era sino para le poner espanto, que no osarían quemarle. Y así le preguntaron otra vez por el oro, y no lo quiso decir, mas, luego que le pusieron un poco de fuego, dijo que le quitasen aquel Cacique, su señor, de delante, porque él le hacía del ojo que no dijese la verdad, y así se lo quitaron de allí […] El les dijo que en el mismo pueblo del Cuzco estaba un capitán llamado Quizquiz, y que este capitán tenía todo el oro […]”* p. 112.

[14] RESTALL, 2006, op., cit., p. 56

[15] É muito vasta a bibliografia que trata da vida de Francisco Pizarro. Para uma biografia mais atualizada, destacamos: LAVALLÉ, Bernard. **Francisco Pizarro**. Biografía de una conquista. Lima: IFEA, 2005. Para um estudo acerca da documentação que envolve a vida do conquistador: LOHMANN-VILLENA, Guillermo. **Francisco Pizarro**: testimonio, documentos oficiales, cartas e escritos vários. Madrid: CSIC, 1986.

[16] Cf. VARÓN GABAI, Rafael. Las encomiendas de Hernando Pizarro. **Actas del IV Congreso Internacional de Etnohistoria**. Lima: PUCP, 1998, p. 535-549.

[17] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 146.

A busca por metais preciosos e os atos de violência que a acompanhavam contribuíram para o nascimento na Espanha do século XVI da *leyenda negra*[18] sobre a crueldade dos espanhóis, algo que perdura até nossos dias. No entanto, há de se ter em conta que como todos os homens que os antecederam ou sucederam, os conquistadores espanhóis eram homens de seu tempo, influenciados pelas condições históricas de seu meio. A aquisição de riqueza permitia a esses homens galgarem posições sociais e possuírem um estilo de vida que de outra forma seria difícil alcançarem. A isso, devemos acrescentar outros fatores, como a situação econômica da Espanha. Resumidamente, podemos observar que esta era uma terra que possuía poucos recursos naturais, além disso, suas energias estiveram voltadas por muito tempo em guerras intermitentes em detrimento das atividades manufatureiras e agrícolas. O produto das minas mal podia sustentá-la diante do crescente mercado mundial e a balança comercial era desfavorável aos espanhóis[19]. O que podia modificar toda essa situação era a aquisição de metais preciosos, indispensáveis para a economia, que tão desesperadamente buscavam os conquistadores, os quais, muitas vezes, tornavam-se vítimas tanto dos indígenas quanto de seus próprios companheiros, como também da fome e de pestes mortíferas. Além do mais, esses metais reluzentes eram os únicos itens, em relação a sua transportabilidade, que tornavam possíveis a conquista e toda a empreitada colonial. Ou seja, sua busca pelos espanhóis, deve-se também ao fato de que eles garantiriam não só a conquista, como todas as outras atividades que viabilizassem a colonização do Novo Mundo[20].

Diante dessas reflexões, podemos concluir, seguindo a tese de Guillermo Giucci – de que o maravilhoso americano fora menos povoado por realidades fantásticas do que pela esperança de encontrar metais preciosos – que, especialmente em relação ao *Tawantinsuyu*, tal tese se aplica, pois as maravilhas ansiadas pelos conquistadores estiveram muito mais ligadas à presença de riquezas, o que leva Cristóbal de Mena a assim se expressar quando obteve informações de seus companheiros sobre a cidade de Jauja: "em todas aquelas casas do povoado dizem que havia tanto ouro que era coisa de maravilha"[21]. Além disso, a fina ourivesaria obtida em Cajamarca como "pagamento do resgate" do Inca Atahualpa parecia que não se esgotaria mais, o botim repartido nessa cidade era a recompensa por tantos anos de sofrimento, por tantas desilusões anteriormente passadas, por tantas vidas que se perderam pelo caminho, a glória finalmente fora alcançada por esses aventureiros. Com isso, podemos

---

[18] Para um estudo clássico sobre o tema, destacamos: CARBIA, Romulo. **Historia de la leyenda negra hispanoamericana**. Madrid: Consejo de la Hispanidad, 1944.
[19] ELLIOTT, John Huxtable. **La España Imperial**. Barcelona: Vicens-Vivens, 1972, p. 114-131; 192-202; LEONARD, Irving. **Los libros del conquistador**. México: FCE, 1996, p. 17-18.
[20] RESTALL, 2006, op., cit., p. 56-57.
[21] MENA, 1987, op., cit., p. 109.

afirmar que no caso do ocorrido em terras incaicas, a expectativa do encontro de riquezas minerais e a existência das mesmas, para a alegria de Pizarro e seus homens, coincidiram vitoriosamente e a menção à existência do tão esperado metal dourado perpassam todos os relatos do início ao fim, em detrimento de alusões a realidades fantásticas.

Entre os cronistas que estudamos, apenas dois deles fazem uma breve menção a esse imaginário fantástico então em voga nesses primeiros tempos, em que a experiência ainda não havia se imposto à imaginação. Trata-se de Miguel de Estete, ao afirmar que "naquelas terras e mares existem grandes monstros"[22] e de Diego de Trujillo, que se refere à *punta de Santa Helena* como sendo o local "onde estavam os ossos dos gigantes"[23]. Esses homens ainda conservavam a crença, segundo a qual existia em algum recanto do mundo, seres de estatura extraordinária, os "gigantes", que foram os primeiros homens - em consonância com mitos orientais, do mundo helênico e de alguns episódios do Antigo Testamento. Na América, o primeiro contato com pessoas de estatura mais elevada que se tem notícia se deu durante a segunda viagem de Vespúcio ao Novo Mundo, em 1499. Contudo, essa crença parece ter se fortalecido depois que a expedição de Fernão de Magalhães descobriu nos pampas austrais indivíduos de estatura incomum, os "gigantes da Patagônia", descritos pelo escrivão da expedição Antônio Pigafetta. Após isso, os europeus estiveram certos de que ao Sul do Novo Mundo existia uma nação de gigantes[24]. É curioso observar que Magalhães batizara esses nativos como "patagões", mesmo nome de um personagem (gigante) do romance de cavalaria espanhol que conta as façanhas do cavaleiro *Primaleón*[25]. A média de estatura de um europeu no início do século XVI variava entre 1,50 e 1,60 metro, enquanto a de um patagão girava em torno de 1,80 metro, assim, um "gigante" deveria medir uns trinta centímetros a mais que um espanhol[26]. A menção à existência de monstros e gigantes, muito presente nos relatos dos viajantes medievais e na literatura cavaleiresca, encontra-se muito ligada à ideia de "maravilhoso" construída durante o medievo e que abarca desde seres anômalos e monstros

---

[22] ESTETE, Miguel. El descubrimiento y la conquista del Perú. In: SALAS, Alberto. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1987, p. 275.

[23] TRUJILLO, Diego. Relación del descubrimiento del reino del Perú. In: Maria Concepción Bravo Guerrera (Ed.). **Verdadera Relación de la Conquista del Perú**. Madrid: Historia 16, 1985, p. 196.

[24] MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 255-278. Esses autores, apoiados no estudo do historiador argentino Enrique De Gandía (*Historia crítica de los mitos de la conquista americana)*, afirmam que os cronistas do *Tawantinsuyu* assinalaram a existência nessas terras de gigantes vindos em balsas feitas de cana. Isso nos fez pensar que Diego de Trujillo, que escreve somente quarenta anos após a conquista, tenha se familiarizado com tal crença, que perdurara ainda até o século XVIII.

[25] DUVIOLS, Jean-Paul. Apuntes de arqueología literaria. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. 1, p. 116.

[26]MAGASICH-AIROLA; DE BEER, 2000, op., cit., p. 269.

pavorosos até paraísos fantásticos[27]. Como se acreditava, esses seres fantásticos viviam principalmente nas terras distantes e pouco ou nada conhecidas. Sendo assim, nada mais "normal" do que o encontro com monstros e gigantes no Novo Mundo, algo esperado por esses conquistadores, já que precedido por uma tradição[28]. Logo, as crônicas de Índias vão propagar que, no Novo Mundo, onde nenhum outro europeu havia chegado até então, se encontravam esses seres de que eles tanto ouviram falar.

Raros são os momentos em que esses conquistadores param para descrever a natureza, para admirar-se da paisagem e mostrar algum indício de estupefação, já que a terra, como já afirmamos, era descrita sempre em função da existência de metais preciosos e de sua fertilidade. Dentre esses raros momentos está a descrição por Hernando Pizarro da estrada que levava ao templo de *Pachacamac*, os "caminhos reais":

> *[…]El camino de la sierra es cosa de ver, porque en verdad en tierra tan fragosa en la chripstiandad no se han visto tan hermosos caminos, toda la mayor parte de calçada. Todos los arroyos tienen puentes de piedra ó de madera: en un río grande, que era muy caudaloso é muy grande, que passamos dos veçes, hallamos puentes de red, ques cosa maravillosa de ver[...]*[29]

E da cidade de Cuzco por Pedro Sancho: "a cidade de Cuzco, por ser a principal de todas quantas serviam de residência aos senhores, é tão grande, tão bela e com tantos edifícios, que seria digna de ser vista na Espanha"[30]. Nas descrições da nova terra e povos encontrados, era comum que os conquistadores comparassem o que viam com o que lhes era familiar. Assim, os cronistas identificam a cultura andina, principalmente no que concerne ao aspecto religioso, de acordo com seus próprios parâmetros culturais, espanhóis por excelência, devedores do islamismo e do cristianismo: "as mulheres vestem uma roupa longa que arrasta pelo solo, como hábito das mulheres de Castela"[31]. Os templos religiosos dos indígenas são comumente denominados de mesquitas:

---

[27] Sobre o maravilhoso no medievo, destacamos: LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval.** Lisboa: Edições 70, 1985.
[28] Sobre os "monstros", destacamos: KAPLLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Miguel Rojas Mix analisa três "monstros" que alimentaram o imaginário europeu durante séculos: os acéfalos, as amazonas e os gigantes. Para ele, os europeus vão reproduzir as imagens ou os protótipos do "fantástico" encontrados na Ásia e na África. ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista? In: PIZARRO, 1993, op., cit.
[29] PIZARRO, 1959, op., cit., p. 81.
[30] SANCHO, Pedro. Relación para S. M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla. In: AROCEMA, Luis. **La relación de Pero Sancho**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986, p. 135.
[31] XEREZ, 1985, op., cit., p. 89.

> *[…] Tienen otras suciedades de sacrificios y mezquitas, a las cuales tienen en veneración. Todo lo mejor de sus haciendas ofrecen en ellas […] Las mezquitas son diferenciadas de las otras casas, cercadas de piedra y de tapia muy bien labradas, asentadas en lo más alto de los pueblos […]*[32]

No relato de Xerez é onde mais encontramos afirmações do gênero: "esta casa dizem que é do sol, porque em cada povoado fazem suas mesquitas ao sol. Outras muitas mesquitas há neste povoado, e em toda esta terra as tem em veneração; quando entram nelas deixam os sapatos à porta"[33]. Mena também nos brinda com tal comparação, ainda que sua descrição esteja permeada pela presença do ouro no templo: "e o senhor Governador soube que havia uma mesquita muito rica naquela terra, e que nesta mesquita havia tanto ouro, mais ainda do aquele que o Cacique havia prometido"[34]. Em outros momentos é a visão cristã que toma conta das descrições: "naquela mesquita estava o diabo que falava com os índios em uma câmara muito escura e suja, como ele é"[35]. Os habitantes do *Tawantinsuyu* passam a ser idólatras adoradores do demônio:

> *[…] gente belicosa y grandes adoradores de ídolos de muchos dioses. En este pueblo se vieron grandes novedades de ritos que serían muy prolijas, pero la más notable es que en las mezquitas donde sepultan los muertos usan de desollar el cuerpo e quemar la carne, y el cuero, aderezado como badana, le envisten, la carnaza afuera, de paja, y así, aspado, los brazos en cruz, le cuelgan del techo de la mezquita, y así ponen grand muchedumbre dellos, que, en entrando por la plaza, como vimos aquellos cueros estar colgados en cruz, pensamos esta gente tener alguna noticia de Nuestro Señor Jesucristo y tener su imagen, hasta que vimos y entendimos lo que era […]*[36]
>
> *Visto la suciedad y burlería del ídolo, nos salimos afuera a preguntar que por qué hacían caso de una cosa tan sucia y torpe como allí estaba, los cuales, muy espantados de nuestra osadía, volvian por la honra de su dios y decían que aquel era Pachamama, el cual les sanaba de sus enfermedades; y a lo que allí se entendió, el demonio aparecia en aquella cueva a aquellos sacerdotes y hablaba con ellos, y estos entraban con las peticiones y ofrendas de los que venían en romería, que es cierto que todo el señorio de Atabalica iban allí, como los moros y turcos van a la casa de Meca […] con mucha solenidad, se puso una cruz grande encima de aquel aposento que por tan suyo tenía el demonio […]*[37]

Diante dos trechos citados, percebemos claramente o modo como os espanhóis enxergaram a cultura alheia: identificando-a com elementos da cultura islâmica, familiar a esses homens, basta lembrarmos o longo período de Reconquista da Península. Mas, essa

---

[32] XEREZ, 1985, op., cit., p. 90.
[33] Ibid., p. 104.
[34] MENA, 1987, op., cit., p. 108.
[35] Ibid., p. 111.
[36] ESTETE, 1987, op., cit., p. 281.
[37] Idem, p. 303.

assimilação não significa que eles acreditassem necessariamente que a cultura indígena era igual à islâmica, mas é indicativo do fato de que eles não possuíam outra maneira de explicá-la apropriadamente[38], para si mesmos e para os outros, seus leitores, ao que uma cultura diferente da sua – cristã, sobretudo - é explicada seguindo uma outra cultura que já lhes era familiar: a islâmica. Além disso, na visão desses cristãos, imbuídos de categorias religiosas herdadas do paganismo antigo e da escolástica medieval[39], o indígena, pagão, contradizia o cristianismo ao cultuar o demônio e falsos ídolos, logo, só poderia ser um idólatra. Assim, desde o início, os espanhóis estavam convictos de que o demônio habitava aquelas terras, no entanto, eles próprios é que o trouxeram do Velho Mundo[40]. No caso do Peru, esta convicção – de que os indígenas eram idólatras instigados pelo demônio e de que lhes caberia a missão de "salvá-los" - desembocará em uma dura perseguição religiosa iniciada desde a segunda metade do século XVI, tendo ganhado força no início do século seguinte com as chamadas Campanhas de Extirpação de Idolatrias, "filha bastarda da Inquisição"[41]. A visão cristã foi responsável também pela crença na Providência Divina, ideia da qual todos os cronistas compartilham, ao acreditarem que a conquista era uma obra divina.

> *Porque a gloria de Dios nuestro Señor, y honra y servicio de la católica cesárea majestad, sea alegría para los fieles y espanto para los infieles: y finalmente admiración a todos los humanos, la Providencia divina y la ventura del César, y la prudencia y esfuerzo y militar disciplina y trabajosas y peligrosas navegaciones y batallas de los españoles, vasallos del invictísimo Carlos Emperador del romano imperio, nuestro natural Rey y señor: me ha parecido escribir esta relación, y enviarla a su majestad para que todos tengan noticia de lo ya dicho, que sea a gloria de Dios; porque, ayudados con su divina mano han vencido, y traído a nuestra santa fe católica tanta multitud de gentilidad […]*[42]

---

[38] SOMEDA, 2005, op., cit., p. 125-126.

[39] BERNAND, Carmen; GRUZINSKY, Serge. **De la idolatría:** una arqueologia de las ciencias religiosas. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 8.

[40] DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 262.

[41] DUVIOLS, Pierre. **Cultura andina y represión**; procesos y visitas de idolatrías y hechicerías, Cajatambo, siglo XVII. Cuzco: Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolomé de Las Casas, 1986. Os indígenas eram considerados neófitos e não podiam ser perseguidos pelo Santo Ofício da Inquisição, que instalou oficialmente seu Tribunal em Lima em 1570, mas foram perseguidos pela Extirpação de Idolatrias que possuía mecanismos de ações parecidos com a Inquisição, daí ser chamada por Duviols de sua "filha bastarda". Sobre esse assunto, destacamos também: ACOSTA RODRIGUEZ, Antonio. La extirpación de las idolatrías en el Perú. Origen y desarrollo de las campañas. A propósito de Cultura Andina y Represión de Pierre Duviols. **Revista Andina,** Cuzco, n.2, p. 171-195, 1987; Los doctrineros y la extirpación de la religión indígena en el arzobispado de Lima, 1600-1620. **JBLA,** Köln, v. 19, p. 69-109, 1982; GAREIS, Iris. La idolatría andina y sus fuentes históricas: reflexiones en torno a Cultura andina y represión de Pierre Duviols. **Revista de Índias**, Madrid, v. 50, n. 189, p. 607-626, 1990; PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. A inquisição espanhola e a bruxaria andina: evangelização e resistência. In: NOEJOVICH, Héctor. **América bajo los Austrias:** economía, cultura y sociedad. Lima: PUCP, 2001.

[42] XEREZ, 1985, op., cit., p. 59.

Francisco de Xerez, o escrivão oficial da expedição, assim iniciou o seu relato ao justificar a sua escrita. A crença de que a Providência Divina regia os destinos do homem tanto individual quanto coletivamente é um traço que o renascimento espanhol herdara da mentalidade medieval[43] e é um princípio do qual partem todos os cronistas de Índias, seja como forma de explicar o "descobrimento" - como pensava Colombo ao se ver como um protagonista divino, um instrumento nas mãos de Deus - quanto para justificar a conquista em seus episódios mais intrincados[44]. O ideal de cruzada, de expansão da fé católica, foi um dos grandes propulsores e também legitimador da conquista espanhola, assim como o fora na Reconquista. Existia uma identificação entre guerra contra os mouros e guerra contra os índios, tendo em vista que ambos eram pagãos, e os conquistadores então logo se convenciam de que Deus os apoiava e combatia ao lado deles. Assim, o segundo escrivão oficial, que continuara a Relação de Xerez, também se utiliza do mesmo argumento, mas no término de seu relato: "só resta dar graças e louvar a Nosso Senhor porque de maneira tão notória quis guiar com sua mão as coisas de Sua Majestade e as destes reinos que, por sua divina providência, tem sido iluminados e conduzidos ao verdadeiro caminho da saúde"[45].

Assim, imbuídos desse espírito, eis que na tarde de 15 de novembro de 1532, os espanhóis entraram na praça central de Cajamarca. Atahualpa e seus seguidores estavam acampados a uma curta distância. Pizarro mandou alguns homens sob o comando de Hernando de Soto e Hernando Pizarro irem ao encontro do Inca e convidá-lo para visitar os espanhóis, segundo o procedimento de costume. Os espanhóis disseram a Atahualpa que eram

> *[…] vasallos de un emperador, grand señor, el cual nos enviaba a saber y descubrir aquellas tierras y a predicar en ellas la fee de Jesucristo, Nuestro Dios, y a dotrinarle y enseñarle a él y a los suyos en ella, y otras muchas palabras de amistad y de paz […]*[46].

Atahualpa consentiu em ir ao acampamento destes no dia seguinte. Pela leitura das crônicas, nota-se que neste momento de espera os espanhóis estavam angustiados, com medo[47], sobretudo por causa da superioridade numérica do exército de Atahualpa[48]. Francisco

---

[43] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op. cit., p. 35.
[44] Ibid, p. 37.
[45] SANCHO, 1986, op., cit., p. 144.
[46] ESTETE, 1987, op., cit., p. 292.
[47] *"[…] yo oí a muchos españoles que sin sentillo se orinaban de puro temor […]"*. PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965, p. 177
[48] Os cronistas apresentam dados discrepantes, que variam de 6 a 40 mil, para precisar o número de indígenas que acompanhavam Atahualpa neste momento.

e Hernando Pizarro tentaram animar seus homens utilizando-se do argumento de que Deus não desampararia aqueles que lutavam por ele:

> *[…] El Gobernador y el Capitán General andaban requiriendo los aposentos de los españoles, viendo cómo estaban apercibidos para salir cuando fuesen menester, diciéndoles a todos que hiciesen de sus corazones fortalezas, pues no tenían otras, ni otro socorro sino el de Dios, que socorre en las mayores necesidades a quien anda en su servicio. Y aunque para cada christiano había quinientos indios, que tuviesen el esfuerzo que los buenos suelen tener en semejantes tiempos, y que esperasen que Dios pelearía por ellos […]*[49].

Segundo acreditavam esses conquistadores, Deus não abandonaria aqueles que andavam a seu serviço. Assim que Atahualpa entrou na praça de Cajamarca, Pizarro mandou ao seu encontro o dominicano Vicente de Valverde junto com um intérprete. Alguns cronistas narram que Valverde segurava a Bíblia em uma mão e a cruz na outra[50], outros relatam que o livro que o frei segurava tratava-se de um Breviário[51] e outros preferem chamá-lo simplesmente de livro[52]. De qualquer forma, Bíblia ou Breviário, o livro que carregava o dominicano significava a sagrada lei dos cristãos, continha a mensagem de salvação que os espanhóis levavam aos infiéis. Na mentalidade dos homens que estiveram em Cajamarca, a Bíblia (ou Breviário) era um objeto sagrado manejado por clérigos e os leigos o mais que podiam fazer era beijá-la reverentemente[53], assim esperavam que o fizesse Atahualpa, e o frei

> *[…]con un libro que traía en las manos le empezó a decir las cosas de Dios que lo convenían: pero él no las quiso tomar, y pidiendo el libro, el padre se lo dio, pensando que lo quería besar, y él lo tomó, y lo echó encima de su gente […]*[54].

Para os espanhóis da época, a Bíblia era objeto mais de reverência do que de reflexão, já que a maioria dos homens não podia lê-la, pois estava escrita em latim, incluindo entre esses homens Pizarro, que era analfabeto, e a maioria dos que o acompanhava. Mesmo assim, como vimos, esperavam que Atahualpa a reverenciasse com um beijo, tal como o faziam, o que é claro, não aconteceu, pelo contrário, tendo segurado o livro em suas mãos e

---

[49] XEREZ, 1985, op., cit., p. 109-110.
[50] Ibid, p. 109; MENA, 1987, op., cit., p. 102.
[51] TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 202; PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 178.
[52] PIZARRO, 1959, op., cit., p. 80; MENA, 1987, op., cit., p. 145; RUIZ DE ARCE, Juan. Advertencia que hizo el fundador de el vinculo y mayorazgo a los supsesores en el. In: STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002, p. 86.
[53] MAC COMARCK, Sabine G. Atahualpa y el libro. **Revista de Índias**, Madrid, v. 48, n. 184, p. 693-714, 1988, p. 705.
[54] MENA, 1987, op., cit., p. 103.

não vendo nada que o admirasse, o Inca o arremessou para longe de si. Esse gesto bastou para que a hoste conquistadora atacasse, pois juristas e teólogos espanhóis haviam tratado sobre as razões que podiam legitimar a conquista, uma delas era a não aceitação explícita do cristianismo. Acredita-se que Vicente de Valverde foi ao encontro do Inca provavelmente para cumprir o que havia sido disposto pelo Imperador de que aos índios em cujas terras entrassem pela primeira vez os espanhóis, fazia-se necessário ler um Requerimento que desse a conhecer o motivo da vinda desses e as razões pelas quais os indígenas deveriam sujeitar-se ao cristianismo e aos reis da Espanha:

> *De parte del rey, Don Fernando, y de su hija, Doña Juana, reina de Castilla y León, domadores de pueblos bárbaros, nosotros sus siervos, os notificamos y os hacemos saber, como mejor podemos, que Dios nuestro Señor, uno y eterno, creó el cielo y la tierra, y un hombre y una mujer, de quien nos y vosotros y todos los hombres del mundo fueron y son descendientes y procreados, y todos los que después de nosotros vinieran […] De todas estas gentes Dios nuestro Señor dio cargo a uno, que fue llamado San Pedro, para que de todos los hombres del mundo fuese señor y superior a quien todos obedeciesen […] A este llamaron Papa, porque quiere decir, admirable, padre mayor y gobernador de todos los hombres […] Uno de los Pontífices pasados que en lugar de éste sucedió en aquella dignidad y silla que he dicho, como señor del mundo hizo donación de estas islas y tierra firme del mar Océano a los dichos Rey y Reina y sus sucesores en estos Reinos, con todo lo que en ella hay, según se contiene en ciertas escrituras que sobre ello pasaron, según se ha dicho, que podréis ver si quisieseis […] Por ende, como mejor podemos, os rogamos y requerimos que entendáis bien esto que os hemos dicho, y toméis para entenderlo y deliberar sobre ello el tiempo que fuere justo, y reconozcáis a la Iglesia por señora y superiora del universo mundo, y al Sumo Pontífice, llamado Papa, en su nombre, y al Rey y Reina doña Juana, nuestros señores, en su lugar, como a superiores y Reyes de esas islas y tierra firme, por virtud de la dicha donación y consintáis y deis lugar que estos padres religiosos os declaren y prediquen lo susodicho. Si así lo hicieseis, haréis bien, y aquello que sois tenidos y obligados, y sus Altezas y nos en su nombre, os recibiremos con todo amor y caridad, y os dejaremos vuestras mujeres e hijos y haciendas libres y sin servidumbre, para que de ellas y de vosotros hagáis libremente lo que quisieseis y por bien tuvieseis, y no os compelerán a que os tornéis cristianos, salvo si vosotros informados de la verdad os quisieseis convertir a nuestra santa Fe Católica, como lo han hecho casi todos los vecinos de las otras islas, y allende de esto sus Majestades os concederán privilegios y exenciones, y os harán muchas mercedes. Y si así no lo hicieseis o en ello maliciosamente pusieseis dilación, os certifico que con la ayuda de Dios, nosotros entraremos poderosamente contra vosotros, y os haremos guerra por todas las partes y maneras que pudiéramos, y os sujetaremos al yugo y obediencia de la Iglesia y de sus Majestades, y tomaremos vuestras personas y de vuestras mujeres e hijos y los haremos esclavos, y como tales los venderemos y dispondremos de ellos como sus Majestades mandaren, y os tomaremos vuestros bienes, y os haremos todos los males y daños que pudiéramos, como a vasallos que no obedecen ni quieren recibir a su señor y le resisten y contradicen; y protestamos que las muertes y daños que de*

> *ello se siguiesen sea a vuestra culpa y no de sus Majestades, ni nuestra, ni de estos caballeros que con nosotros vienen […]*[55]

Este texto havia sido escrito em 1512 pelo Dr. Palácios Rubios. Posteriormente, por cédula real de 17 de novembro de 1526, o imperador Carlos V ordenava que não deveria haver conquista sem informar aos índios sobre sua "liberdade" de submeter-se pacificamente à cristandade e à soberania de Espanha, utilizando-se para isso do referido documento. De acordo com Mac Comarck, todos os historiadores da conquista do Peru escreveram levando em consideração esse preceito - de que o Requerimento teria sido lido - tanto para acusar os espanhóis de atos ilegais, como para perdoar tais atos[56]. É o caso de Rubens Vargas Ugarte, que acredita que o dominicano levava consigo o Requerimento e que começou a lê-lo ao Inca ajudado pelo intérprete. Atahualpa, tendo perdido a paciência por não compreender muito bem o discurso, pediu o livro e não achando nada de interessante nele o arremessou ao solo[57]. Mas o problema que isso suscita é saber se o diálogo entre Valverde e Atahualpa estava mesmo de acordo com o previsto pela cédula real. Pela leitura das crônicas que analisamos, percebemos que nenhum cronista menciona claramente a leitura do Requerimento por Valverde nesse momento, mas afirmam que o dominicano falava de Deus e de suas palavras, contidas no livro que segurava:

> *[…] Yo soy sacerdote de Dios, y enseño a los christianos las cosas de Dios, y asimesmo vengo a enseñar a vosotros. Lo que yo enseño es lo que Dios nos habló, que está en este libro. Y por tanto, de parte de Dios y de los christianos te ruego que seas su amigo, porque así lo quiere Dios; y venirte ha bien dello; y ve a hablar al Gobernador, que te está esperando […]*[58].

O mesmo pode ser verificado no relato de Miguel de Estete:

> *[…] le comenzó a decir cosas de la Sagrada Escriptura y que Nuestro Señor Jesucristo mandaba que entre los suyos no hubiese guerra ni discordia, sino toda paz, y que él en su nombre ansí se lo pedía y requería […] las cuales palabras y otras muchas que el Fraile dijo, él estuvo callando sin volver respuesta, y, tornándole a decir que mirase lo que Dios mandaba, lo cual estaba en aquel libro que llevaba en la mano, escripto […]*[59]

Alguns meses antes, quando a expedição passava pelo povoado de Poechos, podemos verificar que a leitura do Requerimento é claramente mencionada por Francisco de Xerez:

---

[55] Requerimiento de 1513. Disponível em: <http://www.gabrielbernat.es/espana/leyes/requerimiento/requerimiento.html> Acesso em: 7 jun. 2010.
[56] MAC COMARCK, 1988, op., cit., p. 696.
[57] VARGAS UGARTE, Rubéns. **Historia General del Perú**: el descubrimiento y la conquista. Lima: Milla Batres, 1971, vol. 1, p. 52.
[58] XEREZ, 1985, op., cit., p. 111.
[59] ESTETE, 1987, op., cit., p. 295-296.

> *[…]Y todos los más caciques que había el río abajo vinieron de paz al Gobernador, y los deste pueblo le salieron a recibir al camino. El gobernador los recibió a todos con mucho amor, y les notificó el requerimiento que sus majestades mandan para atraellos en conoscimientos y obediencia de la Iglesia y de sus majestades […]*[60]

Em outros cronistas podemos encontrar apenas indícios da leitura do Requerimento por estarem presentes menções a palavras correlatas as que constam nesse documento, além da preocupação do frei em explicar a Atahualpa o motivo de estarem ali perante ele. Em se tratando dos primeiros relatos escritos pelos primeiros conquistadores das terras incaicas, é necessário que se faça um esclarecimento: seus textos são muito sucintos, visto que os cronistas dos primeiros tempos temiam como grande mal, a prolixidade - como vimos no primeiro capítulo - e por isso, infelizmente, deixaram de escrever sobre muitas coisas por temerem ser prolixos. Por isso mesmo é que cogitamos a hipótese de que o Requerimento possa ter sido lido a partir desses indícios. Assim, Trujillo narra que o dominicano "procurou dar-lhe a entender ao efeito que vínhamos, e que por mandado do Papa, um filho que tinha, Capitão da cristandade, que era o Imperador nosso senhor. E falando com ele palavras do Santo Evangélio"[61]. Para Hernando Pizarro, Valverde: "disse-lhe que era sacerdote, e que era enviado pelo Imperador para que lhes ensinasse as coisas da fé, se quisessem ser cristãos, e disse-lhe que aquele livro era das coisas de Deus"[62]. E Pedro Pizarro escreveu que o capitão "enviou ao padre frei Vicente de Valverde […] para falar com Atahualpa e requerer-lhe da parte de Deus e do Rei que se sujeitasse à lei de Nosso Senhor Jesus Cristo e ao serviço de Sua Majestade"[63]. Além do mais, um dos primeiros aspectos dos procedimentos da conquista era o uso de iniciativas legalistas para atribuir certa legitimidade à expedição[64]. Os líderes políticos e religiosos da Espanha exigiam a implementação do Requerimento e todos os conquistadores que almejassem reconhecimento oficial deveriam assim proceder, lendo em voz alta para os nativos o dito documento[65].

Outro problema suscitado pelo diálogo entre Valverde e Atahualpa afora saber se o Requerimento teria sido lido ou não, é saber se o Inca entendia claramente o que o

---

[60] XEREZ, 1985, op., cit., p. 77.
[61] TRUJILLO, 1985, op., cit., 202.
[62] PIZARRO, 1959, op. cit., p. 80.
[63] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 178.
[64] RESTALL, 2006, op., cit., p. 51.
[65] SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na conquista européia do Novo Mundo** (1492-1640). São Paulo: Editora da Unesp, 1999, p. 120.

dominicano queria dizer e, mais que do isso, se o intérprete[66] conseguia traduzir corretamente as palavras do frei[67]. Provavelmente o Inca não entendeu várias coisas, por falta de vocábulos quéchuas correspondentes a termos cristãos, mas certamente entendeu que os espanhóis queriam que renunciasse ao trono e se submetesse a eles. Por esse motivo - de que Atahualpa poderia não ter entendido muito bem a mensagem cristã de Valverde - alguns historiadores condenam a atitude do frei quando o soberano arremessa o livro ao solo. Segundo os cronistas, depois disso o dominicano se dirigiu a Pizarro e o animou para que capturasse o Inca, já que este havia rechaçado o cristianismo ao desrespeitar a Sagrada Escritura, legitimando, dessa forma, a conquista, o que isentava os espanhóis de toda a culpa pelas mortes que viessem a ocorrer conforme podemos observar no texto do Requerimento. Entre esses autores encontram-se dois jesuítas: Enrique Fernández García[68] e Rubens Vargas Ugarte[69] que são ajudados, sem dúvida, pelos cronistas que descrevem um dominicano impiedoso, suscitador do combate. Assim, de acordo com Mena, depois que Atahualpa arremessou ao solo o livro "o padre voltou logo gritando: 'Saiam, saiam cristãos e venham a estes inimigos cães, que não querem as coisas de Deus, aquele Cacique jogou ao solo o livro de nossa santa lei' "[70]. E de acordo com Estete, o frei

> *[…] tomó su libro y abajó su cabeza y fuese para donde estaba el dicho Pizarro, casi corriendo, y díjole: '¿No veis lo que pasa? Para qué estáis en comedimientos y requerimientos con este perro lleno de soberbia, que vienen los campos llenos de indios. Salid a él, que yo os absuelvo' […]*[71]

Diego de Trujillo narra ainda que o dominicano teria dito que "Atahualpa está feito um Lúcifer"[72]. Seguindo uma prática comum desde os primórdios da Conquista americana

---

[66] "Em 1528, Pizarro adquiriu um par de garotos indígenas no litoral norte do Peru. Levados para a Espanha em 1529, aprenderam espanhol e foram trazidos de volta para a expedição de Conquista de 1531, atuando como intérpretes em Cajamarca em 1532, quando Atahuallpa foi capturado. Como Malinche no México, ambos tornaram-se conhecidos – e até famosos – entre espanhóis e nativos. Batizados, no diminutivo, de Felipillo e Martinillo, o último conseguira mais tarde intitular-se Dom Martín Pizarro [...]". RESTALL, 2006, op., cit., p. 160. Miguel de Estete, põe ênfase na capacidade dos intérpretes indígenas, talvez para dar mais veracidade à suas informações: *"[...] Es de saber que los indios de la tierra se entendían muy bien con los españoles, porque aquellos muchachos indios que en el descubrimiento de la tierra Pizarro trujo a España, entendían muy bien nuestra lengua, y los tenía allí, con los cuales se entendía muy bien con todos los naturales de la tierra […]".* ESTETE, 1987, op., cit., p. 289.

[67] Cabe ressaltar, seguindo ao historiador Matthew Restall que "[...] houve inúmeros problemas de comunicação durante a Conquista, mas afirmar que estes desequilibraram a balança e beneficiaram o lado hispânico a ponto de explicar a Conquista como um todo seria ignorar a complexidade da interação entre espanhóis e nativos". Ibid, p. 176.

[68] FERNÁNDEZ GARCIA, Enrique**. Peru cristiano.** Primitiva evangelización de Iberoamérica y Filipinas, 1492-1600, y Historia de la iglesia en el Perú, 1532-1900. Lima: PUCP, 2000.

[69] VARGAS UGARTE, 1971, op., cit.

[70] MENA, 1987, op. cit., p. 103.

[71] ESTETE, 1987, op. cit., p. 296.

[72] TRUJILLO, 1985, op., cit., 202.

pelos espanhóis[73], o soberano Inca foi feito prisioneiro "e em espaço de duas horas [...] toda aquela gente foi desbaratada. E em verdade não foi por nossas forças, que éramos poucos, senão pela graça de Deus, que é muita"[74]. Aqui, mais uma vez, podemos notar a crença desses homens na ajuda divina, já que eram tão poucos espanhóis combatendo a muitos indígenas[75]:

> *[...] y así se pasó aquella noche con gran regocijo y placer de la vitoria que Nuestro Señor nos había dado, poniendo mucho recabdo en hacer guardia a la persona de Atabalica, para que no volviesen a tomárnosle. Cierto fue permisión de Dios y grand acertamiento, guiado por su mano, porque si este día no se prendiera, con la soberbia que traía, aquella noche fuéramos todos asolados por ser tan pocos, como tengo dicho, y ellos tantos*[76].

Esses homens acreditavam que tinham como missão levar aos infiéis o conhecimento da verdadeira fé, por isso Deus os amparava em suas batalhas, ou seja, eles se enxergavam como os "homens eleitos" para desempenhar essa tarefa. Essa concepção fora comum entre os homens do século XVI e XVII, espanhóis e portugueses tenderam a se considerar o "povo eleito" para realizar a unificação religiosa da terra[77]. No caso da conquista do *Tawantinsuyu*, não foi diferente e tão notável feito, visto que os espanhóis desbarataram uma tão numerosa hoste, sendo tão poucos, só poderia ser um milagre:

> *[…] El Gobernador dijo con mucha alegría: 'Doy muchas gracias a Dios nuestro señor, y todos, señores, las debemos dar, por tan gran milagro como en este día por nosotros ha hecho. Y verdaderamente podemos creer que sin especial socorro suyo no fuéramos parte para entrar en esta tierra, cuanto más para vencer una tan gran hueste. Plega a Dios por su misericordia, que pues tiene por bien de nos hacer tantas mercedes, nos dé gracia para hacer tales obras, que alcancemos su santo reino […]*[78]

Em troca de sua liberdade e com receio de que o matassem, Atahualpa prometeu ouro e prata aos espanhóis, bem consciente de que estes os tinham em grande estima[79]. Depois

---

[73] RESTALL, 2006, op., cit., p. 60-62.
[74] MENA, 1987, op., cit., p. 103-104.
[75] *"Cualquier intento de explicar el extraordinario éxito de una empresa llevada a cabo por un grupo tan reducido de hombres frente a la aplastante superioridad numérica de sus adversarios, debe tener necesariamente en cuenta tanto las aspiraciones individuales del conquistador como la disposición de la sociedad de la cual procedía para aceptar su validez y apreciar su realización. El conquistador sabía que se arriesgaba a perecer en cualquier momento, pero también sabía que, si sobrevivía, volvería rico a un mundo en el que la riqueza confería rango y poder. Por otra parte, si moría, tenía el consuelo de morir por la Fe y la esperanza de su salvación. La religiosidad de los conquistadores les daba una fe inquebrantable en la justicia de su causa y en la certidumbre de su triunfo […]".* ELLIOTT, 1972, op., cit., p.64.
[76] ESTETE, 1987, op., cit., p. 297.
[77] DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 194.
[78] XEREZ, 1985, op., cit., p. 114.
[79] *"[…] dijo que toda la tierra era muy rica de oro e plata, y que le parecía que aquellos metales eran lo que más nosotros estimábamos […]"* ESTETE, 1987, op., cit., p. 299*; "[…]dijo al Gobernador que bien sabía lo que ellos buscaban. El Gobernador le dijo que la gente de guerra no buscaba otra cosa sino oro para ellos y*

de receberem o resgate, mais ou menos uns nove meses mais tarde, os espanhóis executaram o Inca e prosseguiram com a conquista. No encontro de Cajamarca, marcado pela queda do *Tawantinsuyu*, percebemos que os conquistadores tinham claramente a idéia de que praticavam uma "guerra santa", justa. O ardor religioso servia como justificador da conquista, uma vez que a não aceitação explícita do cristianismo bastava para legitimar os atos dos espanhóis, acalmando talvez as consciências mais críticas. Além disso, o auxílio divino era a explicação para uma tão "gloriosa conquista". Essa idéia está expressa claramente quando Pizarro diz a Atahualpa que ele havia perdido a batalha para tão poucos espanhóis porque seu Deus era falso e não o havia socorrido, ao que o Inca concorda:

> *[...] y por vivir como han vivido, sin conocer a Dios, permitió que con tan gran poder de gente como tenía, fuese desbaratado y preso de tan pocos christianos. Que mirase cuán poca ayuda le había hecho su dios, por donde conocería que es el diablo que los engaña. Atabaliba dijo que, como hasta entonces no habían visto christianos él ni sus antepasados, no supieron esto; y que él había vivido como ellos; y más dijo Atabaliba, que estaba espantado de lo que el Gobernador le había dicho; que bien conocía que aquel que hablaba en su ídolo no es dios verdadero, pues tan poco le ayudó.*[80]

Essa idéia propagada pelos primeiros colonizadores – de que o Deus cristão havia vencido a batalha – parece-nos que encontrou bastante eco entre os indígenas, pois na segunda metade do século XVI quando veio à tona um movimento de resistência nativo denominado *Taky Onqoy*, descobriu-se que seus seguidores propagavam que Francisco Pizarro os havia vencido em Cajamarca porque o Deus cristão havia vencido as *huacas*[81], mas agora elas haviam ressuscitado e retomariam seu domínio[82]. Assim, os *taquiongos* abandonavam tudo o que tivesse a ver com o conquistador espanhol, como nomes, vestimentas, produtos alimentícios e, claro, a religião cristã e seus símbolos, na tentativa de "boicotar" a sociedade

---

para su señor, el Emperador. EL Cacique dijo que él les daría tanto oro como cabría en un apartado que allá estaba […]" MENA, 1987, op., cit., p. 105; *"[…] dile a estos cristianos que no me maten y dallese esta casa en que estamos de oro […]"* RUIZ DE ARCE, 2002, op., cit., p. 88; *"[…] dijo que dijese al marqués don Francisco Pizarro que no le matase, y que él le daría mucho oro y plata […]"* PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 179*; "[…] dijo al Gobernador que daría para los españoles que le habían prendido mucha cantidad de oro y plata […]"* XEREZ, 1985, op., cit., p. 122; *"[…] É visto que los chripstianos recogian algun oro, dixo Atabaliba al gobernador que no se curasse de aquel oro, que era poco: quél le daria diez mil tejuelos é le henchiria de pieças de oro aquel buhio, en que estaba […]"* PIZARRO, 1959, op., cit., p. 81.

[80] XEREZ, 1985, op., cit., p. 124.

[81] Nome genérico dado a ídolos e templos andinos.

[82]"[…] *ellos creyeron que todas las huacas del reino, cuantas habían resucitado [...] que todos andaban por el aire ordenando el dar batalla a Dios, y vencerle, y que ya traían de vencida, y que cuando el Marques entró en esta tierra, había Dios vencido a las huacas y los españoles a los indios; empero que agora daba la vuelta el mundo, y que dios y los españoles quedaban vencidos desta vez y todos los españoles muertos".* MOLINA, Cristobal de. **Ritos y fabulas de los incas**. Buenos Aires: Futuro, 1959, p. 99.

colonial em formação[83]. Esse movimento foi combatido pela Igreja com as visitas de extirpação de idolatrias e seus predicadores e cúmplices eram condenados a receber açoites, terem seus cabelos raspados, serem desterrados ou à prestação de serviços[84], penas semelhantes às aplicadas pela Inquisição.

Além de se considerarem os "homens eleitos" para levar a palavra de Deus aos infiéis e por isso mesmo, contando com sua ajuda, os espanhóis se consideravam – ao mesmo tempo em que justificavam a conquista – os "salvadores" desse povo, pois que vieram arrebatá-los do jugo de um tirano:

> *[…] Algunos dijeron que por sus pecados murió en tal dia y hora como fue preso; y así pago los grandes males y crueldades que en sus vasallos había hecho; porque todos a una vez dicen que fue el mayor carnicero y cruel que los hombres vieron; que por muy pequeña causa asolaba un pueblo, por un pequeño delito que un solo hombre dél hobiese cometido; y mataba diez mil personas. Y por tiranía tenia subjecta toda aquella tierra. Y de todos era muy mal quisto*[85].

Assim, repetidas vezes encontramos descrições parecidas que ressaltam a crueldade de Atahualpa com seus súditos, Cristobal de Mena chega até a relatar que todos daquela terra se alegraram com a sua morte[86]. No episódio do encontro do Inca com o capitão Hernando Pizarro e alguns de seus homens, Atahualpa mandou executar alguns de seus criados porque esses se assustaram com um cavalo e retrocederam, dando um passo atrás[87], o que para os

---

[83] MILLONES, Luis. (Org.). **El retorno de las huacas**; estudios y documentos sobre el Taki Onkoy, siglo XVI. Lima: IEP, 1990, p. 332. *"[…] andaban predicando esta resurrección de las huacas diciendo que ya las huacas andaban por el aire secas y muertas de hambre porque los indios no le sacrificaban ya, ni derramaban chicha […] y que estaban enojadas con todo ello porque se habían bautizado, y que los había de matar a todos si no volvían a ellos, renegando la fe católica, y que los que querían su amistad y gracia, vivirían en prosperidad y gracia y salud, y que para volver a ellos ayunasen algunos días, no comiendo sal ni ají, ni durmiendo hombre con mujer, ni comiendo maiz de colores, ni comiendo cosas de Castilla, ni usando delllas en comer y ni en vestir, ni entar en las iglesias, ni rezar, ni acudir al llamamiento de los padres curas, ni llamarse nombre de cristiano; y que desta manera volverían en amor a las huacas y no los matarían asimismo que ya volvía el tiempo del Inca"*. MOLINA, 1959, op., cit., p. 100.

[84] ALBORNOZ, Cristóbal de. Informaciones de Cristóbal de Albornoz. In: MILLONES, 1990, op., cit., p. 43-308; Instrucción para descubrir todas las guacas del Pirú y sus camayos y haciendas. In: DUVIOLS, Pierre. Albornoz y el espacio ritual andino prehispánico. **Revista Andina,** Cuzco, n.1, p. 169-222, 1984; MOLINA, 1959, op., cit.

[85] XEREZ, 1985, op., cit., p. 155-156.

[86] *"[…] De la muerte deste Cacique se alegró toda aquella tierra […]"* MENA, 1987, op., cit., p. 115-116.

[87] *"[…] Después de idos los cristianos de allí, ellos pagaron bien lo que se retrajeron, que a ellos y a sus mujeres e hijos mandó el Cacique cortar las cabezas, diciendo que adelante habían ellos de ir, que no volver atrás, y que a todos los que volviesen atrás, había de mandar hacer otro tanto"*. MENA, 1987, op., cit., p. 99-100;
"[…] un escuadrón de gente, viendo venir el caballo para sí, se retrujo hacia atrás, lo cual, los que lo hicieron, pagaron aquella noche con las vidas, porque Atabalica los mandó matar porque habían mostrado temor […]". ESTETE, 1987, op., cit., p. 293; *"[…] el Atabalipa mandó matar e a estos indios que se levantaron y tuvieron miedo y a sus caciques que ahí estaban y sus hijos y mujeres, por poner temor a su gente […]"* PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 177; *"[…] mandó matar Atabalipa trescientos indios, porque habían huido, que otro día*

espanhóis só confirmava o que já tinham ouvido dos nativos durante o trajeto até Cajamarca sobre a maldade do soberano[88]. A imagem negativa de Atahualpa é tão acentuada que ele chega a ser descrito por Mena como um homem que bebia *chicha*[89] no crânio do irmão morto:

> *[…] pocos días antes, en una provincia que se dice Gomachuco, había muerto mucha gente y había prendido a un hermano suyo, el cual había jurado de beber con la cabeza del mesmo Atabalipa, y el Atabalipa bebía con la suya, porque yo lo vi, y todos los que se hallaron con el señor Hernando Pizarro, y él vio la cabeza con su cuero y las carnes secas y sus cabellos, y tiene los dientes cerrados, y allí tiene un cañuto de plata, y encima de la cabeza tiene un copón de oro pegado, por donde bebía Atabalipa cuando se le acordaba de las guerras que su hermano le había hecho, y echaban la chicha en aquel copón, y salíale por la boca y por el cañuto por donde bebía*[90].

Além de cruel com seus súditos, Atahualpa "havia tomado tiranamente"[91] o poder de seu irmão Huáscar, quando na verdade sabemos que, no momento em que os espanhóis aportaram em terras incaicas, o poder estava sendo disputado pelos dois: Huáscar e Atahualpa, filhos de Huayna Cápac. Este Inca permaneceu dez anos na região norte do *Tawantinsuyu* e se dedicou a efetuar numerosas conquistas; quando não guerreava contra alguma etnia rebelde permanecia em Tumipampa, lugar de seu nascimento e de sua preferência. Com Huayna Cápac estavam dois de seus filhos, Ninancuyuchi e Atahualpa e encarregados do governo da capital, Cuzco, estavam Hilaquita, Auqui Topa Inca, Topa Cusi Hualpa (Huáscar) e Tito Atauchi. Quando Huayna Cápac estava em Quito, faleceu vítima de uma epidemia, possivelmente de sarampo ou de varíola, enfermidades que apareceram como consequência da presença dos espanhóis em suas primeiras viagens à região andina. Morto Huayna Cápac, a disputa pela *mascapaicha*[92] estava entre os dois filhos do Inca, Huáscar e Atahualpa, filhos de duas esposas diferentes. O motivo principal da disputa entre os irmãos encontrava-se no fato de que não havia uma lei que regulamentasse a sucessão ao poder. Ao contrário do que os espanhóis pensaram, baseando-se em critérios europeus, a sucessão não

---

después del desbarate los hallamos muertos; matólos porque habían huido del caballo." TRUJILLO, 1985, op., cit., p. 201.

[88] *"[…] Este pueblo estaba muy destruido de la guerra que le había dado Atabalica […] El capitán envió a llamar al cacique de aquel pueblo, y luego vino, quejándose mucho de Atabalipa, de cómo los había destruído y muerto mucha gente, que de diez o doce mil indios que tenia, no le había dejado más de tres mil, y que aquellos días pasados estaba gente de guerra en aquel pueblo, y cómo supieron que venían los cristianos, que por temor dellos se habían ido. El señor capitán les dijo que estuviesen de paz con los cristianos y fuesen vasallos del Emperador, y que no tuviesen miedo de Atabalipa […]"* MENA, 1987, op., cit., p. 93.

[89] Bebida fermentada geralmente feita de milho.

[90] MENA, 1987, op., cit., p. 107.

[91] ESTETE, 1987, op., cit., p. 299.

[92] *"Mazcca paycha. Borla que era insígnia Real, o coroa de Rey"*. GONZALEZ HOLGUIN, Diego. **Vocabulário de la lengua general de todo el Peru llamada qquichua o del Inca**. Lima: UNMSM, 1989, 3ª ed., p. 232.

ocorria via filho legítimo, mas possuía variações na ausência de uma lei reguladora. Díez Canseco[93] destaca como principal requisito para a herança ao poder, a habilidade dos pretendentes.

Atahualpa, apesar de nascido em Cuzco, gozava de grande popularidade no Norte, onde havia passado a infância e a adolescência; assim, o exército de Quito lhe pertencia. Huáscar, por sua vez, possuía apoio no Sul, onde havia sido governador de Cuzco durante os últimos dez anos do reinado de seu pai. Depois de longos meses de disputa, em que os dois adversários aproveitaram para consolidar suas posições, Huáscar mandou executar alguns parentes de Atahualpa e lançou suas tropas ao Norte. Mas o exército de Atahualpa retomou logo Tumipampa, apoderou-se de Cajamarca e se preparava para investir contra Jauja, quando a notícia do aparecimento de indivíduos estranhos vindos do mar espalhou-se pelo *Tawantinsuyu.* Preso pelos espanhóis, Atahualpa foi acusado de ter mandado matar seu irmão Húascar, o "herdeiro legítimo", o que apoiou a justificativa para a sua execução, sendo ele o "bastardo e usurpador do trono"[94]. Mas, apesar de descrito como cruel, tirano e usurpador, em alguns momentos os cronistas não deixam de demonstrar certa admiração pelo Inca:

> *Atabaliba era hombre de treinta años, bien apersonado y dispuesto, algo grueso, el rostro grande hermoso y feroz, los ojos encarnizados en sangre; hablaba con mucha gravedad como gran señor. Hacía muy vivos razonamientos, que entendidos por los españoles, conocían ser hombre sabio; era hombre alegre, aunque crudo. Hablando con los suyos era muy robusto y no mostraba alegría […]*[95]

Miguel de Estete o descreve como um homem "muito sábio e discreto, e, ainda que sem luz e escrita, amigo do saber e de sutil entendimento"[96], além de majestoso, sereno, grave e desenvolto[97]. Para Pedro Pizarro, o Inca "era índio bem disposto, de boa personalidade, tipo físico mediano, de rosto formoso e grave, os olhos encarniçados, muito temido por seus homens"[98]. Francisco de Xerez também se admira com a gravidade de Atahualpa e com o respeito que os seus súditos lhes dispensavam, mesmo estando preso[99].

Porém, mesmo com tais descrições, o que prevalece é a imagem de um Atahualpa cruel e sanguinário e, ao mesmo tempo em que esses cronistas avaliam negativamente os

---

[93] DÍEZ CANSECO, Maria Rostworowski. **Historia del Tawantinsuyu.** Lima: IEP, 1988, p. 141.
[94] PEASE, Franklin, **Los incas**. Lima: PUCP, 2007, 4ª. ed., p. 160.
[95] XEREZ, 1985, op., cit., p. 123.
[96] ESTETE, 1987, op., cit., p. 290.
[97] Ibid., p. 292-293.
[98] PIZARRO, 1963-1965, op., cit., p. 186.
[99] *"[…] todos subjectos a Atabaliba, y como ante él llegaban, le hacían gran acatamiento besandole los pies y las manos. El los recebía sin Miralles. Cosa extraña es decir la gravedad de Atabaliba, y la mucha obediencia que todos les tenían. Cada día le traian muchos presentes de toda la tierra […]"* XEREZ, 1985, op, cit., p. 125.

indígenas e o Inca, se descrevem como homens misericordiosos e generosos que não vieram guerrear, mas trazer a palavra de Deus a todos aqueles que "quisessem" ser cristãos[100] e só guerreariam com aqueles que assim "pedissem"[101], ou seja, quem não aceitasse o domínio político e religioso de Castela, o que pode ser verificado claramente nas palavras de Pizarro: "eu a ninguém declaro guerra nem aborreço se ele não a busca"[102]; e nas de seu irmão Hernando: "o Governador nem os cristãos não tratam mal aos caciques se não querem guerra com ele, porque os bons que querem ser seus amigos trata-os muito bem, e aos que querem guerra a pratica até destruí-los"[103].

Acerca da bondade de Pizarro, essa qualidade é ressaltada, sobretudo no relato de seu escrivão, entre as muitas "boas ações" descritas por ele se destaca a benevolência com que o capitão demonstrava a seus inimigos. Assim, Xerez nos conta que depois de vencerem o exército de Atahualpa em Cajamarca, alguns opinaram que matassem todos os indígenas vencidos ou lhes cortassem as mãos. Pizarro não concordou "dizendo que não era bom fazer – lhes tão grande crueldade"[104], pois "bastavam aqueles que foram mortos em batalha, aqueles que haviam sido trazidos como ovelhas ao curral não era bom que morressem e nem que lhes fizessem dano"[105] e assim foram soltos. Além disso, descreve que Pizarro sempre tratara bem ao soberano Inca. Durante a batalha, inclusive, se não fosse pela ajuda do capitão, Atahualpa teria sido morto e, por ajudá-lo, Pizarro ganhou um ferimento na mão[106]. Depois, durante o tempo em que esteve preso, o capitão lhe dispensara um bom tratamento, fazendo-o sentar a sua mesa e servindo-lhe como a si mesmo, oferecendo-lhe mulheres, além disso, mandou que lhe fizesse uma boa cama, no mesmo local onde dormia, sem que estivesse em uma prisão,

---

[100] *"El gobenador le dixo que no venia a haçer guerra á los indios, sino quel Emperador, nuestro señor, que era señor de todo el mundo, le mandó venir porque le viesse é le hicése saber las casas de nuestra fée, para si quisiesse ser chrspstiano, é que aquellas tierras é todas las demás eran del Emperador, é que le avia de tener por señor; e le dixo que era contento […]".* PIZARRO, 1959, op., cit., p. 80.

[101] *"[…] mandó a este capitán que les hiciese guerra, pues eran rebeldes y habían muerto a los christianos; y que a si después de haber castigado conforme al delicto que habían cometido, viniesen de paz, que los recibiese conforme a los mandamientos de sus majestades, y que con ellos los requiriese, y llamase […]"* XEREZ, 1985, op., cit., p.74; *"[…] supo el Gobernador que ciertos caciques que viven en la sierra no querían venir de paz, aunque eran requeridos por los mandamientos de su majestad; y envió un capitán con veinte y cinco de caballo y gente de pie para traellos al servicio de su majestad […] El les fue a requerir que viniesen de paz, y ellos vinieron de guerra, y el capitán salió contra ellos, y en breve tiempo, hiriendo y matando, fueron desbaratados los índios. El capitán les tornó a requerir que viniesen a él de paz; donde no que les haría guerra hasta destruirlos; y así, vinieron de paz, y el capitán los recibió […]"* p. 78.

[102] XEREZ, 1985, op., cit., p. 99.

[103] Ibid., p. 107.

[104] XEREZ, 1985, op., cit., p. 116.

[105] loc., cit.

[106] *"[…] Los españoles hicieron tal matanza en los que tenían las andas, que cayeron en ele suelo; y si el gobernador no defendiera a Atabaliba, allí pagara el soberbio todas las crueldades que habia hecho. El Gobernador, por defender a Atabaliba, fue herido de una pequeña herida en la mano […]"* XEREZ, 1985, op., cit., p. 112.

somente vigiado por guardas[107]. Assim, mesmo preso, estava muito alegre, pois o Governador lhe tratava muito bem[108].

Assim é como esses espanhóis se viam: homens justos que vieram em paz; de acordo com suas concepções, sua luta era legítima, o que nos faz pensar que eles achavam "natural" e "obrigatório" a aceitação indígena do domínio hispânico[109] e "faziam justiça"[110] com os que relutassem em aceitar algo que para eles seria "normal". Nos relatos da conquista do *Tawantinsuyu* percebemos que duas imagens cunhadas pelos espanhóis acerca de si mesmos se fazem muito presentes: eles aparecem como seres abençoados pela Providência Divina, conforme exposto nesse capítulo; e a conquista como uma proeza levada a cabo por indivíduos sacrificados e audazes, que passaram por uma série de aventuras antes que "triunfassem", conforme demonstrado, sobretudo ao longo do segundo capítulo. No caso da Providência Divina, esta demonstra algo sobre a mentalidade da época: a visão e a justificativa cristã da conquista. Já a questão da heroicidade dos espanhóis, muitas vezes está ligada à finalidade da escrita do relato: demonstrar o quanto tinham sido bons os serviços prestados à Coroa no Novo Mundo com o intuito de receber recompensas econômicas em forma de cargos e títulos, além do engrandecimento moral dos próprios feitos.

---

[107] *Así, se fueron a cenar, y el Gobernador hizo asentar a su mesa a Atabaliba haciéndole buen tratamiento, y sirviéronle como a su mesma persona; y luego le mandó dar de sus mujeres que fueron presas las que él quiso para su servicio, y mandóle hacer una buena cama en la cámara que el mismo Gobernador dormía, teniéndole suelto sin prisión, sino las guardas que velaban […]".* XEREZ, 1985, op., cit., p. 114.
[108] Ibid., p. 125.
[109] VALCÁRCEL MARTÍNEZ, 1997, op., cit., p. 191.
[110] *"[…] Destos hizo justicia, quemando algunos, y a de otros cortando las cabezas"*; *"[…] mandó hacer justicia, quemando al cacique de Almotaje […]"* XEREZ, 1985, op., cit., p. 73 e 80.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho buscamos mapear uma série de representações construídas pelos espanhóis em suas tentativas de conquistar o território incaico. As expectativas que o Novo Mundo oferecia ao horizonte desses homens e os motivos que os animavam a se aventurarem em expedições conquistadoras nortearam os nossos questionamentos iniciais. Para tanto, fez-se necessário também adentrar as dimensões do imaginário desses espanhóis do início do século XVI, buscando compreender melhor quem era esse homem do limiar da Era Moderna que partia dos portos espanhóis rumo ao desconhecido. Descobrimos que para os homens que partiam para a conquista do *Tawantinsuyu*, a viagem para o Novo Mundo significava o sonho de um futuro melhor, haja vista que não podiam esperar muito da sociedade a qual pertenciam. Para a maioria, não oriunda de linhagens nobres, essa era uma oportunidade de, através da espada, conseguir o prestígio e a honra que lhes fora recusado. Mediante a descoberta de riquezas era possível enobrecer com a aquisição de títulos, cargos, *encomiendas* e, assim, "viver com nobreza", seja estabelecendo-se em solo americano ou regressando à terra natal.

Atentamos também para o fato de que esses ideais que envolviam a "aventura das Índias": a busca por riquezas, honra, fama e tudo o mais de positivo que os territórios de além-mar pudessem proporcionar era estimulado em grande medida por uma imaginário fascinante. Imaginário esse, advindo com as notícias dadas por Cristóvão Colombo em seus Diários. Mitos Antigos foram reavivados pelos escritos do navegador genovês como a fonte da juventude, o *El Dorado* ou as minas do Rei Salomão, as amazonas, para citar apenas alguns exemplos. Por sua vez, Colombo, assim como seus contemporâneos eram incitados pelos relatos dos viajantes medievais em suas andanças pelo Oriente e África e pela literatura cavaleiresca, tão em voga nesse momento. Esses últimos, além de estimularem a imaginação devido ao panorama de lugares exóticos, seres estranhos e tesouros fabulosos contidos em suas páginas, ofereciam um código de conduta do cavaleiro, um modelo de homem virtuoso a ser imitado: aceitação de desventuras e obstáculos, exaltado sentido de honra e dignidade pessoal, enfim, a busca por fama, riquezas e reinos.

Porém, podemos dizer que não raro, suas expectativas se desfaleciam ao aportarem no Novo Mundo e depararam-se com uma terra inóspita, povoada por indígenas hostis e belicosos. Vitimados pela fome, sede, enfermidades e pelos ataques indígenas que defendiam seu território, muitas vidas se perderam na busca pelo tão afamado território dos incas antes do "triunfo" em Cajamarca. Mesmo assim, após duas malfadas expedições, uma terceira foi

possível. Pizarro e Almagro, inclusive, sempre demonstraram determinação em querer levar a cabo a conquista de um território do qual, ao que tudo indica, possuíam apenas vagas notícias, objetivo que fora se tornando cada vez mais difícil. Sendo assim, podemos afirmar que o desejo de adquirir riquezas fora um estímulo muito poderoso para esses homens, o que nos faz concordar com Guillermo Giucci[1], para quem o "maravilhoso" americano estava ligado, sobretudo, pela esperança de enriquecimento. Sobre essa questão, buscamos assinalar o lugar e o valor dos metais preciosos para os homens desse período para que não incorrêssemos no equívoco ou mesmo no anacronismo de compreendê-los pelo único viés da *Leyenda Negra*: homens movidos pela cobiça do ouro. Assim, ressaltamos que a descoberta de riquezas minerais possibilitaria a esses homens conquistar cargos e títulos de nobreza, galgarem posições sociais, algo extremamente relevante no período. Destacamos também, ainda que brevemente, que para a defasada economia espanhola, a aquisição desses metais reluzentes poderia reverter essa situação desfavorável. Além disso, a descoberta de ouro e a prata tornavam possíveis a conquista e toda a empreitada colonial.

Por outro lado e ao mesmo tempo, procuramos demonstrar que a narrativa sobre todos os sofrimentos passados era também uma forma de fortalecimento moral e engrandecimento dos feitos dos espanhóis, o que ajudará a consolidar a imagem do heroísmo desses conquistadores, denominado por Matthew Restall[2] de o "mito dos homens excepcionais". Caso significativo nesse sentido, pudemos exemplificar com o episódio dos "treze da ilha do Galo", imortalizados pelos cronistas como os "treze da fama", em oposição aos "covardes" que não acreditaram na glória da conquista, desistiram de seguir em frente e retornaram ao Panamá, abandonaram alguns poucos "corajosos" que conquistaram um vasto Império. Acreditamos que esse interesse no engrandecimento dos atos e demonstrações de bravura, seja coletiva ou individualmente, tenha a ver com o fato de que isso possibilitaria o reconhecimento da Coroa mediante a outorga de títulos e cargos.

Buscamos ressaltar também que a imagem heroica construída por esses homens, muitas vezes se apoiava na fé cristã, na Providência Divina, ou seja, eles se viam como os homens eleitos, ajudados por Deus, que vieram salvar esse povo dos maus costumes e do jugo de um tirano. Daí as descrições sobre Atahualpa cumprirem essa função. Assim, a crença na Providência Divina servia para esses homens justificarem e legitimarem a conquista para os outros e para si mesmos. Além dessas representações construídas pelos cronistas que estudamos, buscamos compreender as impressões que tiveram sobre a terra e povos que

---

[1] GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
[2] RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

encontraram, levando em consideração que os espanhóis – como não havia de ser diferente, interpretaram o mundo incaico de acordo com modelos europeus que lhe eram familiares -, tarefa que fora se complicando ao longo da pesquisa. Isso porque, conforme expusemos no capítulo 1, esses cronistas temiam como grande mal a prolixidade e deixaram de relatar várias coisas em razão dessa aversão. A isso, acrescenta-se o fato de que lidamos com narrativas de primeira hora, escritas quase que concomitante aos fatos narrados. Esse "imediatismo", muitas vezes impossibilitou que esses homens abarcassem os fatos em toda sua projeção e importância, não se demorando muito em suas descrições nem esboçando grandes opiniões ou comentários. Considerações mais elaboradas sobre todo o processo de conquista é fruto de cronistas posteriores, quando a ação histórica já transcorrida torna mais madura a reflexão. Mesmo assim, nos foi possível perceber algumas poucas impressões comuns entre esses homens. Percebemos que essas impressões variavam de acordo com as circunstâncias e motivações do escritor e a quem o relato era endereçado. Assim, quando era necessário convencer a Coroa da viabilidade de se colonizar a terra ou quando deveriam demonstrar que a terra conquistada era recompensadora, as descrições são, em sua maior parte, positivas, enaltecedoras. Tais imagens estão presentes, sobretudo em relatos oficiais, endereçados ao rei ou a uma autoridade real. O contrário acontece, em relatos não-oficiais, como nas cartas que estudamos, mais "à vontade" para escrever sobre o vivido em solo americano, temos a impressão de que esses homens escreveram textos, cuja narrativa muitas vezes se distancia das representações paradisíacas. Isso tem a ver, com o próprio caráter do documento que se tem em mãos: ao analisarmos as cartas foi possível nos aproximar da intimidade daquele que escreveu, algo mais complicado de se fazer em se tratando das demais Relações.

As cartas, por sua vez, além de compartilharem de certos padrões de escrita, tais como a preocupação com a prolixidade, o que explica a brevidade dos textos, com a verdade, questão comum a todos os Cronistas de Índias, devedores da tradição humanista, compartilham da construção de certas "imagens-padrão" consolidadas sobretudo por cronistas posteriores. Referimo-nos aqui àqueles que escreveram obras mais gerais sobre as Índias como Gonzalo Fernández de Oviedo, Francisco Lopez de Gómara ou mesmo um dos mais estudados cronistas da conquista do *Tawantinsuyu*, Ciéza de León - ainda que não nos tenha sido possível esboçar um estudo comparativo entre eles no espaço dessa dissertação – uma vez que foi através de muitos desses relatos que a Europa conheceu essa porção do Novo Mundo, doravante conhecida como Império Inca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ESTETE, Miguel. El descubrimiento y conquista del Perú**.** In: SALAS, Alberto M. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú.** Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987. [15--]

MENA, Cristóbal de. La conquista del Perú llamada la Nueva Castilla. In: SALAS, Alberto M. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú.** Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987. [1534]

PIZARRO, Hernando. Carta de Hernando Pizarro a la Audiencia de Santo Domingo. In: PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de Bibliófilos Peruanos, 1959. [1533]

PIZARRO, Pedro. Relación del descubrimiento y conquista de los reinos del Perú. In: FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965. [1571]

PORRAS BARRENECHEA, Raúl. **Cartas del Perú** (1524-1543). Lima: Edición de la Sociedad de los Bibliófilos Peruanos, 1959.

RELACIÓN-Sámano. In: Maria Concepción Bravo Guerrera (Ed.). **Verdadera Relación de la conquista del Perú**. Madrid: Historia 16, 1985. [15--]

RUIZ DE ARCE, Juan. Advertencia que hizo el fundador de el vinculo y mayorazgo a los supsesores en el. In: STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002.

SANCHO DE HOZ, Pero. Relación para S. M. de lo sucedido en la conquista y pacificación de estas provincias de la Nueva Castilla. In: AROCEMA, Luis. **La relación de Pero Sancho**. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986. [1534]

TRUJILLO, Diego de. Relación del descubrimiento del Reino del Perú. In: BRAVO GUERRERA, Maria Concepción (Ed.). **Verdadera Relación de la conquista del Perú.** Madrid: Historia 16, 1985. [1571]

XEREZ, Francisco. **Verdadera relación de la conquista del Perú.** Edição de Maria Concepción Bravo Guerrera. Madrid: História 16, 1985. [1534]

Fontes secundárias

ALBORNOZ, Cristóbal de. Informaciones de Cristóbal de Albornoz. In: MILLONES, Luis. (Org.). **El retorno de las huacas**; estudios y documentos sobre el Taki Onkoy, siglo XVI. Lima: IEP, 1990. [15--]

_____. Instrucción para descubrir todas las guacas del Pirú y sus camayos y haciendas. In: DUVIOLS, Pierre. Albornoz y el espacio ritual andino prehispánico. **Revista Andina,** Cuzco, n.1, p. 169-222, 1984. [15--]

ANDAGOYA, Pascual de. **Relación y documentos**. Edição de Adrián Básquez. Madrid: Historia 16, 1986. [15--]

GONZALEZ HOLGUIN, Diego. **Vocabulario de la lengua general de todo el Perú llamada qquichua o del Inca**. Lima: UNMSM, 1989. [1608]

MOLINA, Cristóbal de. **Ritos y fabulas de los incas**. Buenos Aires: Futuro, 1959. [1585]

REQUERIMIENTO de 1513. <http://www.gabrielbernat.es/espana/leyes/requerimiento/requerimiento.html> Acesso em: 7 jun. 2010.

ESTUDOS

ACOSTA RODRIGUEZ, Antonio. La extirpación de las idolatrías en el Perú. Origen y desarrollo de las campañas. A propósito de Cultura Andina y Represión de Pierre Duviols. **Revista Andina**, Cuzco, n.2, p. 171-195, 1987.

_____. Los doctrineros y la extirpación de la religión indígena en el arzobispado de Lima, 1600-1620. **JBLA,** Köln, v. 19, p. 69-109, 1982.

ARES QUEIJA, Berta et al. **Humanismo y visión del otro en la España moderna:** cuatro estudios. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.

_____. **Tomás López Medel**. Trayectoria de un clérigo-oidor ante el Nuevo Mundo. Guadalajara: Institución Provincial de Cultura, 1993.

AROCEMA, Luis A. **La relación de Pero Sancho.** Buenos Aires: Plus Ultra, 1986.

BACZKO, Bronistaw. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**: Anthropos-Homem**,** Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, v. 5.

BAKHTIN, Mikhail**. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. 2.ed. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1993.

BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. **Descubrimiento y conquista del Perú.** Madrid: Salvat Editores, 1963.

BAUDIN, Louis. **El imperio socialista de los incas.** Santiago: Zig-Zag, 1945.

BERMEJO CABRERO, José Luís. Orígenes del Oficio de Cronista Real. **Revista Hispania**, Madrid: CSIC, v. 40, n. 145, p. 395-414, ago/1980.

BERNAND, Carmen (Org.). **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años.** México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes/ Fondo de Cultura Económica, 1994.

_____; GRUZINSKY, Serge. **De la idolatria:** una arqueologia de las ciencias religiosas. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. **História do Novo Mundo**: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550). São Paulo: EDUSP, 2001.

BOUZA ÁLVAREZ, Fernando J. **Corre manuscrito**. Una Historia Cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial Pons, 2002.

_____. **Del escribano a la biblioteca**. La civilización escrita europea en la alta Edad Moderna (siglos XV-XVII). Madrid: Síntesis, 1997.

BRAVO GUERRERA, Maria Concepción. Cincuenta anos de edición y estudios de fuentes documentales y crónicas de Índias en España. **Revista de Indias**, Madrid: v. 50, n. 188, p. 9-50, 1990.

_____. ¿ Fue Francisco de Xerez el autor de la Relación-Sámano? Anotaciones al viaje de descubrimiento del Perú. **Anuario de Estudios Americanos**, Sevilha, n. 33, p. 33-55, 1976.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res) sentimento**. Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

CARBIA, Romulo. **Historia de la leyenda negra hispanoamericana**. Madrid: Consejo de la Hispanidad, 1944.

CARRILO ESPEJO, Francisco. **Cartas y cronistas del descubrimiento y la conquista**. Lima: Editorial Horizonte, 1987.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

_____. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____; CAVALLO, Guglielmo (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

CONY, Carlos Heitor; ALCURE, Lenira. **As viagens de Marco Polo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DECKMANN FLECK, Eliane Cristina. Nas franjas do texto e do tempo: sensibilidades no espaço das experiências reducionais. **Revista de História**, São Paulo, v. 156, p. 59-77, 2007.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento.** Lisboa: Estampa, 1984.

_____. **História do medo no Ocidente:** 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DÍEZ CANSECO, Maria Rostworowski. **Historia del Tawantinsuyu.** Lima: IEP, 1988.

DUVIOLS, Jean-Paul. Apuntes de arqueología literaria. In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. 1.

DUVIOLS, Pierre. **Cultura andina y represión**; procesos y visitas de idolatrías y hechicerías, Cajatambo, siglo XVII. Cuzco: Centro de Estudios Rurales Andinos Bartolomé de Las Casas, 1986.

DUTHURBURU, José Antonio del Busto. **Marchas y navegaciones en la conquista del Perú**. Lima: Instituto Riva-Agüero, 2006.

ELLIOTT, John Huxtable. **El Viejo Mundo y el Nuevo** (1492-1650). Madrid: Alianza Editorial, 1972.

_____. **La España imperial**. Barcelona: Vicens-Vives, 1972.

ERTZOGUE, Marina; PARENTE, Themis (Org.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ESTEVE BARBA, Francisco**. Historiografia indiana**. Madrid: Gredos, 1964.

FAZIO FERNÁNDEZ, Mariano. El honor español en las crónicas americanas de los siglos XVI y XVII. In: REGALADO DE HURTADO, Liliana; SOMEDA, Hidefuji (eds.) **Construyendo Historias**. Aportes para la historia hispanoamericana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

FERNÁNDEZ, Diego. **Crónicas del Perú**. Madrid: Atlas, 1963-1965.

FERNÁNDEZ GARCIA, Enrique. **Perú cristiano.** Primitiva evangelización de Iberoamérica y Filipinas, 1492-1600, y Historia de la iglesia en el Perú, 1532-1900. Lima: PUCP, 2000.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos (Trad. e Org.). **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru: EDUSC, 2007.

FREITAS NETO, José Alves; KARNAL, Leandro. **A escrita da memória**: interpretações e análise documentais. São Paulo: ICBS, 2004.

GAREIS, Iris. La idolatría andina y sus fuentes históricas: reflexiones en torno a Cultura andina y represión de Pierre Duviols. . **Revista de Índias**, Madrid, v. 50, n. 189, p. 607-626, 1990.

GERBI, Antonello. **La naturaleza de las Indias Nuevas.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

GIL, Juan. **Mitos y utopías del descubrimiento**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso:** o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GONZÁLEZ SÁNCHEZ, Carlos Alberto. Cerco a la imaginación: lectura y censura ideológica en la España del siglo XVI. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Ed.). **Libro y lectura en la Península Ibérica y América** (siglo XIII al XVIII). Salamanca: Junta de Castilla y León, 2003.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**; o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: EDUSP, 1996.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

KAPLLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 11-23, 2006.

LAVALLÉ, Bernard. **Francisco Pizarro**. Biografía de una conquista. Lima: IFEA, 2005.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. **O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LEONARD, Irving A. **Los libros del conquistador**. México, FCE, 1996.

LEVILLIER, Roberto. **El Paititi, El Dorado y las amazonas**. Buenos Aires: Enecé Editores, 1976.

LOCKHART, James. **Los de Cajamarca:** un estudio social y biográfico de los primeros conquistadores del Perú. Lima: Editorial Milla Batres, 1986, v. 1 e 2.

_____. **Spanish Peru,** 1532-1560; a colonial Society. London: The University of Wisconsin Press, 1968.

LOHMANN-VILLENA, Guillermo. **Francisco Pizarro**: testimonio, documentos oficiales, cartas y escritos varios. Madrid: CSIC, 1986.

MAC COMARCK, Sabine G. Atahualpa y el libro. **Revista de Indias**, Madrid, v. 48, n. 184, p. 693-714, 1988.

MAGASICH-AIROLA, Jorge; DE BEER, Jean-Marc. **América Mágica**: quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAHN-LOT, Marianne. **A conquista da América espanhola.** Campinas: Papirus, 1990.

MARAVALL, José Antonio. **Antiguos y modernos**. Visión de la Historia e idea de progreso hasta el Renacimiento. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

MARKHAN, Clements. **The incas of Peru.** London: s/ed, 1910.

MARRERO FENTE, Raúl. Teoría y práctica de los modelos historiográficos en la relación de los primeros descubrimientos de Francisco Pizarro y Diego de Almagro. In: REGALADO HURTADO, Liliana; SOMEDA Hidefuji. **Construyendo historias**. Aportes para la historia hispano-americana a partir de las crónicas. Lima: PUCP, 2005.

MEANS, Philip Ainsworth. **Ancient Civilizations of the Andes.** New York: Charles Scribner's Sons, 1931.

MENDIBURU, Manuel. **Diccionario histórico-biográfico del Perú**. Lima: Librería e Imprenta Gil, 1933, Tomos VI, VII e IX.

MILLONES, Luis. (Org.). **El retorno de las huacas**; estudios y documentos sobre el Taki Onkoy, siglo XVI. Lima: IEP, 1990.

SERNA, Mercedes (Ed.). **Crónicas de Índias** – Antologia. Madrid: Cátedra, 2005.

O' GORMAN, Edmund. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

PEASE, Franklin. **Los Incas.** Lima: PUCP, 2007.

_____. **Los últimos incas del Cuzco**. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

PIQUERAS CÉSPEDES, Ricardo. Episodios de hambre urbana colonial: las hambrunas de la Isabela (1494), Santa Maria la Antigua del Darién (1514) y Santa María del Buen Aire (1536). **Boletín Americanista**, Barcelona, n. 48, p. 211-223, 1998.

PORRAS BARRENECHEA, Raúl**. Fuentes históricas peruanas**. Lima: UNMSM, 1963.

_____. **Las relaciones primitivas de la conquista del Perú**. Lima: UNMSM, 1967.

_____. **Los cronistas del Perú (1528-1650)** y otros ensayos. Lima: Banco de Crédito del Perú, 1986.

PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. A inquisição espanhola e a bruxaria andina: evangelização e resistência. In: NOEJOVICH, Héctor. **América bajo los Austrias:** economía, cultura y sociedad. Lima: PUCP, 2001.

_____. Fronteiras discursivas em crônicas hispano-americanas da conquista. **Itinerários**, Varsóvia, n. 4, p. 151-160, 2001.

PRESCOTT, William. **Historia de la conquista del Perú**. Lima: Peisa, 19??. v.1 e 2.

REIS, Anderson Roberti; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Ideias**, Campinas, v. 2, n. 13, p. 25-41, 2006.

RESTALL, Matthew. **Sete mitos da conquista espanhola.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RIVA AGÜERO Y OSMA, José de la. **La historia del Perú.** Lima: Imprenta de Frederico Barrionuevo, 1910.

ROJAS MIX, Miguel. Los monstruos: ¿mitos de legitimación de la conquista? In: PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. A situação colonial. Campinas: UNICAMP, 1993, v. 1.

ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial: os conquistadores**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ROMERO, Carlos Alberto. **Los heroes de la isla del Gallo**. Lima: D. Miranda, 1944.

ROSTWOROWSKI DE DIEZ CANSECO, Maria. **Historia del Tahuantinsuyu**, Lima: IEP, 1988.

SALAS, Alberto M. **Crónicas iniciales de la conquista del Perú.** Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1987.

SANTISTEBAN OCHOA, Julián. **Los cronistas del Perú:** contribución al estudio de las fuentes de la historia peruana. Cusco: Libr. e Impr. D. Miranda, 1946.

SEED, Patrícia. **Cerimônias de posse na conquista européia do Novo Mundo** (1492-1640). São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

SOMEDA, Hidefuji. **El imperio de los incas**: imagen del Tawantinsuyu creada por los cronistas. Lima: PUCP, 2005.

STOLL, Eva. **La memoria de Juan Ruiz de Arce** (1543). Conquista del Perú, saberes secretos de caballería y defensa del mayorazgo. Madrid: Iberoamericana, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América;** a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VAINFAS, Ronaldo (Org.). **América em tempo de conquista.** Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Simón. **Las crónicas de Indias como expresión y configuración de la mentalidad renacentista.** Granada: Diputación Provincial, 1997.

VARGAS UGARTE, Rubéns. **Historia General del Perú:** el descubrimiento y la conquista. Lima: Carlos Milla Batres, 1971, v. 1.

VARÓN GABAI, Rafael. **La ilusión del poder:** apogeo y decadencia de los Pizarro en la conquista del Perú. Lima: IEP, IFEA, 1997.

_____. Las encomiendas de Hernando Pizarro. **Actas del IV Congreso Internacional de Etnohistoria**. Lima: PUCP, 1998, p. 535-549.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Alfabetización y primeras letras (siglos XVI y XVII). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Org.). **Escribir y leer en el siglo de Cervantes**. Madrid: Gedisa, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WEDIN, Ake. **El concepto de lo incaico y las fuentes.** Uppsala: Akaemiförlaget, 1966.